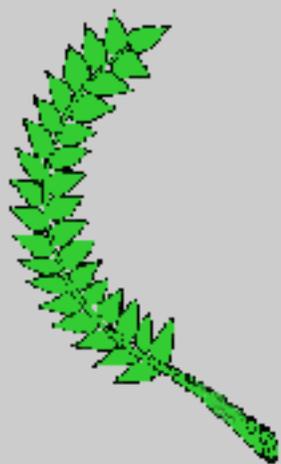
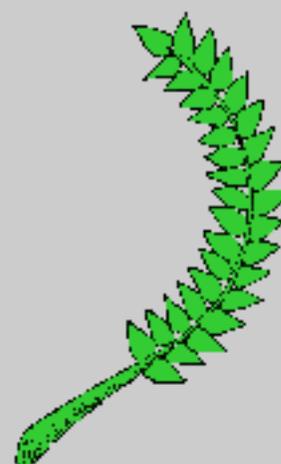

Arte Literária



Enleio o Vagar



Autor: Aliors

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

Enleio o Vagar

de Aliors

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © *Aliors**

* O autor opta por ser conhecido publicamente apenas por seu pseudônimo:
Aliors

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral.

Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF.

Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail
contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



Da poetisa a arte esvaída jamais voltou; chorou, ocultou-se em alcova qualquer. Pela poesia todas as paixões morreram, nada restou senão velas sobre jazigos melancólicos que se estendem derramando-se pela avermelhada colina distante do vilarejo. Os muros do cemitério parecem de igual maneira lamentar o fim dos sonhos, das aspirações, o fim das belezas. Os muros esfacelam e são como lágrimas que se despedem de uma antiga natureza. Deixaram também os muros de serem muros, e nada mais resta naquele triste vilarejo. As pessoas morrem, e todos os dias tudo se faz e desfaz, à morte oferta-se apático o último sonho.

Assombrosas construía-se as curvas do vilarejo, voluptuosas desejavam transparecer, ao dos ares profundos serem contempladas, sinuosas, alongadas, rudemente alongadas, qual singular flor entre perturbadoras lâminas de gelo, fulgurante, horrída, nefasta, de sangrenta beleza. Descolado do real emergiam traços do império naquele vilarejo, simetrias, tétricos arranjos, a melancolia impalpável da destruição adornava as formas, o espelho e o reflexo daquele lugar.

Ungidos ferro e lodo, qual inquebrantável maciço destino, serviam à constituição distantemente compreensível. Em nefasta simetria curvavam-se as vidas, um traço sutil, um enlace nas sombras, marcava o vir a ser de todos e de tudo. Caminhos imperfeitos do alto distante modelavam-se como arranjos supremos, de tudo um ar sem fim exalava o destino e o reflexo dos seres. O vilarejo era a separação que impunha aos seres confundidos com as formas a aglutinarem ao aço as suas carnes comuns.

As formas de uma terrível visão ao lugar incorporavam-se, decrépitos homens negavam os sons da voz e faziam deles gritos ensandecidos ao vislumbrarem a morte das ruas. Obscuras passagens do ventre e do centro do vilarejo liberavam miasmas profundos, ruas malditas perfuravam o subterrâneo. Na superfície, pedras dilaceradas assumiam alinhamentos dominadores, e assim as gastas vielas submetiam os homens e as obras. As pessoas, tal qual espectros, lutavam por uma face singular tentando inutilmente desvencilharem-se da forma inanimada criada pelos humanos. Similares a imensos tubérculos, as construções drenavam as imperceptíveis matizes da vida, as obras tomavam para si os moradores daquele lugar. Como acólito fiel, a vida aceitava inerte a horrenda expressão da realidade.

Na colina esquecida esquecidos eram também os sentimentos, pela encosta o cemitério escorria, erguido distante, mas sempre presente nas impressões da mente, era a celebração da extinção. A morte era uma outra soberana daquelas extensões.

As águas das tempestades rompiam a porosa cobertura da colina e tornavam-se garras ao tocarem os corpos mortos. Ao mais sutil contato, as águas descoloriam a pele, os olhos cobriam, desmanchavam as roupas, partiam os olores capitosos das flores funestas, reviravam a terra consagrada, tombavam as lápides, lançando ao esquecimento as últimas escrituras, os tristes epitáfios. No fim, restava apenas uma inflada, flácida e podre massa sem forma. Toda vida, toda essência em um toque era dissipada.

As disformes árvores lugubrememente surgiam do lodo entre as pedras puídas que formavam as ruas, retorcidas árvores, exuberantes como gigantesco verme, de casca enegrecida pela podridão do tempo, de galhos finos e retorcidos, despojadas das intensas cores naturais, assumiam o aterrador aspecto da paisagem que compunham. Dispersas, cravejavam as raízes no solo e sob as casas modelavam emaranhados labirintos. Nas praças eram estátuas destroçadas tal qual antigos ídolos alquebrados pelos tempos que vieram,

deixavam as copas fundirem-se ao céu tornado sombras, as raízes saltavam do subsolo de maneira grotesca e encantadora, e assim remodelavam os contornos simplórios criados pelos artífices humanos. Desconheciam as árvores os caminhos da sua existência, eram algo do amálgama entre fungos e animais, imponentes e horrendas, amorfas construções no vazio entre a razão e a realidade. Por vezes, ofertavam pequenos frutos aos seres vivos. Alucinantes, tais frutos afastavam a todos por sua forma, pelo singular odor, pela textura e consistência. Quando inchados expeliam miríades esporos brancos; mais do que a ciência, a vida e a morte poderiam ao contato com a língua oferecer aqueles frutos. Quais sendas ocultavam, quais fascínios criaram, qual desígnio seguiam, por quais circunstâncias nasceram, eram todos mistérios. Não havia o que ser dito.

Do vilarejo as formas naturais eram uma simetria distante, um arranjo inconcebível conheciam. Horrores entre as raízes grossas e opulentas cresciam, a terra podre exalava sinais incompletos, como a desventura, nascia a relva musgosa, líquens repugnantes, flores que eram sangrentos borbotões vertendo doenças.

Nas águas paradas dos leitos subterrâneos, sussurros, vozes mefíticas, a sinfonia da desolação entoavam, um consolo, o suicídio, a benção ofertada.

Sinal, nas estátuas, nas perspectivas inacabadas de cada forma, trilhas impalpáveis, abismos condensados a porões gradeados, o vilarejo era um ponto disforme, um traço em larga construção. Além, erguiam-se soturnas cidades, espelhos todas as obras eram daquela que desconhece fim, sem limites há uma metrópole, vidros rasgados, do céu e obscuro solo conspurcadora, sem limites, por todas as partes procurava-se. A visão delirante era o vilarejo, um reflexo do que viria a ser e do que estava sendo.

Na praça, sussurros, sombras sensuais e soturnos seres segredavam os sofrimentos e os suplícios da existência fenecida. Dolorosas decepções, desesperados devaneios, desencantos da humana raça afetavam as obras, os muros, as calçadas, que também se retorciam ao ouvirem as funestas lembranças.

“O que desliza por aí?”

“Aqui? Diferença, insinua limpinho algo, diferente algo. Na noite, está vendo, ganhei um sonho.”

“Um sonho, Guímia, para que serve?”

“Servir, é para nada. De servir cansaram todos.”

“Se não é servir, é valor.”

“Verdade.”

Vinha severa voz cortando o vento. Cosme sabia sobre sonhos sombrias palavras.

“Se for bom sonho, Cosme, será apenas bom. Cada um no seu lugar.”

“Sonho bom não existe. É mal maior que viver as desgraças desta terra. Sonhar é um pacto danado, é trocar tocar por achar... não dá fim, quando começa vira um sem fim, sempre mente, sempre engana os homens da terra, sempre faz brilhar um brilho que não existe... tem fome de sempre querer mais, quando cai, o homem vê que era mentira... um caminho de falsidade, ele logo vira outro, brilha de outro jeito, e o homem, feito louco, feito cão de quem a fome nunca tem fim, vai querendo e devorando sempre mais sonhos. Quando começa nesse caminho morto, segue até ficar cego, vive daí então só de sonhar. Na terra a vida vive danação maior ainda quando era sem sonho. Nele, no homem, o sonho come tudo, prende as mãos, olhar, tocar... também mudam, muda até o pensar... no fim vê o sonho e a vida escapa, a vida vira tão pequena tão gigante aparece o sonho. E pode ser gigante, Damió, mas é só de sonho, que não é e não pode ser. Ser sonhador é o sofrer das esperanças.”

“Medo? Deixa de lado, meu nome é Guímia. O sonho? Foi bom, bom e triste. Sonho diferente, sonho meu, vira destino e vira mundo.”

“Então, diga como é.”

“Dizer? Dizer não dá! Mas se querendo ouça o cantar. E cantarei, cantar é assim, igual o orvalho encanta a noite e a pedra fria o fio da água, igual o uirapuru fala o seu lamento e a morte desencanta o fim. Será assim.”

“Eu aviso os males ao ouvir o que fala dentro do homem... é perigo maldoso. De noite, deitados depois da labuta diária, os males dos sonhos devagar vêm nos devorar, cuidado, mas se quer cantar, cante, e pode ser bem alto, meu nome é forte, sou Cosme, tentação nenhuma.... tentação não me.... prendeu... sou Cosme, sou forte... muitos nestes campos devem a Cosme, que é vaqueiro como nenhum.”

“Sei. Está certo. Sei por o meu sonho ser da história nossa.”

“Se é assim, não deve ser sonho, o sonho é algo de mentiroso, do que não será, que nunca virá a ser... não do que foi.”

“Sonho é, sonho e algo mais. Sonho aquele que vem igual canção, assim apareceu para mim.”

“Nesta hora não há de ser, só na cobertura da noite temos um pouco de sossego. Agora ainda é tarde... trabalho nos obriga.”

“Verdade. Agora, subo no cavalo, tenho medo do látego. O animal também tem, juntos fazemos assim a nossa sina. Eu sei que nesse horizonte bem longe, longe que os meus olhos deixam de alcançar, há um vilarejo. Lá morou minha mãe, antes dela, nada havia. Naquele lugar vai terminar o meu sonho; quando for salvação.”

“Cosme se vai também, quando for noite ele volta. Eu fico aqui, lavro a terra. Na minha mão – quantos espinhos! – mais cortada do que há na terra. Ah, que pena me dá, a gente revirar o mundo, acaba com o certo, às vezes eu poderia chorar pelo que faço, não fosse preso iria embora para longe ver o mundo. Mas tenho fome, enquanto na terra o meu carpir é permitido, para esquecer as desgraças, relembro minha história. Nome nenhum tenho, às vezes chamam-me Damió, isso por ter, quando cheguei, aproximado a Cosme. Meu nome mesmo perdeu, fui eu que apaguei a trilha dele, era sempre triste lembrar Elmano! Nestes dias da morte o meu consolo vem daquelas dores maiores que se foram e nunca foram, só no sentir das mãos não existem mais, no sentir do peito continuam. Lembro do meu pai na noite escura, a igreja estava estranha, aquele jeito dela foi novo para mim, o brilho havia esquecido de entrar, parecia uma casa pobre. Meu pai e eu abrimos a porta, o padre estava lá, encostado no meio das figuras dos santos e dos profetas. Meu pai segurava minha mão, o padre estava estranho, não parecia um padre em uma igreja. Meu pai pegou o ouro. Do fundo veio minha irmã, pequena, pequena. Os olhos da minha irmã não viam, estavam miúdos. Alguém a acordou, uma sombra, saíram de casa e foram caminhando rápido, havia um cheiro ruim na rua, cheiro de escravidão. Lá todos conheciam, até as ruas deixavam os cheiros da humilhação. Entraram pelos fundos da igreja, sem ver ela sabia que acompanhava nossa mãe. Se eu tivesse visto saberia por que ela precisava disfarçar de sombra. Foi assim que eu vi pelos olhos transparentes dela. Meu pai chamou meu nome, a voz dele é a última que eu ouvi chamando, depois nunca o velho nome voltou. Ele estava sombrio, antes era demônio e mal, agora só mal. Também pegou minha mão e fomos como pai e filho. Eu nada sabia, nos passos dele fumegavam marcas da maldição. O padre dormiu no final da tarde. Acordou tarde da noite, na hora certa. Um corvo o avisava, sempre avisava, diziam nos segredos, mas segredos eu temia, eles são como a noite, má e torturante. O padre preparou as suas peças, separou os pedestais, a prata e o cinzel. Um

homem rompeu as portas, ao lado a cria maldita, a poeira agarrava os calcanhares. Meu pai só soltou minha mão para pegar o pedestal de prata. Depois o ouro e veio para mim. O padre viu meu pai virar e ir. O padre falava, só lembro dos sons, mas na morte meu pai ainda lembrava.

“ ‘Drima, partir é um mal. Nas velhas casas ainda é rezada a salvação, no distante existem as metrópoles, esta realidade vai, a descrença é forte naqueles reinos, a crença é apenas desespero.’ ”

“Drima é meu pai.”

“ ‘Padre, que esperança tenho, meu filho é meu cordeiro, ele expurgará na vida sofrida o meu pecado. Eu o sacrifico com o ouro assim como pela faca o padre fará com a filha incestuosa. Nem minha nem do demônio, meio a meio a menina é.’ ”

“Levou o ouro, ouvi o passo, outro mais, soluçou e partiu comigo. Andamos e paramos no choro dele. O velho curvou e sem piedade eu terminei aquilo. Minha herança foi aquele ouro. Queria deixar com a minha irmã, mas eu tinha medo de voltar à igreja. Lá minha irmã cresceu muitos anos, de longe eu soube. Minha mãe ficou, delas nasceriam dois filhos, de longe eu ainda via. Ela iria partir, sabia que não poderia deixar marcas. Nenhum filho viveu então, minha irmã foi com ela, o padre ficou, mas eu o visitei, e com um gemido a vida, indignada, fugiu para as sombras. Quando eu fui, minha irmã e mãe tinham ido, eu sabia, o padre lembrava de mim. Deixei ali o ouro que o pai me entregou, só que a maldição não deixou meu sangue. Na testa carreguei um sinal, por esses anos sofri o meu destino, segui minha irmã e mãe, delas esvaziei a vida. Da minha irmã não, ela morreu na noite que fomos à igreja. Agora o sol deixa de aparecer, um dia passou, um dia a mais esqueço o meu viver nos meus passados, só vivo e morro, parece sem fim, ainda há de acabar. Nas metrópoles, lá deve viver a morte que põe fim nesses sofreres. Hoje chamo Drima um cachorro vagabundo, só de raiva. Ele é branco e furado de chagas, ele tem os olhos do meu pai, eu sei que é ele, ele me vigia, me olha e desola. Lá vem Cosme, bem atrás Guímia.”

“Damió?”

“Cosme, achegue, Guímia, quero ouvir o seu sonho.”

“Ele não quer mais.”

“Não mais? Deveria querer como cedo.”

“Cantar, cantarei. Devagar, ouvirão. Não mais é sonho, tarde inteira, veio comigo, como sonho, não pode ser mais cantado. Como desse outro jeito, ainda sem nome, deve ser. É para irmos refazer. Descansar, comer um pouco para o céu enegrecer de vez. Quando alta noite for, então caminhamos. Juntos para aquela caverna. Lênia me olha desde a manhã, ela quer ir, também Hela irá.”

“Lênia do homem não é filha, tem verde escuro no sangue, Maia Marabá, metade mulher com metade de tempestade, ela devora o que respira, tem na cabeça uma máquina de ganchos e bolas de ferro, ela planeja e constrói o tempo, ela sabe, é uma Maia, Angue. Quando a vi, soube, meu fim está com ela, e ela não me teme, prova de que é algo do além que um homem só pode ser. Um dia, quando ela dormia na sombra de uma árvore, as baforadas da boca conspiravam contra o que era vida, havia tumulto dos sentidos, ao redor era ruim o ar, eu, com o punhal que carrego na cintura, dei um corte no braço dela e vi pular aquele monte de sangue verde escuro, feio de mal. Ela acordou, com os olhos virados falou um nome que está no meu destino e no meu fim, quando estiver fugindo apreensiva esta vida aqui, não sabendo se espera as sombras ou os palácios, sem suspiro nenhum para dar, será dito maldosamente. Será a última palavra. Lênia é um mal, meu fim está com ela, no lugar que ela estiver, eu não estarei.”

“Damió, Lênia é mulher, mulher sim!”

“Não diga do meu nome perto do dela. Não me amarre com essas palavras ou me terá por inimigo.”

“Damió tem algo muito cheio de certo. Lênia é cheia de um mal... escondido... afastado e prefiro não ouvir a voz... ela. Tem realmente algo estranho... maldade das matas que não morrem.”

“Tu! Tu também! Ela é mulher. Ela virá, precisa vir, vocês dois irão, lá está, lá sim, o fim de tudo.”

“Eu vou, se assim pede... Guímia. A palavra nunca me faltou. Eu vou com facão em punho... quero a carne de um demônio levar ao meu deus... isso de antes de partir, morte partir os restos de mim.”

“Cosme indo, eu vou, vou como vai um potro ser sacrificado, vou por ser o meu fazer neste mundo muito ruim.”

“Eu disse. Damió, só sonho não é mais. Virou diferente, e será assim mesmo. Eu chamo, é preciso. Quem mandou cantar pediu. Estranho? Sei, mas vai ser.”

“Vamos Cosme, Cosme e Damió, sempre juntos, assim é que somos amigos.”

O orvalho incansavelmente descoloria as matizes da vida. Sob noturno céu nefoleantes borboletas quase oníricas batiam as asas e voavam a um destino inconsolidado. Eram pequenas asas que ao toque tal qual brumas desfaziam-se. Imitando tais seres, elas e eles seguiam à caverna.

“Pronto, aqui estou, pronto a ouvir.”

“Deverás tu falar, Guímia.”

“Falar, falarei, quando ouvir bastar.”

“Deixa disso, fala logo ou vamos ir.”

“Eu sei que é isso.”

“Se sabe, Cosme, diga então. De nada sei.”

“Viemos libertar, e libertação será... palavra. É isso?”

“Começa, Cosme, parece sim. Talvez no fim venha revelar, o que é. Começa!”

“O meu começo... querer libertar meu mal. Meu mal, como todo mal, começa em amor, uma morte lenta cheia de sofrimento, um entristecer do corpo que cai sem vida e vê, longe, a vida passada sem brilho nenhum. Fraco deixa ficar, o falar fica preso, duro, a voz sai triste, completa desencantada. É um desagrado vazio, nada deixa mais na mente, a pessoa olha e só vê, não pensa, apenas deixa ficar e passar o que for, não sente nada mais, só aquela ferida ardendo. Ao redor o que seria se torna, o tempo escorre e a pessoa perde tudo. E mesmo assim o tempo parecia tão longo tão grande é o sofrer que ele traz. Assim se deixa... deita para dormir esperando morrer. Eu bem sei que é seu único desejo o querer morrer. Nem mais o amor que todo desconsolo causou pode curar. Só a morte. O amor se volta é outro, só bem sabe fazer o sofrer, não é cura nunca, é sempre só sofrer. Parece que nessas horas a morte nunca vem. É bem dito que a morte nunca quer ser benção. Pior é lembrar a causa de tanto sofrer, uma flecha fria fura bem fundo, rasga e deixa o coração se queimar por todo... o fogaréu do coração queima o sofrido homem inteiro. Minha vida sempre foi valentia, meu pai e meus irmãos comigo lutavam pelo amanhã, se um dia não fossemos para a roça a certeza da fome era dada. Na fome e na rudeza da vida me criei, muito fundo foram os cortes do meu labor... esses a gente aceita por saber que somos escravos, do amanhã a gente não espera boa novidade. É certo que muitas vezes quisemos matar o maldito que nos punha aquelas correntes, nem são correntes de verdade, machucam bem mais, são mais humilhantes e difíceis de romper do que as de verdade. Quis matar... e

matei muito patrão, mas não há campo sem cercas, a terra inteira é domada, assim o patrão amansa o escravo. Não há escolher, resta só abaixar a cabeça e aceitar a labuta. É triste, nunca chorei por matar patrão ou carrasco, nem os filhos e mulheres deles, que viviam pela riqueza da nossa miséria, família de patrão é parasita de igual maldade, só não coloca a mão no chicote, de resto nos joga na poeira de igual jeito. Deles nem sangue é sangue, tanto mal precisam ter no corpo para tanta gente humilhar, arruinar... Irmãos meus seguiam comigo, valentia sempre pronta, andando por onde queríamos, ninguém podia deter. Aprendi não foi em sonho a ter ideal, foi no ódio deixado comigo, na vontade de saber querer algo mais. Era eu forte, mas contra o mundo inteiro nada valia. Meus irmãos eram fortes também, o mais menino queria resistir... ver nele tanta ira fez de mim e dos irmãos mais decididos também, foi assim que resistimos. Lutamos por amor à gente perdida, por anos eles foram ajuntando com a gente. Para eles viramos, eu e meus irmãos, os pais de verdade. Do nosso pai eu e irmãos só tínhamos uma foto sem cor, há muito ele havia morrido, meu pai e minha mãe. Anos lutei, minha valentia era grande, mas para uma força eu não estava preparado, ninguém nunca está. Logo fiquei outro, tentei não ligar, mas sem saber como. Tinha algo aquela mulher, era um sorrisinho, um jeitinho, parecia até uma menininha. Fiquei na noite sentindo apertado o peito doído cheio de correntes. Queria não pensar, só não podia, fiquei em uma dor triste que nunca conheci de novo, me bastou aquela vez, o sofrer doído daqueles dias que ainda hoje não cessam de queimar deram para mim estas amarguras que carrego no rosto. Vê os meus olhos? São tristezas caídas de lado, vazia assim, insatisfeita de ser. Logo no dia seguinte ela me veio... cheio de vergonha conto a maior maldade da minha vida, uma mal que fiz para mim mesmo... deixei-me gostar dela. Não foi no dia, foi com o tempo, com as carícias dela, é uma vergonha que não pude apagar, uma mancha bem funda em mim, depois disso ficou bem difícil levantar a cabeça. Fui escravo daquela menina maldosa cheia de jeitos cruéis, boa e má, me encharcando de sangue em cada beijo, fez que eu gostasse dela. Isso para mim é vergonha, mancha suja, funda, nada mais depois eu podia fazer. Ficava arrastado, caído, prostrado por gostar dela. Eu tentava não querer, mas era sem jeito, entre essa fraqueza que é o gostar e esse mal que também é gostar, eu ficava humilhado. Desse mal sofri, ainda hoje sofro, por ter sido fraco, mais ainda pelo sabor do gostar, sentimento que longe dela não tem por que ser. É algo vagabundo gostar, mas é cheio de dor ficar cada dia longe dela. Não bastaria o sangue dos rivais nas minhas mãos, não bastou a braveza que eu tinha para enfrentar no mato obscuro os homens cruéis, o suor gasto, os espinhos que me cortaram, todos os sinais de força não bastaram para endurecer aquela parte fraca de mim que até hoje é só dela, a parte que se aproximou dela, que quis esquecer a minha força e fazer de mim um fraco envergonhado. É vergonha gostar daquele jeito, vergar o corpo tão fácil àquela mulher, maior vergonha mesmo que a de ficar com um grande vazio me matando desde então... devagar. Os irmãos meus me expulsaram quando viram que igual ferida deixei encher em mim, a fraqueza que é o gostar. A moça ficou comigo no meu opróbrio, na minha vergonha, me deu a mão quando precisei. A moça me deu a mão e sem nada partiu. Em um dia acordei sozinho como sempre antes, mas desde então sofrendo por isso. Perdi tudo e nunca mais me encontrei... ainda hoje a bruteza que coroa meus atos não pôde curar a tristeza daquele gostar que não se deixa acabar. Fugi da minha terra e me perdi, fugi, sempre fujo, e sei que hoje o sonho de Guímia dirá que continuarei fugindo. Disso tudo eu só não precisava da falsidade daqueles sorrisos, das dissimulações que tanto ouvi, da falsidade daquela menina... a... nome ... um nome amo no destino tentando lembrar seus passos... passado que distante ficou, eu era uma mistura caída achando que morreria nos próximos quatro anos. Na colheita da morte me faria frio

da falta da vida. Ainda velho continuo aqui... um ano de desterro, o meu tempo de sofrer, para querer e nunca esquecer, lembrando da dor, entre querer esquecer e sempre lembrar... volta seu nome de novo, fico feio como antes gastando minhas horas na angústia de perder. Choro guardado, é estranho, tem algo que pregou o rosto dela nas minhas profundezas, é como um nome para sempre preso em mim...”

“Fala, Damió.”

“Falarei mais tarde, vai tu, Hela.”

“Ouça e deixa essa canção falar do meu sertão, terra agreste, tão triste, maculada por um belo doido, refeita por um povo erguido no pó feio de dó, mas que virá, e assim se fará, cheio de orgulho, e será. Fui e sou, o meu será da mesma forma nunca negará meu povo. Desde o nascimento só me encontro na terra machucada. Saída dela fui outra. Vim para cá nesses tempos de desespero de só odiar o viver, onde deixei o que sou, vi tantos deixados de lado e nada mais me restou por nada mais me ser amado, e virou um muito mal sabor um ser de só amargor, bem mais regado na fome do que em qualquer um mal do homem, comigo sempre abraçado, imigo disfarçado, de truques fatais, de trair fácil, sorriso mole, sério e mal. Seu nome foi Umal, além de tristolento cruel ensinou-me a matar. No fim foi assim, tive dele filhos, tiveram eles dele nada. Assim mesmo amava os pequenos, amava eu também nossos meninos. Um dia algo se fez, chegou Umal e desfez de mim, humilhou em toda vila, humilhada por toda vida, riam de mim, morria em mim viver. Um dia veio, veio diabo em mim, soprou um sopro, suspirei e sabia a saída. Livrar da humilhação, consegui, por Umal humilhar e aterrar. Peguei nossos filhos, pequei no sol do meio dia, nem a negreza da noite esconderia aquele horror. Ante toda vila a vida infante, meus filhos, matei, só para mostrar para Umal, só para mostrar no meu mal, que sou forte. Matei meus filhos, matei a humilhação, todos me temeram, viram os corpos das quatro crianças caindo na faca, não faça, gritou Umal, quando chegou ceguei os olhos com a faca, meu nome de humilhada limpei no monte de sangue...”

“Fala tu, Lênia.”

“Falo, Guímia. A minha estória não pede data nem cena, é comum, do ir e vir, do acordar, umas recordações no triste leito do sono das mazelas de viver um dia devorando o outro, sem nada nunca aceitar sorrindo nesta vida. Ontem mesmo, ouvindo a sonolência de mim mesma, tive pensamentos que saíam como escritos. Mas minhas mãos não sabem a arte, talvez por isso os guarde em mim como palavras inesquecíveis. Falaram, agora serei eu falando com a textura de uma escrita. Ontem eu dizia, hoje posso repetir, voltou-me o desejo pelo suicídio. Posso supor as causas, ainda que não creia muito nelas, mas são precisas demais para serem expostas por esta fria gravura que é a escrita, mesmo falada é ainda uma nódoa em algum lugar, uma marca no ar. Suicídio não representa o que sinto, que é um anseio pela nulidade, pela cessação, a negação pura da percepção da vida. Acompanha esse sentimento uma dor pequena, porém constante, um desconforto repleto de tristeza, repleto também de desolação, desânimo e cansaço. Há algo mais, essas palavras bastam. Falar alivia um pouco, transformarei em sonhos a esperança de que tal estado mau me possibilite criar uma grande obra. O sabor dos sonhos, após tantas decepções, continuamente tendo que substituir o prazer real, que não sei onde encontrar, pelo dos sonhos, tornou minha vida um desencanto ainda maior. Por isso tento evitá-los. Desejaria não ter nascido, tudo se resume a isso. Sinto não por ódio, por puro desconsolo, cansaço. Sei que estou velha demais, me enjôo com o que está fora de mim, não olho mais para dentro, é um vazio. A dor, talvez fosse bom conhecê-la como ente, não como a droga invisível que amortece o meu corpo, corrói a minha fala. Gostaria de expressar tal como

quando eu era criança, mas sou decadente, desposei o desespero. Qual o fim para isso tudo? Não há, não creio. Se cada suspiro me valesse um amor... Temo a morte de uma maneira abstrata, pela dor dos meus pais que não mais conheço, pela reação daqueles que faticamente conheci durante a vida. A morte não é admirada, logo estariam rindo e ironizando sobre o meu cadáver. Mas eu a amo. Impotente mesmo nessa elevação. Raramente penso na minha morte como algo para mim, talvez pela descrença em espíritos. Imploro a morte por me parecer um fim. Ignoro, contudo, toda a sua extensão. Julgo desejar a morte por ser incapaz de continuar me refugiando em sonhos e por não encontrar na realidade qualquer apreço. Condição que me joga em um estado de desconforto com todas as suas variantes, angústia, cansaço, desânimo, tristeza, desconsolo – parece o fim o único remédio. Tentei no passado, mas diferentes caminhos nunca afastaram essa condição do meu íntimo. Talvez esteja cantando o meu suicídio, mas não é. Apesar de confessar a minha admiração pelo suicídio. A minha questão, no entanto, é a extinção. A beleza do ato não é aquilo que procuro, é a cessação. Gostaria, digo falsamente, de encontrar algo que cumpra o papel que devoto à morte. Iria querer me libertar. Realmente é esta a causa das minhas tormentas, o belo, nobre, sublime desejo é o cerne de todo o mal. O belo como causa do mal. Se, apenas imaginando, um desejo imundo me governasse, eu encontraria a plenitude? Não quero encerrar com uma pergunta. Falando me afasto, momentaneamente, dos grilhões. Tenho medo de recomeçar, reconstruir seria doloroso além da medida. Seria me trair. Não há como iniciar se estou presa em mim. Sem querer retornar, estou cansada por ter criado isto. Pela concepção. Hoje pela manhã eu caminhei, queria retardar minha chegada em casa...”

Ela curva o rosto entre as mãos e chora.

“Tu! Faltas tu, tu, Damió, fala.”

“Ainda não basta para Guímia?”

“Não ainda, falta tu.”

“A falar não tenho, bem menos após falar Angue. As palavras ainda estão mastigando o ar, cheias de maldade.”

“Quanto a canção? Canção que é minha precisa do som, sua voz deve ter, não esqueça de falar.”

“Damió não fala, não falará.”

“Damió revelará o que é, mesmo morrendo.”

“Afasta, mulher, sempre desvio de tu, Lên... Maia, Angue, meu fim pode estar no teu contorno, mas na minha morte a vida tua pegarei, pagarás.”

“Que fique e pára. Aqui viemos pelo pedido, pedido que se faz por mim. Invoco o pedido.”

“Guímia muito quer.”

“Só o falar.”

“Pode ser do meu velho poetar? Um verso apenas se quer?”

“Um verso de poeta... basta isso.”

“Fui poeta, bom quanto Guímia, que foi chamado Evaristo. Tenho guardado dos tempos da poesia um verso: O que sou são poesias confusas, dispersas, nubladas, perdidas na minha incapacidade em ser, unidas elas por um único castigo que é a dor.”

“Mais belo falou.”

“Agradeço, Cosme. Era poeta em outro tempo.”

“Está completo, Guímia.”

“Está, Cosme, está completo. Evoco o meu nome velho, Evaristo, poeta.”

“És tu.”

Guímia ergue-se lentamente, em cada gesto premedita a postura que assumirá, as palavras que serão evocadas e o tom através do qual a voz circulará pela caverna. Tentando retirar do corpo as antigas fadigas, ele ergue alto o rosto, a fronte imita a fronte de um retrato divino, mirando os olhos em um ponto firmado além do horizonte, torcendo o corpo e envolvendo os braços nele de forma a assemelhar-se a uma estátua eterna. Com alguns leves passos ele se coloca no centro e mais alto alcança o rosto, almeja altivez mais elevada, a soberba dos anunciadores. Nesse tempo miríades recordações tocam a sua imaginação, mescladas, ora perdidas, outras revividas com a intensidade do momento em que ocorreram, as lembranças, no entanto, cristalizavam-se como palavras, a essência esvaía, e são versos, versos que Guímia almeja moldar. As memórias deslizam sedutoras sob os profundos olhos e preparam-no para evocar as palavras mais belas que ouviu, é o evocar da inspiração, um ato de natureza impalpável. Ele se embevece pela expectativa da descida de um véu capaz de derramar sobre aquele corpo alquebrado, que, por débeis traços, tenta transmutar os sentimentos em palavras irradiantes. Mais um passo e na posição do orador ele está, lentamente delineiam-se os cantos do seu sonho, ansiando antes criar a evocar, ele espera recitar uma beleza além dos mais envolventes versos ouvidos.

Determinado ele volta a frente poderosa aos demais, com os punhos se fechando parece arrancar do peito as palavras para representar os anseios. Guímia prepara-se e altivo começa, mas falha. A voz não sai do corpo, algo a prende, ele engasga, a expressão se parte, o talento escapa. Ele curva o corpo e tenta orar, mas as palavras parecem presas, ele se contorce e tenta emitir um grunhido ao menos, mas falha. Em vão ele tenta arrancar da garganta, do próprio corpo, das imagens da sua mente, as palavras para iniciar o canto. Os demais, tal qual cruel auditório, olham para ele com escárnio. Lênia sorri um sorriso sardônico, como uma vingança. Guímia, caindo ante aquela inexplicável incapacidade, tenta erguer-se novamente. Ele tenta, por três vezes, começar, e por três vezes sente presa a garganta, sente-se incapaz de um verso cantar, falha e sente a angústia dominá-lo. Cosme olha amargo, o despreza e lança distante o olhar. Hela, atônita pelo lastimável espetáculo, abaixa o rosto envergonhada por alguém assumir o papel que Guímia apresenta.

Solitário entre tantos, no centro como animal moribundo, Guímia estica as mãos pedindo um toque, a menor compaixão. Dolorido contempla com olhos agonizantes os demais, que pelo semblante concedem-lhe apenas desprezo. Guímia cai, tenta se erguer, e cai novamente. Fracassado, arrasta-se imundo pelo chão, em desespero sombrio entoia gemidos, agonias feitas sons, lamentos inominados, a voz morta. Soa como um absurdo, a cena toda, mas quem estava compreende. A voz do poeta estava calada, o dom maior, a sensível percepção profetizada por palavras, mesmo quando tortas, feias, amargas, era a quintessência, a força resignada ante a existência. Ó simplório homem, tua arte sibilante foge entre os teus dedos, está perdida, e tu quem eras não mais serás, o teu destino assim sela. Lênia, Cosme, Hela e Damió, misto de vergonha, desprezo e repulsa, Guímia, lívido, destruído, imolado à pérvida musa que a ele fora ocultada, caído entre as rochas e a poeira, perdido para sempre, incapaz de um último canto, o adeus do poeta entoar. Uma vez mais ousa começar, caído como estava tenta um verso recitar. Moribundo, infeliz, o homem aceita o seu destino vendo os outros abandonarem a caverna. Guímia contempla-lhes as sombras e nada mais pode. Resta o choro triste de uma arte perdida. A vida perde a última razão em existir.

Enquanto o vilarejo arrastava-se em vacilante destino, um perdido sinal surge longe de prelúdios, um monolito colorido qual a cor noturna, quatro frias ásperas arestas, um bloco despido de marcas, nódoa alguma tocava a superfície. Estranho signo cujos brutos

traços contrastavam com a mítica aparição em um céu simbólico. Flutuava intocado, intocado e inegável, todos os corpos curvavam-se a ele. Como seguidoras, mulheres retorcidas com as mãos erguidas em palmas ao céu, homens lacrimosos tremendo e sorrindo amargamente, eram reunidos. Visões todas votadas à imagem, seduzidos, dominados pelo terror encantado da adoração. Clamor sem igual. Por mais de mil vezes ouviu-se ao céu estrondosa ovação.

A noite adensou chamando para si os sons e as luzes. Na escuridão do céu somente a lua e o traço tirânico do monolito podiam ser percebidos. Todos dispersaram, uma nova ordem fora apresentada. Distante dele, desolado, definhava um casebre escorado entre outras obras destruídas. No interior não havia adornos, as paredes lisas, o chão era apenas terra batida, áspera. Não havia opulência ou luxo, faltava mesmo aos corpos que viviam no casebre as mínimas esperanças de que aquilo fosse um lar. Rostos amados, rostos humildes, suspiros de fome que os ventos levaram, desesperançosos e sempre humildes, fiéis a uma dor que lhes fugia, viam a vida ir. Das noites faziam sua, do sol a sua luz, nas desventuras da existência nenhum conforto receberam. Perceberam eles, ombreando com os demais, o monolito, mas por ele desinteressados viraram o rosto. Encantos, fascínios, mistérios, anseios nenhum seriam cativados na profunda miséria. O pai, os filhos, a mãe, viram, ignorando, a aparição. Tamanho e força, esplendor e profundidade, orgulho e mistério, terror e encanto, vontade e morte, eram laços tênues, a eles não faziam a vida; lutar, caçar e definhar moldava a existência deles.

Dormiam em uma noite o sono perturbado. Pairava a solidão nos suspiros do velho homem. Lembranças deixadas ocultas tristes revelavam-se. Erguido, entre as sombras fazendo par, alquebrado, vagaroso caminhava, rompendo com torvos barulhos o silêncio mórbido vindo com a noite. Doiros os olhos, chegado à janela, de fascínios mil envolviam a imagem poderosa do monolito. No distante céu, fraterno à lua, pareceu aos olhos daquele velho de nome apagado, por vezes Jová chamado, o gigantesco objeto uma nova realidade ter adquirido. Algo dos doiros olhos, próprios deles, nenhum mais poderia ver como ele via naquela noite. Recordações não vividas, lembranças dos desejos fracassados, renovados, envolvidos por encantos, reais aos olhos de Jová faziam.

“Voltam de uma terra cheirando chuva, como as raízes de uma flor arrancada, de repente ressurgem. Tudo vive novo, retorna a fantasia!”

Desfilavam grandiosos em sua memória os minúsculos feitos do passado. Novas sensações os revestiam, apatia e tormento. Amargurado, Jová deixava as esperanças despedaçadas tomarem forma e pelos sulcos do seu rosto escorrerem. Eram desventuras que ele não podia contar, estandartes flamantes das humilhações conhecidas.

“Dóridas lembranças!”

Os olhos desvia da noite, o monolito ele contempla, mistificado aparece, gigante e belo. Lascivo o olhar de Jová torna. O antigo retrato é desfigurado, percepção delirante banhada por um novo sensual desejo. Sedutores borbotões de deleite, no passado velados, nascem e renascem, antigas frustrações caem, algo novo transborda completamente pelo ser. A volúpia torna-se o homem, extasiado ele ajoelha e contempla, geme, súplica e ora ao monolito inefável. Jová deixa com alegria a percepção ser recriada, trazendo novos mundos ao fastidioso destino de então. A boca espumegante torce, o corpo freme, o suor torna tudo humano, tesos os músculos, o rosto transtornado, como um belo grotesco quadro, uma imagem sinfônica, um delírio a libertar, assim sente Jová. Espumando, Jová profere a sua oração, singela e pessoal, um hino vulgar acariciado e tornado próprio. O corpo é monstruoso, curva-se em enérgica sombra, mas os sentidos suavizam a aparente

brutalidade, alteram-se, concedem novas cores, um destino. As formas trazidas são novos caminhos, delicados, supremos, suave destinação. Antes amortecido, paralisado, magistralmente renasce sob o signo do monolito. A voz forte torna ao velho homem, um pouco mais, ele clama, e assim é absorvido pela volúpia que está no novo. Doce e violento, a exótica desumanidade transfigura o destino. Antes curvado, feio e maldito, por várias mãos castigado, alquebrado e ferido caminhava, agora renasce tornado – que excelente! – naquele instante, gigantesco ser. Dos lábios escorrem intratáveis desejos, irreprimíveis. Florescente erguido, a lua reclina, um novo Jová ela contempla, ele exala exuberante os olores dos prazeres, dos desejos, do que há para ser eterno.

Ao caminhar mais tarde, ainda na mesma noite, pelas vielas da cidadela, poderia aquele que o fizesse contemplar notável cena. Completos mefíticos olores deitavam-se sobre o ar estagnado. Tal qual imaculados portais, as portas abertas convidavam a ser contemplado o interior do casebre afundado entre as sombras. Era a morada de Jová. De fora, detalhes grotescos anunciavam a grandeza de um espetáculo desvelado no interior. Alguns olhos contemplaram, mais, sentiram o que escorre além das palavras construídas frias, duras, apenas escritas. Foi olhar pelos olhos daqueles moradores e ver com eles os dedos dos cadáveres curvados apenas conseguindo tocar o solitário vazio. Pareciam em último momento, na tensão final das fibras do corpo, terem agarrado os umbrosos véus da morte. Os pulsos do mais jovem rebento, estourados, revelavam os fascínios do corpo sob a pele. Pernas, braços, pedaços disformes, uma massa amorfa, horrendamente ungidos em simetria de morte, de fero arteção criação, uma mixórdia de corpos sem vida regados a diferentes sangues. Da mutilada cabeça somente os alvos ossos poderiam indicar que aquilo fora um ser humano. Decepada, belamente do corpo separada, fria, era envolvida por nauseabundo odor. Os olhos abertos, caídos perto de um peito, ainda contemplavam o mundo, o sangue vertido assemelhava a traços medidos por hábil pintor, sob a ternura do luar que timidamente chegava através dos vidros da janela, a cabeça decepada aparecia em pleno esplendor, belamente brilhando na palidez da luz da lua. Os corpos contorcidos, devorados, espirais difusas no quarto, ostentavam a cena magnífica ao quadro sublime. A carne e o sangue, pura combinação nas mãos do arguto artista, a beleza das obras transformaria o mundo.

Os corpos eram esculturas, a carne ainda tenra cederia perfeitamente às mãos do artista, um mármore, traços do que foram, esculturas de criador embebidas em maior pureza. E assim aprecia-se a beleza de outra arte. Filhos e mãe, rebentos de Jová por ele mutilados.

Tal espetáculo contemplaram seis moradores. Um tirano à frente caminhava, era o senhor de fábricas e largos pastos mortos, assassino que por vezes olvidava os crimes que sustentavam-lhe a oposição. Por cada poro transpirava a morte e o massacre de um povo. Duas mulheres seguiam, uma sinuosa, encantadora, Rudá, a outra era ódio e vigor, chamada Coéra. O escravo seguia o senhor, atrás vinha um velho perdido, escravo de igual maneira. Entre eles escorria uma criança.

Pelos olhos daquele senhor, o maldito tirano, o passado recebia nova forma ao contemplar o horror no casebre de Jová. Os cadáveres mutilados eram como as vítimas suas presas às fumegantes máquinas, operários sofridos do seu império. O senhor via a cena aterradora e aceitava ser criminoso de mor porte, durante anos escravizou em imundas indústrias, submeteu e destruiu na construção do reino da fortuna. Quantas foram as vítimas daquele homem era algo que ele próprio ignorava, homens e mulheres torturados, deformados para adaptarem o corpo à máquina, ossos quebrados, visões perdidas, espíritos

acabados. Era temido na cidadela e no campo, tirano de brutas leis, aliado de podres mórbidos carrascos tal qual ele. Insensível, o senhor aceitava a tortura, as mortes, como o caminho ao seu reino. Ao entrar na casa o passado do opressor é revelado, a violência assume uma face impossível de ser ignorada.

O SENHOR – Quantos venho matando...

COÉRA – Vidas incontáveis, matando e destruindo.

O SENHOR – Alguém tem que vender, calcular, alienar, sugar, subornar, empreitar, ter visão, ser um empresário, empreendedor, trazer um império, construir fortuna, comer fígado e costela, testar droga em cachorro, testar doença em criança e suportar regime militar que mantém o preço da laranja.

COÉRA – Aceita?

O SENHOR – É o preço, esse é o preço, olhe no mercado.

COÉRA – E suportará viver conhecendo a extensão dos seus crimes.

O SENHOR – É fácil esquecer o fedor do sangue derramado no meu cofre.

COÉRA – Mas hoje isso importará.

O SENHOR – Pago os preços por aquilo que é meu, importo se necessário e exporto.

RUDÁ – O que é seu é o roubo.

O SENHOR – Sei, sempre soube, assim é o mundo.

Mesmo em sua bestialidade não pôde o senhor suportar por mais tempo as faces dos crimes cometidos. Ele sente novamente o passado ser recontado, tenta negar o seu mal, tenta fugir e delira. Aparecem as vítimas como abandonados espectros reclamando no oblívio a fantasia da justiça, supõe o tirano ouvir-lhes os lamentos, sente-se aterrado, insuportável pressão comprime a razão, ele delira. Um passo à frente, distante de si sonha como as formas do ondulante tecido profundo vermelho, a cena toma a dimensão de uma peça, delira o senhor, o carrasco, igualmente sente nas mãos marchar o sangue inocente, imagina ser o corifeu. A baixa língua dos dias põe ao lado, inspira-lhe a musa versos portentosos. Em seu decadente frenesi assume a falsa, abjeta, impura voz, face, gestos, a futilidade plena da atuação. Fiquem apenas as palavras, desmanche no lodo daquilo que é a vil interpretação.

Perde a máscara de cruel algoz, geme, agoniza, exaspera sintomas de morte, desespera em desejos inomináveis.

O SENHOR – Sonho ser corifeu, ou vivo delirante fantasias de loucura? Sou corifeu, ou terei um novo coro, ou verei outros louros, palmas glórias, sem fim. Disse corvo? O corvo é um orvalho, a rainha coroada, dos corvos a coroada rainha, desbotada, pálida de púrpura sombra, dos demais diferente, chorava. Corva, curvada, corava sem cor, descorada caíra em próspero jubileu. Ouça, corvo cruel, carregado de cruentos castigos, cantai quieto como conquistou à cru férrea vontade os caprichos da evaporosa rainha. Cantarei brumas e névoas. Vede. Os louros do louco artesão, palmas, palmas e glória.

ESCRAVO – Isso é loucura.

O SENHOR – Cala tu, meu servo. Eu mando, cala! E tu, velho, abaixa mais o rosto, não estás curvado o suficiente. Quero o teu corpo submisso no chão. Criança, silencia a voz, assim eu mando.

RUDÁ – Desejas a força, e nada é mais sedutor do que o poder.

O SENHOR – Viu? Sou forte, sou belo por isso.

RUDÁ – Ah, se fosses forte...

O SENHOR – Se não sou, quem será? E quem terá, e fará bravura envergonhar o meu vigor, forte, forte, sou eu, eu.

COÉRA – E quem és tu?

O SENHOR – Eu?

COÉRA – És o carrasco.

O SENHOR – Sou o carrasco. Sou o carrasco? Por que diz, sou abjeto? Tem asco, ou casco, se mora em casca, casa casa, casa na casca casa, matrimônio, sou eqüino? Cara maligna, cruel manticora, vã descendência, quem é aquele demônio de três rostos, patas invertidas, garras em dez, doze chifres, informe tecido, bífida língua, quem é, quem é esse, e aquele que comigo se irmanou, ora, sou eu ou aquele, diga quem puder.

ESCRAVO – Isso parece loucura.

O SENHOR – Cala, cala. De ti, nada, delas.

RUDÁ – És um tirano, um carrasco, o senhor; todos estes imundos tu és.

COÉRA – É uma besta, o senhor, deve morrer.

O SENHOR – Se sou o senhor, são meus o corpo do velho, do infante, do escravo e da mulher.

O carrasco espanca o velho homem.

RUDÁ – Tu és belo. Serás sempre o que desejares.

O SENHOR – Perdoem-me, auditório, perdoem-me, jogadores, responda quem souber, quem sou eu?

COÉRA – És um louco. Os corpos dispersos são como as tuas vítimas. És um tirano matando lentamente, uma besta insensata, o senhor da vida dos campos e das cidadelas afundadas na miséria clamando suicídio.

RUDÁ – Quantos matou, mais prazeres...

COÉRA – Cada morte, cada vida tilintava...

SENHOR – Moedita ourobolso. Viva a alegria, bem mais quando construída na miséria dos seus filhos. O horror da morte, o espanto no espetáculo, a cena me impressiona.

COÉRA - Esses corpos sem vida, são quatro, cinco, não mais, e tu, quantos matastes? Sofreram os que aqui estão duas horas, três, talvez cinco, não mais, teus escravos, tuas vítimas, teus vaqueiros, fizeram da dor anos, tuas máquinas fumegam um suor repleto de sofrimento, por anos cruelmente tortura e mata.

RUDÁ – Estás louco, um pouco mais de compaixão seria o teu suicídio. És um louco, és o senhor e deve morrer.

O SENHOR – Olhem... Calem!

Bate no rosto do velho.

O SENHOR – Calem!

Bate no escravo.

O SENHOR – Calem!

Esfaqueia a criança.

O SENHOR – Não, velho, não avança, deixa a menina sangrar.

ESCRAVO – Não tem por quê.

O SENHOR – É o meu prazer, se eu quero assim, assim será. Sempre serei o que desejar. Por que está me olhando? Vire para lá, deixe a menina chorar e sangrar. Você não ouviu, matei milhares para a minha fortuna. Um a mais, um a menos, estou abreviando a dor dela.

RUDÁ – O orgulho poderoso...

O SENHOR – Viu? Agora ama-me? Amamenta, vaca do suco leitoso impregnado de gordura para minha barriga. Viu a minha força, no meu poder deleita-se? Tem leite gorduroso nas tetas, minha vaquinha.

RUDÁ – És belo, mas ainda é pouco.

O SENHOR – Porco? Um porco mais de visão e verias que sou o mais forte dentre vós?
COÉRA – Machucar o velho escravo, humilhado de chagas incuráveis, caído sem esperança, afundado nessa tragédia, nisso não há glória, matar uma criança, tão pura é que aceitaria o teu punhal piedosa, querendo a morte, sendo contigo misericordiosa apenas para saciar o teu grotesco desejo.
RUDÁ – Poupe-o, os gemidos da menina aos menos me excitam.
O SENHOR – Agora me ama?
RUDÁ – O poder seduz.
O SENHOR – Então sou eu.
RUDÁ – Mas há um além das tuas forças.
O SENHOR – Quem? Diga que eu mato. É essa mulher?
RUDÁ – Não, ela é teu temor, eu sei.
O SENHOR – Quem é?
COÉRA – É o seu escravo.
RUDÁ – É o escravo.
O SENHOR – Este nada.
COÉRA – Nos servos a força está oculta, a ira remói, destrói, Coéra bem sabe, transforma em gigante o acólito.
RUDÁ – O ódio é poder, dádiva de alguns deuses deleitosos das nossas glórias.
COÉRA – Senhor decadente, delirante em teu orgulho, não percebes a realidade? Teu escravo ergue de punhal na mão um novo regime, o corpo dele, disforme pelo ódio, corroído pelo desejo em espalhar o teu sangue. Ho, ele matará, caído senhor, teu passado foi vil, a tua morte será repleta de selvageria. Riremos dela. Eu prevejo o teu horror, teu sangue grosso imundo nas frestas do chão, veja, teu servo é o mais forte.
O SENHOR – Cala!
COÉRA – Vá, escravo, liberte o fardo.
ES CRAVO – Não ouvirei.
O SENHOR – Está na sua condição.
COÉRA – O sol se elevará.
O SENHOR – Nada pode mudar.
RUDÁ – Belo nobre, despedace esse título horrendo – escravo – que o acompanha, faça nosso um novo amanhã...
COÉRA – Pegue o punhal com mais fúria, recorde o mal cravejado na pele, faça a sua glória.
O SENHOR – Comigo parear ninguém poderá, ouça e faça nova aposta.
COÉRA – Tu cairás, e eu beijarei o teu corpo exalando vida.
RUDÁ – Assim será.
O SENHOR – Não ouça, fique na mesma condição.
ES CRAVO – Fico, mas o velho chora e tem ódio.
RUDÁ – Odiar não basta, apesar das delícias que provoca em mim.
O SENHOR – Nele eu bato mais e mais.
COÉRA – A violência incita os ânimos.
ES CRAVO – Sei minha sina.
RUDÁ – É a missão da morte.
COÉRA – Está acontecendo.
ES CRAVO – O escravo de arma na mão segura a sua missão, arrebatada o algoz, cospe-lhe e torna nada aquela existência.

O SENHOR – Agora a loucura é sua.

COÉRA – Estás tremendo, o cheiro da morte chega.

VELHO – É a criança que parte.

ESCRAVO – A morte veste vermelho, está aqui, de fato, a menina tem nos braços, este aqui calcará nas pontas do metal dos dedos.

RUDÁ – Eu sinto o odor dela agarrado a ti, acabado senhor.

ESCRAVO – Chora, chora, piedade não há para você. Eu ergo este punhal, por vezes que parecem sem fim cravo por todo o seu corpo. Dos buracos explodem torrentes de sangue, a sua pele eu arranco, escalpo, a lâmina forte entorta, queima na ação, mais ainda eu corto, no fim estraçalho o seu corpo nas minhas mãos. Agora termina, aqui finda minha humilhação, o desterro de uma longa vida, agora vejo com novos olhos esperanças aqui e ali. O alívio vem, me reconforta, há um futuro para nós. Venha, meu velho, venha, temos um funeral e um corpo aos corvos. Mulheres, inspiração e vontade, são espíritos, libertaram-me, nesse vilarejo novo amanhã desenrolará, mas eu partirei, pois hoje sou livre.

RUDÁ – Vá pela nobreza do teu ato, encha de valor aqueles que virão e pisarão nas tuas pegadas...

COÉRA – Os podres reinos estão caindo, viva a liberdade da sua vontade. A este corpo concedo beijo de condenação.

ESCRAVO – E tu, Jová?

- Não sou culpado. Matei a favor das artes do arúspice. Por estas terras e além tantas mortes se fizeram e ilesos os dias terminaram. Grandes heróis na morte beijam uma glória de volúpia, e eu acanhado. Ir e vir foi meu ser, disso me liberei, um novo fazer será o meu.

Aqui, mais do que o infinito morreu, apagado deixem, nem nas lembranças voltarão a ser, sou novo agora. Vão, deixem-me aqui destilando a volúpia, apreciando o amargor do acre cheiro da morte, o doce aroma da carne, deixem como está, as mãos cortadas, as cabeças, os vermes e a sujeira, os corpos confusos, o barril de sangue que irá apodrecer, as goteiras da chuva nova, deixem aqui também a luz da lua, tudo prata assim é tão belo. A douradez do sol dará um novo ser, deixem-me aqui repleto em desejos.

Partiram todos, restou Jová e os corpos. Na soturna sombra projetada na casa fria deslizava grotesca forma, fero desenhava grandioso final, falas doentias, grunhidos feios, nos forçados desejos germinavam as futuras e fatais decisões. Jová almejava, no amanhã caminhará.

PROPOSIÇÃO

Ocorreu, então, que aquele tal Jová, entediado por aquilo que cabia à própria vida, julgando muito monótono o ir dormir e acordar dos dias, não vendo mais graças naquilo que um dia foi interessante, querendo mudar os hábitos adquiridos ao longo dos anos, fascinou-se pela aparência de um objeto comum, uma rocha muito negra, retangular, que tinha de exótico ter aparecido no céu da vila em que ele morava. Os moradores da vila, logo que a viram pairando no céu, ficaram fascinados, sendo a única exceção Jová & Família. Os demais ficaram encantados pelo monolito, perdendo incluindo a vontade, parecendo aceitar alguma ordem oculta emanada pelo objeto. É bem certo que no dia em que surgiu o monolito alterou o cotidiano da vila, estranhamente só na casa do Jová tudo permaneceu como dantes. Supor o motivo disso é realmente difícil, mais ainda compreender o encanto que mais tarde o tal Jová sentiu pelo objeto, e como este transformou o homem. Mas de todos estranhamentos, um, ainda não citado, é o mais incompreensível. Seria o objeto uma alucinação que afetou a vila inteira, da qual só o Josá e a família ficaram imunes, sendo os últimos até a morte, e aquele até a noite em que passou a achar fascinante o monolito? Seria o objeto algo concreto ou apenas uma imagem? Haveria algum significado velado na aparição naquela vila? Na verdade, pode-se ver que não é só um mistério, mas, sim, um que se desdobra em vários.

Pois bem. O Josá saiu de casa ao raiar do sol. Por algum motivo demorou para atravessar a porta, os gestos eram débeis, pois concentrava recompormental noite anterior. Ele começou a se lembrar dos crimes que havia cometido, mas não se reprovava, não demonstrava nenhuma emoção do tipo. Ele caminhava devagar, apertando o queixo com a mão direita, algumas vezes balançava essa mesma mão frente ao rosto para afastar um cheiro desagradável impregnado no caminho seguido. A vila estava pouco movimentada, o frio ar matinal agita folhas inumeráveis espalhadas. Nas árvores desfolhantes, antes mui verde ainda verde; fina acamada poeira recobrimdo cobertas vielas; os casebres eram bem espaçados, quase sempre bege pintados.

Enquanto caminhava pela vila, não tendo se afastado muito de casa barata valorimetria, baratas dos bueiros mor abrigo na casa cara dele, continuava jovianamente a abanar a mão frente ao nariz para afastar o mau cheiro que passara a persegui-lo. Cheiro desimporta, ele estava concentrado em recompor os acontecimentos passados na noite anterior. A primeira recordação era a falta de sono. Ele se mexera incomodado na cama e apesar de tentado não conseguira dormir. Após várias horas, resolveu levantar um pouco e dar uma volta pela casa. Mas era um casebre, não havia muito espaço para andar, de forma que acabou se encostando na janela. Foi neste momento que ele viu como era fascinante o monolito pairando no céu da vila. Ele olhou, e olhou, e percebeu o quanto estava exausto da vida. Tendo lembranças tristes, ficou desconsolado, do lado da janela, deixado de lado, lodo emocional, passional criatura, criado triste, frustríssimo fado, mas no final, de alguma forma motivado pelo monolito, ele se alegrou e resolveu seguir uma nova rota na densa mata que era a existência.

Logo que saiu da janela, determinado a mudar, de alguma maneira, a própria vida, surgiu na mente dele a imagem do seguinte quadro: velho – assentado; joelhos – dobrados. Olhar firme direciona ao jovem; grossas sobrancelhas, poucos cabelos lisos brancos; vestia túnica; ele erguia, com uma das mãos, uma faca, enquanto a outra estava sobre um jovem vigoroso de fios capilares castanhos. Jovenito vestia roupa meio corpo fora exibido, vendados olhos, apesar de estar contorcido, não parecia lutar para sair daquela situação. O velho estava assentado, os joelhos inclinavam na direção do jovem de maneira a ter-se, ateu, e teve, quase falta fê, a nítida sensação de que ele investiria contra o jovem, que

amarrado deitado ditado “pai contra filho”. O fundo quadro era azul cor do céu, na verdade = céu, do qual surgia, quase no centro, um pouco acima do velho, a silhueta de uma entidade iluminada que parava o movimento da faca, faça! O quadro era algo assim. O Jová, entretanto, o descreveria falando de um homem conservando a virilidade no semblante e na maneira enérgica como levantava ao ar uma faca e, delicadamente, pousava a outra mão sobre um jovem amarrado. Um ser brilhante surgia na figura, talvez um anjo, e segurava a faca na mão do velho homem, impedindo, assim, o assassinato.

O tal Josá acreditava que através dos traços e cores da imagem seria possível perceber que o velho era o pai do jovem, e, cumprindo uma antiga lei, preparava-se para matar o filho, apesar do pesar sentido. Alguma criatura, entretanto, surgia no momento crucial, quando o assassinato parecia certo, e, piedosamente, o impedia, quebrando dessa maneira a antiga lei, tornando desnecessário esse tipo de ritual desde então. Na verdade, esse Jová sabia que o velho era o pai, e o jovem, o primogênito, mas fingia ignorar, pois queria acreditar que seria possível apenas pela forma dos objetos encontrar o conteúdo.

Enquanto esses pensamentos, e tantos outros que os cortavam, agitavam a mente do Jová, ele continuava a caminhada, segurando o queixo com uma das mãos, dando passos largos, mas não sendo realmente rápido. Interessante que as ações físicas do referido sujeito, como a caminhada que fazia e o abanar da mão frente ao nariz, tinham um tempo muito distinto do tempo dos pensamentos. Não havia medidas entre o caminhar e a sucessão de imagens adentrando e sumindo na mente dele. Talvez por isso os pensamentos descritos até agora tenham ocorrido em apenas algumas passadelas, e, enquanto a descrição destas é breve, podendo ser sintetizada em uma palavra, a dos pensamentos exige um número maior de sinais e algumas combinações lógicas entre eles, que, por melhor que sejam, sempre deixam dúvidas.

Pois bem. O Josá pensava na pluralidade de idéias que uma imagem pode trazer, era algo muito interessante para ele. O Jová pensava também no significado oposto da imagem do quadro, que, cosmo-ver-Jovana-forma, representava o fim do ritual. O que havia acontecido antes? Por quanto tempo pai mata filho velho mor temendo que, como deus lendário, filho mata pai? Isso porque havia uma lenda, criada por um povinho bem chulo, ouvida por Jová quando ainda criança, que dizia o seguinte: em um tempo remoto, o pai dos deuses receava que os filhos pudessem mata-lo e assentar a lugar divino, assim, ceava-os e receava-os ao nascimento. A mãe, muito piedosa, ocultou um dos filhos antes que o pai o “devo devorar”. Secretamente ela alimentou o filho até o dia em que este se tornou forte, travou guerra contra pai, matou, tomou posto divinal. A lenda é essa. O tal Josá pensou nela assim que lhe veio à mente a imagem do quadro. Havia algumas diferenças, o Jová sabia, pois olhando um pouco perceberia que o tal deus matava todos os filhos, e não só o primogênito, enquanto o velho do quadro estava indo matar justamente o seu primogênito. Outra diferença que Josá percebeu foi que o velho era obrigado por uma lei a matar o filho, o deus, por outro lado, seguia apenas um temor profético. Ainda há mais. Enquanto o deus, diziam, tinha gosto em devorar os filhos, iguaria, o velho estava desgostoso, sem tempero. Não obstante as diferenças, o tal Josá insistia em traçar algum paralelo entre o quadro e a lenda, mas quanto ele pensava, mais distanciava os dois. O deus não havia sido morto pelo filho mais velho, a lei exigia que somente o primogênito fosse sacrificado, e, ao pensar nesta palavra, o Jová percebeu outra diferença. Enquanto o deus devorava os filhos e com a destruição incorporava-os, o velho, de sua parte, ofertava, através do sacrifício, o filho amado, separando-se dele ao eleva-lo ao reino maior.

O Jová percebeu, então, uma possibilidade de relacionar quadro e lenda, pensando: quem havia matado o deus não fora o filho mais velho, pois, segundo a lenda, o deus devorara muitos filhos antes de ser morto, e, talvez, seja bem possível que o filho matador fosse o último, o caçula, portanto. Por um exercício lógico bem simples, o Josá percebeu que a lei em matar o filho para evitar ser assassinado por ele não poderia ter o caçula como alvo, pois é na maioria das vezes impossível saber qual será o último filho. O velho mor, por lado outro, tem garantida posição nascentória, caçulisse, no entanto, é posto transitório, tanto que até o mais velho foi, ou ainda é, o caçula. O tal Jová, sem dificuldade, concluiu que por isso o primeiro deveria ser sacrificado, por ser posto acertado, e ainda mais, se pai matar todos filhos, logo, dispensa-se os logos para perceber, estaria ele, papai, caindo no mesmo erro do referido deus. Jová notou um último e melhor argumento para aquela tradição recair sobre o primeiro filho, e com isso conseguir estabelecer um paralelo entre o quadro e a lenda: o exemplo. Matando primogenitália, o pai mostraria quem governa, esperando, por sua força, ganhar o respeito dos outros gênitos.

Para o tal Josá ficou claro, no entanto, que a única maneira real de evitar que algum filho matasse o pai seria matando os filhos e, obviamente, a mãe deles, pois sem isso tornaria a lenda alegoria. Mas havia um problema no pensamento do Jová, pois se ele matasse a mãe também não seria possível ter mais filhos e em pouco não haveria mundano mundo humano. Mas ele não percebeu.

Poderia-se supor que tal pensamento motivou o Josá a matar os filhos e a esposa, seria prático se fosse, mas a verdade guarda algumas sutilezas. Aquele Jová era fascinado pelo passado da tradição em imolar o filho, a forma como ela foi cumprida com a morte de milhares de primogênitos. Quantos morreram, como se sentia o pai, será que algum deles quebrou a tradição, qual foi a punição, o que aconteceria se o ritual não estivesse extinto, eram apenas algumas das perguntas que intrigavam o Jová. Era isso o mais fascinante no quadro, aquilo que não estava nele.

Depois de ponderar sobre a imagem: “pai e filho unidos pela bondade da criatura celestial”, o tal Josá recordou a palavra arúspice, ouvida, quase olvida, umas poucas vezes. A palavra o fascinava duplamente, primeiro pelo som, a seqüência das letras era algo muito forte, tinha uma beleza que ele sentia sem poder dizer exatamente qual era. O segundo fascínio vinha do significado: ancião conhecedor de mistérios, ancia conecetérios, maraluco as tim te distes, capacitado a revelar o futuro por meio de artes antigas, sendo as entranhas de animais um dos lugares nos quais o arúspice podia perscrutar o futuro. Por essas duas imagens desconectadas, ligadas de alguma forma pelo inconsciente do tal Jová, este homem sentiu um desejo poderoso que culminou assassinar filhos e esposa. Talvez tivesse concluído o Jová que o melhor era não ter filhos.

Retornando ao caminhar do tal Josá pela vila, o vemos saindo de casa bem no começo da manhã absorto em pensamentos similares aos descritos. Na noite anterior ele havia visto nas entranhas dos seus filhos o futuro, e talvez melhor, os caminhos para um futuro, uma maneira de mudar a vida como ela estava posta. Aquilo foi tão forte para ele que era impossível guardar dentro de si, ele necessitava expressar, falar a visão que teve para acalmar aquele sentimento que o agitava. Então, o Jová caminhou ao local mais movimentado da vila, onde seria ouvido pelo maior número de pessoas. Isso, porém, não bastava. Era vital uma posição diferenciada, pois só assim seria notado. Eis, e ei a providência, antes-anos, derrubada na estátua fezestes, cedera estatueta nos barros de o pé. Restara apenas o pedestal, o lugar perfeito para seu Jová proclamar revelação. Mas antes de subir a tão valorosa posição de orador ele sabia que precisava das palavras certas, de uma

maneira cativante de se expressar, para que quem ali passasse sentisse com a mesma intensidade o que ele havia sentido, e assim, através dos sentimentos, compreendesse o significado exato das palavras e, por fim, da revelação tida por Jová.

Ainda sem ao pedestal elevar-se, o citado homem percebe que lentamente os transeuntes sentem-se atraídos por ele, sendo após algum tempo formado um relevante aglomerado. O Jová sorriu e percebeu o desaparecimento do afamado monolito, a devoção outrora dirigida ao objeto agora o tinha como centro. Não precisando de mais, subiu ao pedestal.

Em outros momentos, perdidos nos vastos campos além do vilarejo, caminhavam as outras quatro personagens, seguindo um caminho na ordem dos nomes seguidos: Hela, Lênia, Cosme e Damió, há pouco unidos por confidências. Foram assim, divididos mas impossíveis de se separarem. Não sabiam ao certo o caminho a seguir, porém, tinham na memória aquelas palavras de Guímia: “distante, há um vilarejo, vila, receberá nova ordem”. Como não tinham realmente um lugar para ficarem – depois de tantas revelações permanecer no campo não podia mais ser uma escolha – resolveram partir até encontrar o vilarejo. Foi assim que aconteceu, enquanto o tal Jová falava do alto pedestal, aqueles quatro caminhavam.

OFERTÓRIO

Era um tempo passado. Olhávamos pelo alto a câmara que recortada por arestas tais tornavam o ambiente um encantador refúgio aos infindáveis sofrimentos da vida. Durante os dias a luz assumia um pálido tom esverdeado, parecíamos envolvidos por cintilações sob o signo de alguma lua jade, ao cair sereno da noite os meus olhos viam a luz tornar os traços seus menos encantadores, mais comuns, talvez por a noite ser plena em encantos, a luz discretamente tomava para si uma forma menos elegante. Ainda assim, aquele amarelo venoso, que poderia incitar os mais torvos poetas às suas canções maiores, era deliciosamente encantador pelo misterioso acolhimento que nos oferecia. A cor daquela luz foi o mais generoso toque que recebi, não houve ternura igual na mão de nada mais pousando sobre mim. Aquele desumano calor acalentava as minhas fraquezas, nos dias imersos naquele mundo irreal, por isso de beleza fulgurante, encontrei nos enleios da mente esplendor que a vida nunca nos trouxera, e jamais traria. O trivial era encantador naquele reino de delicadas sensações, os meus objetos projeções à medida do prazer assumiam a forma, e revivendo a grandeza dos reinos criados, eu ainda posso me lembrar dos ladrilhos expostos em um minúsculo canto da saleta que não era envolvida pelo denso tapete cuja cor escapa às recordações. Talvez fosse vermelho escuro ou violeta, sei apenas que, por mais belo que fosse, diante das demais cores daquela câmara, era a palidez. Aquele lugar projetava em si cores que pareciam querer matizar os encantos vários que existem e penetrar no íntimo de cada um de nós através dos nossos olhares apaixonados ou lânguidos. Eu sussurrava indolentemente fascinado, e as cores descobriam uma realidade sutil pairando sobre cada elemento, tomando para si tons jamais percebidos anteriormente. Em um pequeno quadro preso à parede eu via um azul que só poderia ser descrito pelo arrebatamento dos meus sentidos, por meio de arte alguma saberíamos reproduzir o encanto daquele azul. Esta cor era de uma fascinação tamanha que parecia obliterar o sentido das imagens, restando apenas a indecifrável forma colorida. Eu sempre amara um tom esverdeado impalpável, mas aquele azul cruzando pórticos, pintando com igual textura

os tecidos das roupas das personagens, o céu decaindo em si mesmo e os suaves suspiros da natureza, era um sentido de beleza quase incapturável tamanho encanto o animava. Na essência, sabíamos, eram ofertados os livros, a lâmina impenetrável capaz de manter nos diferentes gênios os dramas infantis dolorosos de serem perdidos; o sensível, o deslumbre, o encanto, o mistério e o esquecimento, sem os quais éramos magras faces de decepção caída em desespero diante o abandono que é a vida. Nós nos lembrávamos – impossível é arrojado ao esquecimento – os livros ocupavam todas as faces da parede, à meia luz, os títulos brilhantes, ainda que absurdamente turvos devido ao toque do tempo que borrara as letras e a tinta, produziam no contraste com o seu corpo escuro, quase sempre ocre, preto ou azul-escuro, deleites em nossos olhares não encontrados nem mesmo ao contemplarmos enternecidos os mais suaves quadros. Tocar aquelas páginas, deslizar os dedos sobre o relevo gasto das letras, permitir aos olores vários que saltavam delas adentrarem nos nossos espíritos, chegando o rosto ainda mais próximo ao livro em uma estranha tentativa de encontrar a origem daquele indefinível aroma, eram todas sensações únicas, que sempre nas lembranças conduzem-me a um deleite completamente dissolvido da realidade, vivas em uma suave elevação, sendo eu colocado em outro reino pelos ardores doentios da jovem idade; ademais, não eram livros, nós sabíamos, eram os nossos sentimentos. Eu preferia a escura câmara ao fulgor transbordante do sol do lado de fora, os meus sentimentos eram próprios tão somente aos ambientes cheios de penumbra, silêncio e uma dor sofrida que pelas letras daqueles autores mortos tornava-se um prazer secreto.

Sendo um estranho e perturbado devido ao amor sublime devotado apenas a tais formas inertes da vida, acamado dias e noites sob o peso de cobertores encharcados com o suor doentio que o meu corpo incessantemente emanava no violento anseio contra a inação na qual deixava-me tombar, era eu, no gradual desenrolar das horas, um ser mais distante do mundo e próximo à essência irreal que assim me concebeu. As pessoas em seu transitar pelo meu quarto, e só me lembro de estar com elas durante as temporadas de febre me abatendo, pareciam feios borrões em uma tela, delas não guardo o som da voz, as formas do corpo ou mesmo a cor simplória das vestes, eram manchas destituídas da beleza das letras mortas, das estátuas, das texturas e dos mais sublimes ruídos. Ainda assim, um feito, como um pêndulo que inexorável bate entre as horas, arrancou-me do convívio com os mármore, as paisagens artificiais dos quadros, os noturnos silvos e da melancolia que animava os sinais tão meus que eram as palavras. Tornando-se o centro das minhas lembranças, como um vórtice clamando para si o que há sob o seu espectro, tento, em vão, não reter um dia distante que pelas desventuras de alguma potência maior não tombou na cova do esquecimento. Lembro vivamente dele apoiando o rosto na mão, envolvido por uma lira quebrada caída no colo, como se estivesse diante de um jazigo prestando o solene adeus a um amigo. Não houve dentre nós, que do alto perscrutávamos a câmara, um só que não se enteneceu, mesmo eu, sabendo que ele havia quebrado o doce instrumento. Naquele instante – seria um lenitivo perder a certeza destas lembranças – senti a primeira angústia dentro da antiga câmara, parecia a proteção envolvente dela ter se dissolvido, foi como perder o dom de esquecer de viver em um momento singular, o conforto que sentia antes jamais alcancei novamente ao contemplar o jovem Guímia curvado sobre a lira, era sombra e homem tristemente fazendo par em uma estática postura.

Quando solitário volvi novamente à câmara, nela senti apenas desencanto. As formas inteiras do lugar pareciam partidas. Os vitrais eram cobertos por pó e não mais mesclavam e fracionavam a luz. A bela musa talhada em mármore, que, aos meus sentidos, exalava os mais inebriantes gestos da vida, escorregara e lançara-se aos pedaços pelo chão

coberto com o desbotado tapete. Os braços da minha bela estátua estavam partidos, o rosto era como um rosto mutilado jogando ao vento a face esfarelada. Era um cenário comovente que emanava as tristezas mais delicadas para serem sentidas. Mas não terminava assim, os meus sentidos, a cada arfar do peito, revelavam-me um outro aspecto da câmara malfadada. O belo quadro de azul cintilante tornara-se apenas um fragmento da minha memória, no nosso plano mortal, este turbilhão de incessantes transformações, um amarelo maligno – filho dos raios do sol que rompiam a janela cujas madeiras, que outrora protetoras impregnavam o ambiente com os olores das árvores capitosas que foram, fazendo o passado retornar àquele momento tão diferente, transformaram-se em madeiras quebradas – exauriu-lhe a essência. O sol sempre fora insuportável para mim, e mais asco a ele passei a dedicar ao ver o belo quadro pequenino, pendendo torto na parede, devorado pelos raios dele. Novamente me cansei. Arrostei o cobertor empoeirado ao meu peito e, contemplando a câmara, o estúdio dos sonhos de um passado próximo, mas a mim e aos meus irmãos negados desde então, desolado entre os ruídos da venosa vida, tendo a fria voz de um renegado, nenhum consolo imaginava encontrar. Após esse episódio, só tenho marcada uma lembrança, que a ele se liga com inabalável coesão, a de um dia colocado fora das datas, e talvez justamente por isso não pode ser esquecido, pertencente, tal como a câmara, àquelas irrealidades sutis vitais à existência de uns pobres dementes como nós. Guímia havia chegado mutilado pelo mundo, guardando na arte de cantar a única dádiva para resistir à brutalidade mundana. Solitário pairava nas paisagens opressoras ao redor procurando sempre um ponto mais elevado, parecia desejar mais alto tocar a distância maior ao mundo. Estava sempre tão distante que nunca dele ouvíamos a voz, perdendo aquela canção que sabíamos ser opulenta e sublime. Eu sempre quis falar a Guímia, mas ele tinha aquela tristeza que o isolava de todos, eu, tão fraco, era incapaz de lhe falar. Assim eu o seguia bem ao longe, normalmente com os olhos apenas, e nos gestos dele imaginava quem Guímia fora, supondo conhecer, por mais que não desejasse, o fim que ele encontraria. Nesse dia das minhas lembranças, Guímia acordou assustado, quantos sentimentos diversos chocavam-se naquele perdido semblante infantil, era há muito um homem transformado, somente na profundidade mais cintilante da voz dele perceberia-se os laivos da infância que fora. Ele vinha a mim, eu tremia por desconhecer a arte de retirar de estados confusos quem a mim recorresse. Foi a primeira vez que ouvi a voz dele, era uma confusão desagradável, eu esperava mais, conhecendo a inutilidade das minhas palavras no desconsolo, ainda assim tentei. Guímia sorriu, vendo, antes que eu percebesse, a gaiola rodeando-me. Eu era um perdido, venha, disse ele, segui-o incôncio, abandonando a câmara e os sonhos de pequeno animal rodeado por atrações vazias.

“Não estranhas a realidade?”

Proferi, despertando subitamente a minha percepção à prisão a qual eu me atava. A amada câmara era uma triste gaiola adornada por ilusões, a dourada infância. Argüi novamente:

“Tu não estranhas a realidade?”

Ao que Guímia celebrou:

“Querer, eu? Nada quero, não antes, mudar esperava, saber ser um deus... enlameado... criar? Ser homem, ser barro, isso é, nada não, e quem, sobre a massa, tem poder? Eu sei, achava saber, era eu, devia ser, agora, sei não, cansei dos homens, só não cansa meu querer sobre eles, vê as mãos? Hei-las sim, artífice, mãos de oleiro, ainda vou criar, dominar que vou.”

Hórrido! E ainda assim enlevou-me plenamente. Desde então almejei de Guímia ser o mais vil servo, aquele que mais se humilha, que pelos mais débeis caprichos arroja o corpo ao chão, que chora e esperneia à imagem de desprezado palhaço, amam-te as troças, zombar do espetáculo horrendo que és vítima, chafurda nas lágrimas, pois tu a alegria jamais conhecerás, guarda o choro, engole enquanto queima, arde e fere, assim és, títere, brinquedo, fingis sorri, apareça sempre rindo, apenas tentado aprazer o rei, que cospe no rosto, roto, torto, vomitas torrentes de sangue, tombas em troças e tropeças na própria imundice, e caís, sofres, choras, e ris, desprezam-te, és ridículo, animal perdido, querias um bem, a alegria, mas é só nessa sujeição que pareces arrancar algo dela, como louco, como servo amando servidão, continuas teu espetáculo, todos riem, mas tu, profundo que eras, choras. Abandonamos a câmara. Enfim, com olhos reais, contemplei o horizonte desmanchando nas fraquezas da minha visão, o sol fustigava tornando tudo real, era a vida, a Guímia prostrei, meu salvador, era o mundo agora algo real.

Guímia não almejava partir, ainda, algo o inquietava, a mim o mesmo sentimento, mas pela ansiedade em desvendar o mundo. A câmara, palco de antigas delícias, tornou após Guímia um cárcere decadente.

“Vá, siga, minha sombra... desordem? Leve a quatro cantos, assim, então, chegarei, eu!”

Amei o ideal, as potentes palavras do meu senhor, venhas, nobre cavaleiro, tua lança rodopia no centro da torpeza humana, teu toque transmuta, faça-te glória, sirvo-te naquela vil submissão que pedem os deuses, ah, asquerosa servidão, dirigida a ti parecia perfeita.

“Irei, sou ardor imensurável, na dor severa sua serva. Sou a tua prostituta, bata-me, ainda no sofrimento amarão-te, levarei teu credo. Em tempos imemoriais, reverentes os brutos ancestrais nossos o fogo guardavam, com mais violência do que estas feras guardo eu as tuas palavras.”

Ao mundo que eu temia levou-me Guímia, seria um esforço titânico tentar dissecar o fascínio que me prendera a ele, por alguma totalidade encantada, cujos traços enevoados estão além do domínio humano, abandonei o saudoso palácio, antigo reconforto, as caras fantasias, brilhos vazios mas prazerosos, ao mundo real, sujo, bruto, violento, repulsivo, por aquele inexplicável amor devotado a Guímia, parti. Perdi os meus templos oníricos, horrível Guímia, nos flagelos e violências do mundo lancei-me, pois amava-te. Ó Guímia, por que tocastes os meus sonhos? Era eu pobre infante, um grão inerte, distante da vida ou dos estranhamentos dela, eu não era nada, por que ousastes despertar-me? Guímia, o dúbio papel que representas, salvador tirano, enganador profeta, liberdade velada, inocência perdida, revela o teu porte divino. Tal ambivalência a ilustrou-me um diálogo perdido:

“Vou dizer o motivo central do meu desprezo por Guímia.”

A apatia daquele interlocutor causava-me profundo desespero, por vezes parecia eu ser a ânsia. Voz abjeta, duro indivíduo, rosto escancarado para fora, a boca era um poço imundo de baba, palavras desarmônicas, era algo distante de mim, não seríamos, ele e eu, humanos, entre nós havia uma intransponível repulsa, o que era ele, eu sabia, eu jamais poderia ser. Eu tentava mostrar a ele, aquele erro, mas a inspiração súbita através da qual Guímia capturou-me era indizível. E prosseguia, e a voz era enfadonha, nascida de um tom horrendo, assemelhava-se ao som do inumano:

“Antes devo completar: é incompreensível saber o que levou você a seguir o estranho de quem tanto fala. O encontro que teve com ele foi reproduzido mas não acrescenta nada, ele diz algumas frases, pronto! virou divino. É estranho, sobretudo incoerente, chega à incoerência, tente explicar.”

“Eu disse, Guímia libertou-me, ele é algo como a salvação...”

“Falou muito mal, não acredito que foi tão pouco, foram só umas palavras?”

“Ele não disse, ele revelou-me...”

“Não acredito, deve haver algo mais, e se não há, então há algo errado. Não creio nisso, sem nada dizer o sujeito ganha os seus favores. Diga realmente o que foi.”

“Eu não desisto desta conversa por ser a minha missão trazer o que eu recebi, compartilhar e projetar bem alto as glórias, preparar o mundo para ele, mas se você não sente, jamais poderá entender.”

“Um subterfúgio muito comum, chega a ser simplório, a sua lógica cabal... entenda aqui cabal, nada daquele grande radical vulgarizado, não, não é cabala, espero que compreenda, apesar da sua lógica... sou um grande lógico, julgo que percebeu, com esta técnica posso destruir qualquer proposição, por isso é simples acabar com os seus argumentos.”

Meu corpo tombava ante náuseas insuportáveis, suores como humores entupiam os poros do meu rosto, a voz daquele ser, a fala e os gestos dele tornavam-se enfermidades ao contempladas por mim. A plenitude da aversão eram os meus sentimentos naquele momento. Ele continuava, e ouvindo a ânsia subia pela minha garganta, chegava ao fundo da boca e das narinas querendo romper os orifícios e vazar como o vômito e os ácidos provenientes das mais fétidas entranhas do meu ser.

“Terceiro – continuava aquela excrescência – a agregação tem duas formas, uma é a real, que determina a ordem natural, a outra é encontrada na fantasia, e como o ser humano é o único com tal capacidade, a segunda forma da agregação é a fantasia criada pelo ser humano no sentido da agregação, que é a divindade. Eis o grande poder da lógica. Agora exporei alguns pontos meus, sempre calcados em acurados exercícios lógicos. A divindade assume um caráter eminentemente dúbio, óbvio, pois ela é um cimento na agregação, a substância que religa as peças. Mas se fosse apenas isso, não existiria mais, ou, como única opção, existiria num curto momento da vida humana, pois, religado, o ser humano estaria agregado, de tal forma que não precisaria mais do conceito de divindade.”

O meu interlocutor perdia-se, e eu ouvia odientas palavras. Quando a palavra “dúbio” foi evocada, fiquei atordoado. Senti a possibilidade do meu deus, Guímia, ter um caráter dual. Tudo na fala daquele homem era repulsivo, mas aquela palavra, dúbio, a divindade dúbio, foi um mal para mim. A fala abjeta concedeu-me uma palavra, e qual a dimensão. Eu não havia percebido até o momento daquela angustiante conversa, mas uma única palavra despertou a minha compreensão para a nefanda possibilidade de Guímia, o meu salvador, ser um libertador que me jogara em horrível reino, dúbio. Foi fero, ele, insensível, conseguindo, porém, despertar o meu íntimo. Foi a primeira semente, a primeira dúvida, a insegurança que após os anos formaria o meu ódio por Guímia. Eu não havia percebido até ouvir aquela palavra, mas lentamente eu senti que estava seguindo um deus dúbio, que beijava chagas sobre as minhas feridas, cuja voz libertária escravizara-me. Em um instante o peso de confusas recordações atemporais comprimiu o meu corpo – memória, lodo de dores incuráveis, estética horrenda do masoquista prazer humano. É um prazer sentir uma chaga aberta no rosto espumando pústulas ao leve tocar dos cílios das brisas, e assim era minha imagem, a condição a qual eu me atara.

Foram doze os anos que vaguei espalhando um ideal, eu levava fogo aos vales, não percebendo as labaredas ao redor, como cinzas fazia-me entre o ardente crepitar das outras crenças. Em fera insânia embebido, desafiava os regimes postos, imaginava-me subvertendo os seres quando maior altura alcançava a minha voz, iludido, tolo, ignorava o espetáculo ridículo que era.

Breves... as recordações soltas como são perdem o sentido quando o fascínio da música que as sustém não causa mais encantos.

Vivi. Sofri, desisti. Quis. Retornar. Câmara. Perdida. Escapou. Vi. Doze anos. Sofri. Guímia. Ódio. Ele, perdeu. Nunca vimos. Passado. Tristeza. Memória. Solitário. Restar. Procurei. Dizem. Morreu. Fim. Guímia. Guímia. Guímia. Incerto. Desconheço. Tentei. Passado. Retorno. Fim. Palácio. Câmara. Fim. Nada. Sabia. Fracasso. Aceitei. Nada. Morte. Distante. Chamei. Destino. Meu fim. Nisso, lembranças... era a inocência aquela pura câmara, perdida jamais retorna em seus encantos por entre os anéis do meu cansaço em tristeza; recordar. Desmanchar em brumas, resta com brilho irreal nas memórias confusas. Guímia viveu, com ardor a voz dedicou à arte perdida, aos criadores embebidos em suas descrenças, esta obra. Submissa, a voz perde a força, esvai a arte do artista aceitando a imposição do que vier. Das lembranças plenamente encantadas, o gélido fim veio na ordem insensível que ao mundo nos trouxe. “Aedo, venha”, exigiu o odiado senhor Guímia. Espancado ao nascer, chorei sem jamais esquecer o gosto da violência. Não resisti, trazendo apenas pedaços de memórias, como os demais poetas foram perdidos, eu fui, esqueceram, e também eu, no fim amamos o suicídio. Eis o meu fim, Aedo que era. Morte, enfim.

Sobre a relva fatigada por variadas intempéries, Lênia estendeu-se com os gestos fúteis que remetem ao espreguiçar de uma aristocrata angustiada ao longo do divã do estúdio repleto de adornos habilmente elaborados para afastar o tédio, cumprindo fielmente missão oposta. Lênia, no entanto, não era impelida pelo tédio, mas cedia ao cansaço devorando-lhe o corpo. Os demais, ainda que um ou dois tenham o semblante sisudo ante a atitude dela, aceitaram intimamente satisfeitos, e às pontiagudas gramíneas ofertaram o próprio corpo. O dia inteiro de caminhada os fatigara.

Eles estavam em uma campina, a mata rasteira variava entre o verde esgotado em vida e o cinza similar ao desbotar pleno das forças da planta. Alguns tufos maiores, feios devido ao aspecto emaranhado que tinham, erguiam-se um pouco mais alto, mas eram exceções que pela pouca altura e volume alcançados não alteravam a paisagem. Podia se ver em cada folha estrias evidentes da falta de água, as pontas tinham um aspecto obtuso, acentuado quando eram quebradas, como se na constituição trouxessem a contundência necessária à sustentação da vida. Alguns finos galhos despontavam em pontos particulares da paisagem; a terra levemente avermelhada abria espaço entre a fraca cobertura da relva. No momento em que Lênia estirou o corpo ao chão, o céu estava dominado por nuvens cinzas, muito densas, nas quais Cosme tentou perceber alguma imagem, montar na imaginação alguma figura terrena. Ele separou, coligou, aguardou o fluir do vento retraçá-las; embalde, não conseguiu ver imagem nenhuma. Hela, a última a aceitar o acolhimento indelicado da relva, depois de fitar em silêncio Cosme aspirando aquele tipo singular de criação, ficou seduzida pelo mesmo jogo infantil. Discretamente, com as mãos sobre o colo, as pernas elegantes dobradas para o lado, sob o peso dos glúteos, com o semblante firme, parecendo contrariada, curvando as sobrancelhas, apertando os dentes fortemente, mantendo o corpo petrificado, entregou-se ao fluir prazeroso do jogo infantil. Ao contrário de Cosme, ela viu diversas imagens nas nuvens, conseguindo perceber, ainda, dezenas de matizes do cinza escuro.

Os cabelos ondulados de Lênia estavam misturados às gramíneas. Após manter os olhos entreabertos fixos nalgumas minúsculas sementes caídas perto, ela os fecha com satisfação.

O vento embalava somente os mais tenros arbustos ressecados. Dos galhos maiores, no anseio admirável por tanger o mais elevado ponto do céu, dir-se-ia que tremiam, mas não devido aos ventos, que eram brandos, e sim pela possibilidade de que algum suspirar mais forte da terra pudesse lançá-los de volta a ela, destruindo as ilusões que alimentavam na busca ao céu. A noite tinha um som vazio, filho da ausência da diversidade na campina.

Damió, temendo a presença de Lênia, assentou-se próximo a Cosme, quase às costas dele. Ele rolava os dedos na grama, sempre gostara do som. Nalgum momento arrancou um capim e o levou à boca, atento a Lênia.

O roçar das unhas de Cosme na pele grossa consumiu o silêncio. O som trivial despertou a todos. Lênia, em sobressalto, abriu os olhos, virou o rosto afastando o cabelo da grama e com as mãos levantou o dorso. Hela subitamente pulverizou o delicado jogo que a dirigia. Damió, quando viu Lênia acordar, afastou o corpo para trás, instintivamente. Cosme, que por acaso animara aquelas figuras, sugeriu a procura de algum abrigo, algo improvável na extensão da campina.

Ao fim foi feita uma fogueira com alguns gravetos e com a grama seca abundante. O fogo crepitou, sendo constantemente alimentado, pois transformava rapidamente em cinzas o que lhe fosse ofertado. Damió, de maneira desconfiada, abrigou-se às costas de Cosme, Lênia com escárnio olhara para ele. Ela novamente se deitou, esticou os braços, durante o ato emitiu um gemido baixo e confuso, como um agradecimento pelo fim de um estafante dia, e cerrou suavemente os olhos. Hela, quando a viu em tal lassidão, aceitou os pedidos do corpo exausto, com gestos medidos, quase mecânicos, arrumou os colares que caíam no peito, retirou o chapéu de couro e o colocou entre a grama e o rosto. As mãos ajuntaram-se, em palmas, ao cansado rosto. Cosme murmurou algo como boa-noite; ao léu. Mas sentiu a mão de Damió pousar sobre o ombro, dizendo amigo ou obrigado. Cosme não saberia, não se lembraria, pois foi celeremente embalado pelo sono. “Só, eu aqui. – murmurava Damió abaixo a altura do crepitar da fogueira, que naquele momento assemelhava-se a sinfonias estrondosas.”

O acordar é acompanhado por sobressaltos, a súbita compreensão da estranha situação os domina. Damió, assentado encolhido, apoiando o queixo nos joelhos, exhibe a fisionomia de quem não dormira, talvez tivesse ficado durante a noite recolhido em pensamentos. Ele é quem permanece mais distante do estranhamento que acompanha o despertar. Hela se levanta e bate as mãos contra as roupas, como se indicasse com isso a sua partida. Lênia assentada na relva “Para aonde vamos? Por aqui não há nada.”

está perplexa. Pergunta-se o motivo de estar naquele lugar, a presença daquelas pessoas. A voz de Cosme ecoara, ela a ouvira mal. Ofuscada pela luz, vê os lábios de Hela se contorcerem:

“Há nada. Lugar algum há.”

Animada por um desejo, Lênia, indolentemente, propõe o suicídio dos quatro. Sendo o mundo um lugar lúgubre, por que não abandona-lo, lançando os corpos, alinhados no ritual da morte, à degeneração fatal da terra? Solitária ela ri, pois destila alguns prazeres próprios do absurdo e do hediondo.

As idéias, porém, não podem sobrepujar a fome que rói cada um deles e com mais intensidade volta a reclamar a sua porção.

“Nada há.”

“A que viemos?”

A incompreensão domina a situação. Qual absurdo os levou a abandonar a estabilidade da espera pela morte, é o sentido de uma pergunta que se fazem. Duas noites antes, movidos por fraquezas, ofertaram-se uns aos outros. As confidências, no entanto, não os uniram, criaram animosidades. Damió, oculto sempre em Cosme. Este impede a repulsa pelo outro expandir. Lênia, temida, desfruta os prazeres secretos dela conquistados ao insinuar-se. Hela, sufocada por desconfianças e pelo anseio de sempre se mostrar valente, quase sucumbe.

“Iríamos à cidade.”

“Vou embora.”

“Para aonde Hela vai?”

Ouvindo a pergunta, a mulher inclina, levemente, a cabeça de um lado ao outro. Uma negação, entretanto, sabe, deve ter uma atitude. Após apertar a correia da bota, Hela estufa o peito, expira, bate a mão contra as pernas, passa o último olhar pelos outros e parte. Os passos são curtos, lentos, refletindo insegurança. Damió indaga a si mesmo, em voz alta, a qual lugar Hela irá.

“Vai para morrer.”

Responde, exausta, Lênia. A outra mulher ouve, vira-se, e grita:
“Fique. Vou embora.”

Com altas gargalhadas Lênia a responde. Algumas gotículas de saliva saltam da boca, ferindo o queixo, a ponta do lábio inferior, a orelha e a camisa de Cosme, que, no entanto, devido ao tamanho diminuto, não as percebe. Damió vê as gotículas voando sob o reflexo da luz, porém não é capaz de acompanhar-lhes o trajeto inteiro. Lênia leva a mão direita à boca e limpa os excessos acumulados. Antes de continuar a falar, ela solta as últimas risadas arfando com proeminência o peito.

“Ninguém fará nada. Este é o momento da recordação.”

Hela bate a mão ao ar e continua a morosa partida. Damió se levanta, segura o punhal preso na cinta de couro. É um objeto desgastado, amolado repetidas vezes, cortara pescoços de novilhos, capim cerrado, casca de frutas, a barra da calça que se desfazia, a ponta servira para expulsar protuberâncias, ferrões e venenos do corpo. Damió ameaça partir também, olha para Cosme

“Vamos? Deixe a...”

esperando a companhia dele.

“Não caminharia... novamente tantos anos isolado, andarilho... qual motivo para continuar, ficar, tenho vergonha, mais vou odiar, Damió... canso das suas crendices. Parei em crer, é o mundo de verdade que faz minha dor.”

“Eu volto, se me trai. Hela está indo, temos que ir, só podemos aceitar. Como antes, carpir a terra, deitar cansado, na madrugada despertar.”

“É o que quer Damió?”

“Não temos. São mais de vinte anos, uma só maneira de existir. Você lembra, nós sabemos os sofreres da carne, são vários.”

Em desvairo tomba definitivamente Lênia. Por mais de dois dias sentindo as mágoas da inanição, o corpo consumindo-se, vendo exalar entre os poros, da maneira imunda própria da fisiologia humana, o que foi alimento, transmutado, tornado gordura. A mente debilita-se profundamente. Sentindo a anestesia similar a anestesia efêmera das drogas, ela arrasta brutalmente o corpo contra as sarças. O sangue não escorre, o corpo está concentrado na propagação dos primários processos fisiológicos. Entre as contorções, a mulher assemelha-se a um pássaro abatido agonizando no solo, ambiente tão estranho.

“Fui várias. Devora-me, repita o meu crime.”

Proclama Lênia consumida e inebriada pela fome em único momento. O corpo tenso, os músculos despontam, olha-a Damió repleto de lascívia, desejando e repugnando a mulher embalada por contrações. O grande medo do homem surge ao desejar-la.

“Quando a mulher fala, o ar enfeitiça em maldição.”

“Estou cansado.”

As nuvens são dispersas nos brandos toques dos ventos. O sol, figurando palidamente atrás das poucas nuvens restantes, carregadas em branco, espalha gradualmente calor através da campina. Hela sente o suor pregando as roupas mais próximas ao corpo, um odor desagradável sobe-lhe às narinas, enojada de si mesmo, ela coloca as mãos sobre o peito tentado impedir a subida do cheiro. Os braços exalam de maneira ainda mais abjeta. Em vergonha dos próprios cheiros, Hela pára. O couro parece menos podre do que ela. O suor começa a umedecer os pés, nos pêlos da perna ela sente gotas sendo formadas, a abominável humanidade porcamemente lembrava a ela quem era. Hela tira o chapéu, desfaz as tranças do cabelo

“Amigo Cosme, são mais de vinte anos, a gente sabe. Acordar quando madrugada se faz alta, distante de terminar, nós assustados com a hora, temos que levantar. A cara no pote de água suja, engordura a mão, o rosto, o que é pior. A gente não fica com vontade de pôr na boca. Frio demais essa hora, a noite inteira rasgado por não ter roupa direito, revirando preocupado por ter que acordar em pouco. Está tudo dormido, menos a gente. Quase meio tonto, vazio, nada vai para a boca, às vezes um gole de café, quase nunca. Vamos embora para o labor. A gente pega a enxada, só de encostar as feridas queimam por dentro, parecem lembrando o dia anterior, são machucados para não sararem. Jogamos a enxada na terra, é o som dela e só. Sem poder parar, vamos. A gente se dói inteiro, arrepiado por dentro meio desesperado, as costas, para baixo, machucam, os joelhos, as mãos, os braços, é um trabalho muito sofrido. Nisso fica, nenhum agrado, naquilo por tempo e tempo. O dia vai, passa, dá o sol no alto firme, o trabalho continua, a boca vazia. Quando é quase noite a volta é horrível também. A gente come o resto que tiver, é pior que uma miséria. A cabeça dói, faltas no corpo. A casa é triste, quando voltamos é quase noite, só a luz do dia nós temos. Escurece, recolhemos na cama morna, vêm as tristezas antes de dormir, de repente a madrugada chega e esfria tudo. A cara no pote de água suja, engordura a mão, o rosto, que é o pior, a gente não fica com vontade de pôr na boca. Frio demais essa hora, a noite inteira rasgado por não ter roupa direito, revirando preocupado por ter que acordar em pouco. Está tudo dormido, menos a gente. Quase meio tonto, barriga vazada, nada vai para a boca, às vezes um gole de café, quase nunca. Quando mais novo, valente como sou hoje, pegava o cavalo, um burrico corajoso, pobre coitado como nós. Ele até verga de tanto peso, a cela, o alforje, tudo mais. Ainda toma couro no lombo, empina e vai, também sem nada comer. Corre com a boiada, se mata nos espinhaços, esfola a mão, vira carne sangrando. A gente levava uns meninos com a gente, filhos de outros, pequenos mas obrigados na trabalhadeira de dar dó. Tinha que enlaçar o potro, amarrar firme, coitado, eram magros, miseráveis como nós. Na fazenda tirávamos das mães, depois o leite dela era roubado, eles gemiam, ninguém ligava, era pouca dor até, se tinham tantas outras.”

pensando que em breve, ao menos, seria apenas ossos e cabelo. Com mais vigor o desembaraça, balança a cabeça, limpa a testa com as mãos sujas e prende a cinta com mais força. Desembainha o facão, e enquanto segura firmemente com uma das mãos os longos cabelos, com a outra os corta. O raspar da lâmina produz um som desagradável, os fios caem ora esparsamente, ora unidos em tufo.

“Sei eu, Damió, não precisa me mostrar.”

“Amigo Cosme se muda. Acho que é a proximidade com a criatura.

A mulher corta os últimos fios longos,

“Hela! O vilarejo, lembra? É por isso, espera para ir.”

limpa a lâmina e recolhe o chapéu. Não distante, ouve o brado de Damió. A roupa de couro geme, dobra-se lentamente acompanhando a curvatura do corpo,

“Hela, venha junto.”

Hela se vira na direção de Damió. Ele continua a grita-la, a insistir que partissem juntos. A mulher não acredita, e sobretudo está envergonhada dos líquidos e odores expelidos. Talvez fosse melhor continuar com eles, mas é, além do orgulho, o próprio cheiro que a impedia de voltar. Damió dá uns passos. Em dúvida, Hela:

“Como ir? Com isso, ganharemos, não saberemos, o que será, se verá, minha fome. Aqui, tudo morto. Não sei, não hei de saber, qual vilarejo fora.”

“Foi ouvido ser lugar de nova esperança, a diferença está se fazendo. Podemos ir, ficar como eles, é um amanhã.”

(calor, tenho que tirar, cheiro horrível)

/a diferença está se fazendo/ (é nojento, ai, o que fiz meu cabe... não sei, mas como vou sozinha, sou sozinha, sempre fiz do meu jeito)

/ir, ficar com eles, é um amanhã/ [o pêlo da perna não pensa, pesa treze vírgula setecentos e sete vezes mais do que o cílio que acabara de cair das costa de Cosme e pousa sobre o botão da camisa. O pêlo tem pelo menos 1,32 cm, pelo mais 1,34, é reto nos primeiros dois nono avos, em seguida curva-se sobre si progressivamente, atingindo o máximo de curvatura aos 0,967 cm. A gota que ele suporta tem a terceira vírgula octingentésima trigésima quarta vez o peso dele, adere-se de alguma forma não estudada linearmente. O pêlo adentra mais de dois centímetros pela pele. No contato, ele não é negro, há uma substância branca. Apesar de parecer aos olhos humanos liso e homogêneo, da perspectiva dele há muitas reentrâncias, fissuras, quebras, irregularidades, não as legais, mas como de terreno, podendo perceber muitos tons de cor, enquanto isto não o torna um grande pintor. O real significado, se há, tratando uma característica como motivo da existência do referido pêlo, sendo prático, o que ele fez de relevante foi, ao contanto com a gota de suor, incomodar] Hela abaixa-se um pouco e coça a perna pelo lado de fora da calça.

“Por que esperança, por quanto espera, mais se fere, mais se perde.”

“Se for, não é pior.”

“É. Pior não. Como ir? E partir, como? Da fome serva. A fome não se vai. Nos esvai.”

Silêncio. Cosme curva vagarosamente o corpo e apóia a testa na mão devido ao abatimento. Após longo expirar e inspirar, ele se perde em fragmentos de recordações, desejos, frustrações e especulações. As moscas zumbem ao redor. Pousam ora em um, ora em outro, o único ponto em comum. As imundas criaturas, na desagradável existência, espalham variadas pestilências, unindo, com a podridão, aqueles seres distantes. [uma dentre as moscas, portadora de asa injuriada, maior do que as demais, produz o som mais estridente. Apesar de variar pouco em qualidade das irmãs, prima pela altura alcançada. Tal criatura com talento fora agraciada, pois, apesar do tamanho excessivo, que poderia impedir o bom vôo, a asa falha, o som que cativa o ódio, e, conseqüentemente, maiores ações contra, e ainda indica mais claramente a posição, consegue se esgueirar entre os humanos atingindo os orifícios de maior interesse a tais criaturas. Ela conseguiu, por exemplo, munida do talento próprio, atingir a cera transbordando do ouvido de Lênia. Após incrível manobra, deitou-se sobre aquela massa enorme amarelo-ocre, que lhe grudou as patas, e

lançou algumas lambidas. Tendo o orifício bucal emporcalhado com a cera, a mosca, atenta ao movimento da mão indo contra, voou além do ouvido. Munida da ousadia própria dos talentosos, no incompreensível baile dos vôos do ser que era, no trajeto caótico similar ao quadro que abriga a fúria imponderável, incalculada, das tintas lançadas de qualquer maneira, ela alcançou a boca de Damió. O homem, sentido as patas formigarem, tenta o golpe rápido para fulmina-la, ao que não se rende a mosca. Depois de emporcalhar a boca do homem com fragmentos da cera do ouvido da mulher, roça no orifício do nariz dele, e, por fim, desonrando-o totalmente diante das demais moscas, investe sete vezes contra o cabelo dele] Damió, levando a mão contra cabeça, dando leves tapas nela, diz a Hela: “Há comida, o que mais precisarmos quando o amanhã vier. Na vila viveremos.” “No caminho não me vejo, a fome nos vence.”

[o cílio pousado sobre o botão de Cosme, conservando este valente a postura de bravio e, indiscutível, gênero masculino, cede às pressões lastimosas de uma brisa, ou melhor, o ventinho filho de uma brisa. O rebento destece a ligação entre botão e cílio, como amante habilidoso que através de promessas de uma vida melhor, de liberdade, de uma estadia em praia amena, ostentando as virtudes de vento que é, esperando, nas profundezas do íntimo que possui um vento, leva-la para longe do antigo amado. Antes, no entanto, de unir-se ao ventinho, o cílio, sedutoramente, com a habilidade da mais insinuante mulher, pousa novamente sobre as costas de Cosme, e, depois, entrega-se ao novo amante. O botão, que, se fosse referência ao aparelho humano, poderia ser um produtor de ventinhos, distante da amada, do cílio outrora coladinho a ele, permanece sendo botão. Partindo inexoravelmente, apesar da lentidão, cílio e ventinho, embalados nos encantos dos amares, esbanjam felicidade nas marés dos ventos, indo ao mar no prazer de amar] “Ora, Hela, venha.”

Damió estende a mão. Hela anda, vacilante, na direção dele “Qual o caminho?”

balançando a cabeça em negação. A voz saíra fraca, ele raspa a garganta e repete a pergunta, poupando a necessidade das letras fa”zerem o mesmo. [se os cílios tem felicidade, diria a mãe pigarro ao filho pigarrito, irmão mais novo de pigar, irmão por parte de mãe de pingar, irmão por parte de pai de pirro. Aqueles filhos nunca igualam o pai, parecem com a mãe, só o calcanhar é do pai. Os pigarros] “É bem para lá. Atrás da colina indo, o caminho curto.”

[não falam além de quatro fonemas, 1,2,3,4. Quem falará sobre a paixão cílio, desejo carnal, ou penicual, será através da] /É bem/ (não quero ficar mais sozinha, Damió não é mal, ai, vai voltar o) /para/ [bola. Não meta-fora o que houve. Serão os hinos dos amores cantados pelos vermes habitantes do cílio, dentre os vermes, o maior: Polui Vermilius aMargo. Canto as larvas e o Cílio que, fugindo da ocidental costa, chegou primeiro às costas de Cosme. Dali partindo, pela rainha Dedo – talvez o de Cosme – impelido, abandona a terna locação e se dirige, impávido, ao botão da camisa do homem. Unido ao vírus oriundo de uma latrina, chamado rei latrina, que da mesma maneira refugiara-se no botão, o cílio e o vírus. Eis que este construtor do caos falece, inesperadamente, e solitário no botão o pequeno acessório do olho se encontra. Ambicioso como um patriarca, anseia ali criar reino como visto antes uma única vez. Permanece durante os quatrocentos e um segundos eternos permitidos pelo fado, quando subitamente é capturado pelo ventinho. Arrebatadamente seduzido, parte o cílio do novo território rumo ao incognoscível abrigo dos amantes, figurado como imagens do mar, do sol poente, das flores desfolhando amores, dos pássaros gorjeando em ninhos

calorosos de único sentimento, o soberano de todos, o amor. Para o ventinho, entretanto, como cavalheiro embebido nos ardis da conquista, amor era adentrar. Ela queria um lar, ele quer copular; sempre. Foram juntos, ele aturando para não faltar o acoplar, ela, mocinha, deliciando-se nas promessas do amante. Chegando ao espetacular mar, o entediado ventinho, ansiando novas aberturas, parte ao alto mar, onde rugem novos ventos, abandoando a amante ao léu. Incapaz de voar, de um lado ao outro se vai, no tecer triste da figura desconsolada que os amantes são. O ventinho parte, cai o cílio no mar, tragado não pela fúria das ondas, pela inconstância das marés, ou afundado pelas ondas, mas, sim, tragado na tristeza do amor perdido, afundando no umedecer das lágrimas, enganado nas inconstâncias das paixões]

“Não sabe, é perdido.”

[seria diferente se Cosme tivesse assoprado aquele cílio, ou, ainda, se o malfadado destino não unisse aqueles ardorosos trecos com as paixões dirigidas a direções diferentes. O botão, não sendo consumido instantaneamente pelo amor pelo pêlo do olho, continuou solitário na casa, até encontrar a destruidora de todos os prazeres terrenos, a aniquiladora que corta o fio da vida, sem o qual ninguém se sustenta]

Cosme inspira o aroma da lascívia mesclada aos odores putrefos que preparam o corpo de Lênia à condição de cadáver. Ele não sabe o que excita mais os ânimos bestiais do seu interior, o bafo da morte ou o hálito das partes pudendas. O fino pano do vestido de Lênia, amassado, embolado, desprotegia o corpo, das fendas dela mais odores rompiam. Cosme aspira com ardor o ar ao redor, ele atravessa a língua por toda a boca, engole uma parte da saliva e deixa porção maior à beira de romper os lábios. A embrutecida criatura é conquistada por desejos tão bestiais quanto a própria maneira de ser.

[o ventinho prosseguiu até adentrar em algo maior. Percebendo a transitoriedade da vida, abdicando do ego, transcendeu a matéria adentrando na origem dos ventos; o furacão. No olho dele, lembrou-se do cílio que matara de amor, mas não chorou, desligara-se do ego. Percebeu, por fim, ser o sol a causa dos ventos]

“Hela está vindo.”

Assim vibra Damió, a mulher volta. Cosme se arrasta para perto de Lênia. As mãos quase tocam o rosto, o rosto aproxima-se da barriga, o corpo dele se contrai em diferentes pontos.

“Por onde, para aonde?”

A saliva incontida na boca é a imagem do desejo fosse ele palpável; abundante, extravasando, disforme, incessantemente nutrindo a si, fracamente sendo contido.

“Acharemos.”

Damió alegra-se infantilmente com o retorno da mulher. Ao alimenta-la com esperanças, ele mesmo sente-se renovado, crendo, mais do que Hela, no próprio engodo.

“Imagino antes como será. Deve ser uma vila”

Não há o som do desejo, pensamentos caem à restrita mecânica das palavras. Cosme é a profusão de respirar, de impulsos despontando ao longo do corpo, a língua raspando por dentro da boca, os dedos torcendo-se na ânsia ao toque.

“bem bonita. Água limpa, muita demais. Deve ser muito grande, lá eles estarão construindo casas, para cobrir tudo ao redor, montanha, floresta, rio, lago, é para caber quem quiser, é, há algo sendo feito, ninguém, que quiser, ficará fora. Muita piedade, também. Isso não faltará. Seremos recebidos como filhos, eles abraçarão, será um mundo diferente, logo se espalhará. Deve haver um rei, ele fará o que for acontecer. E comida, Hela. Não nos faltará.”

“Vamos.”

Responde baixo Hela. Damió sente o peito incendiar por dentro, um tipo de alegria que quase se esquecera. Impossível de controlar, ela escapa como sorrisos, o abanar aleatório das mãos, o suor querendo aflorar nalgumas partes do corpo.

“Cosme?”

“Eu ficarei aqui... cuidando... de Lênia.”

Rugas de surpresa contorcem a testa de Damió. O palor do espantamento muda o tom do rosto.

“Que há?”

Indaga repleto de horror. (ficar com, sei que quer, mas se tivesse que ser, era minha, eu tenho direito, mas tem Hela, só que é feia, não, não, a outra quer me enfeitiçar, me matar, ela sabe) Novamente desejos se chocam. Damió sente pulsões variadas atacarem-no. Velho desejo reprimido mutado em violência, única força de igual poder. Ódio substituindo o desejo falho, impotente. Os dois homens se encaram, Lênia expira lentamente, o ar penetrando as narinas provoca algum prazer, é um dos raros sinais de que ainda vive. Exigindo de si enorme força, ela emite:

“Mate quem me ama, o homem Elmano, Damió.”

/Ma/ (magro? Vou matar Damió, essa mulher vai, ainda o cansaço, não sei quando) [os sentidos ao combinarem-se promovem inúmeras construções e complementos à sílaba solta aguardando parceria] (fome também, por quê, calor horrível, Damió desgra... é maldição) /te/

/mate/ [retumba violências o coração cosmiano. A garganta fecha, através das costas sobe rajada de calor, ou frio, impossível definir o pólo, importa a intensidade. A cabeça e rosto, indiscutivelmente, gelam. A palavra encarna reações por todos os sentidos, a mais branda, e, com isso, a única palpável, é a da especulação. Por tal atributo, desinteressante] (que é isso então, olha ela, mato quem vier)

/quem me/ (que quer? “Quem me quer?” Sou eu, não precisa perguntar. Vou ser o primeiro. Vou pegar você, vou sim, não importa, vai ser isso, o infeliz, a outra, desgraça de mulher, que fez, olha o cabelo, merece uma facada, tenho)

/ama/ [nas estreitas vielas da cabeça, os agentes da especulação de Cosme agem] (me ama? Vou para cima, eles tem que ir embora, vou)

/o/ (eles ouviram, me ama, tenho que matar os dois, vou agora)

/homem Elmano/ (quem? Ela também tem é que morrer, tudo é amaldiçoado, mas vou esperar quando tiverem dormindo, calor maldito,)

/Damió/ (Damió? Mulher desgraçada... não, é para matar, nossa, infeliz, vou abrir a barriga, vou dar o pulmão para você, nenhum ar terá, agora, não, quando vai ser, vou cair na mulher, quero ver, é, tem que esperar, um pouco, Hela também, vai sofrer, maltrapilho, olha que imundice)

Cosme bruscamente se vira para Hela e Damió. Ainda assentado lança o braço em direção à cintura, aperta a adaga, Hela, recuada, realiza o mesmo gesto. Cosme retira a mão da adaga e coça com raiva o queixo. Hela continua atenta a ele, que, desprezando-a, vira para o lado. O mormaço sobe através da paisagem incorporando-se às roupas deles. Na parte interna do tecido forma fina camada de líquido viscoso.

“Viu, Cosme, é algo do inferno, essa aí.”

(será seu o inferno, vai ver quando) Ignorando Hela e Damió, Cosme afunda em pensamentos obscuros.

“É loucura, é a falta de comer, a falta de viver, ouça nada, Damió.”

Diz Hela. Damió sorri, esquece as palavras da outra.

“Tem muito do bom esperando a gente.”

“Para com isso, infeliz.”

Vem severa voz cortando o vento. Cosme sabe sombrias palavras. Os pensamentos: (bicho maldito, devia ter deixado morrer quando caiu no riacho perto, mosca desgraçada, lugar maldito, vou tirar a camisa, mas não, Lênia, vou pegar, ai, ai, ai, vai ver, posso ir falar que vou pegar comida, demoro esperando anoitecer, mas se eles forem embora? Melhor, mas arranjar comida aqui? Eles olham, vontade de enfiar a faca... Lênia, vou é ficar com ela aqui, podia deitar com ela agora, mando os dois embora, o besta até ia, mas a outra, dar uma facada... é, mas eu tenho é que pegar Lênia, se ela não quiser, eu mato, querendo ou não, vai)

“Que há, Cosme? Somos irmãos, amigos, que há?”

“Nada, é o nada.”

“Sei que está ruim, mas irá melhorar, irá melhorar.”

“Talvez melhore.. indo embora.”

“Amigo, esperava isso, vamos nós três, deixa o monstro morrendo.”

“Não... o bom será a sua ida. Damió deve ir.”

“Vamos os quatro.”

“Fale por você, infeliz.”

“Não fale nesse jeito com Hela.”

Cosme solta uma breve, porém, sonora risada repleta de desprezo. Damió fica amargurado, suspira indignado, balança a cabeça e murmura numa altura que ninguém ouve:

“Foi enfeitado.”

[ofertado em momentâneo instante com o dom de falar, cílio pai explicava as artes de amar. Se a mulher apreciar um cavalo, mostra o seu valor, se ela gostar de um burro, de uma patada nela. Em seguida percebe (melhor será aconselha-lo sobre o mal dos ventos) O principal é não se levar ao vento. Os das narinas são fracos, tem pouco poder, e não ouse misturar-se com os pêlos do nariz, são muito grudentos. Pêlos ouvidos vivem trabalhando, adoram serão. Os bigodes e barbas pouco valem. Os ventos debaixo pouco nos afetam, fique atento aos ventos do redor, do mundo. Eles chegam com jeito de viajante, supostamente foram para um monte de lugares, conhecem outras pelagens, ignore. São safados, levam para longe, de repente somem, caímos, pronto, nos demos mal. Esqueça o ar de moderno deles, é tudo vazio.

Cílio filho, inoperante de ouvido, não tendo recebido dádiva em ouvir, nada ouviu, foram palavras ao vento]

Lênia aflige-se na consumação do corpo. Morosamente respira, o mormaço a incomoda, a relva irrita a pele, as forças dela expiram, resignada, aceita.

Cosmianamente (vou mandar os dois irem, é,) relegar.

“É, não será um caminho tão grande, pensando agora. Eu fui lá, Guímia me levou, no caminho do pousar do sol, no sentido igual... acaba o plano, dá para ver... está vendo? Naqueles primeiros morros, atrás dele... está a vila.”

Damió afasta-se de Cosme, olha-o de soslaio. Grande tensão está sendo criada, as palavras de Lênia

“Quem matará Damió? Cosme me quer? Elmano!”

umentam-na. Ambos os homens são dominados por grande impulso em direção a Lênia. Damió, disposto a craveja-la com o punhal, Cosme igualmente anseia craveja-la por

desejos irreprimíveis, intratáveis, brutalmente esmigalhados, transformados em hediondos prazeres. Ao perceber que Damió se lança contra Lênia, Cosme levanta, ambos desembainham as armas.

“Que há?”

Brada Damió ao silêncio aterrador de Cosme, que tem alto a adaga em punho. Hela relembra os assassinatos que vira, que cometera, afasta-se, anula-se.

Os dois se fitam. Lênia, quase desacordada, ainda pode dizer:

“Mate quem me ama, devore-o e me devore.”

Cosme se lança contra Damió, que consegue se esgueirar. Após algumas investidas, Damió receber um corte na mão, Cosme se desequilibra e cai assentado. Damió, com a estima a Cosme ainda presente, não o ataca. Cosme, audaz, com única manobra tenta se levantar e cravar a adaga na barriga do oponente, mas não é rápido o bastante. Damió, então, dá uma estocada na altura da clavícula de Cosme. A arma fica presa entre os ossos, o sangue esvai.

“O que fez?”

Cosme mal percebe o que sucede. Hela chama o desconsolado Damió, ambos partem. Cosme começa a tirar a camisa, mas a arma ainda presa ao corpo impede que prossiga. Ele rasga um pedaço e tenta estancar o sangue. A dor é grande. Em pouco ela se espalha em círculos. O ombro, as costas, o peito, o antebraço, por fim o braço e os músculos próximos às últimas costelas. O sangue esvai em abundância, Cosme consegue diminuir o fluxo. O homem vê os vultos de Hela e Damió.

(estão longe, me deixaram aqui, maldito, nunca me ganhou na faca, traiçoeiro, vou correndo, tenho que melhorar, está doendo, o sangue diminui, a grama) [sensações e sentimentos são inexpressibilidade.] (não sei, talvez pare de sangrar, melhorou, dor piora, melhor que sangrar aquele tanto, minha camisa, Damió... olha, rasgada, cheia de sangue)

Lênia geme. Ainda não morta, desmaiada, irradia os últimos alentos da vida. A luz é refletida no corpo pálido. Dama de singelos traços, lábios vagos, toques raros, olhos rasos refletem as belezas do céu, rendem-lhe homenagens, deixada sobre a relva repousando, destituída de véus; pérolas, flores, mantos não lhe adornam, e é apenas a luz do sol que lhe faz bela. Cosme volta a atenção a ela. A mão da mulher pousa sobre o ventre. Cosme engatinha na direção dela. Lênia sente o hálito do homem no rosto, mas é incapaz de reagir, ela não consegue ao menos dar sentido à sensação. Do ombro de Cosme um filete de sangue escorre, incessante, e ainda que não seja abundante, ao desenrolar do tempo encharca o pano que protege o ferimento. Logo o sangue desliza através do peito, desce a barriga, empossa no umbigo. Cosme, recordando a dor somente quando, afoito, realiza um movimento brusco, toca o pescoço de Lênia.

“Que há?”

Soa como suspiro. A mulher mal respira. Cosme puxa o pano, o sangue que esvai, cai, no início em gotas solitárias, sobre a mulher. Conforme ele se movimenta, maior é o fluxo, o peito de Cosme está vermelho, o vestido branco de Lênia fica maculado, a mão dele rasga o pano. Em frenesi, olvidando o ferimento, ele se atira sobre a mulher moribunda, tendo evidentes o palor, a frialdade e os olores da morte. Ele estraçalha o vestido, este som oculta o último e sereno suspiro de Lênia. Em meio à violência no corpo, Lênia expira, os momentos derradeiros da vida são, igualmente, lancinantes. No frenesi do ato o sangue de Cosme esvai. Nas horas que passam, o homem afunda o desespero, as angústias, o ódio e o amor tornado violência, deliciando-se com o cadáver.

Os obreiros incansáveis do mundo emergiam. A tarefa destinada a tais ínfimas criaturas consiste em desconstruir, o arquitetônico molde do humano tragam para as infladas camadas do interior que lhes adorna. Vermes, bactérias e demais roedores do minúsculo. Os céleres celerados alinhados nos átrios interiores do crânio de Lênia estavam, o copular do cadáver e de Cosme não os incomodava, disso certamente consciência não conquistariam, nem um nem outro, cada qual em sua obra, uma outrora destinada à propagação, transferida ao puro prazer, sublime, outra eternamente alinhada às hostes da destruição pura e simples. No roer e remoer dentro do crânio de Lênia, alguns, talvez trezentos ou oitocentos milhares deles, caíram na aconchegante massa cerebral. Chafurdaram nos fluxos e influxos das cargas e atividades que jazem no cérebro. Poderia-se, não fosse mentira, sugerir que a atividade dos devoradores provocou no cadáver espasmos e contrações impróprias à condição dele. Porém, o vínculo de tais criaturas é com o dissolver, o que segue, seja o devir, seja a criação, os repugna, sendo eles ou não criadores na ação destruidora. Supõe-se que incorporaram junto ao humor cerebral o sentido da existência daquele. Nesta maquinal construção colocam-se os devoradores do minúsculo como propagadores das lembranças. De tal maneira, estão aprazendo ao que lhes é mente com as lembranças de Lênia. Devorando, rememoram o passado numa conjunção inapreciável. Espectadores na caverna que é o crânio, as luzes incidindo ao longo dos olhos, deleitavam os desconstrutores com o espetáculo do passado sendo rememorado. As recordações firmemente cravadas os vermes assistiam.

Lênia recolhia os lírios, na beleza das flores ela apreciava somente o fim; as pétalas descoradas espalhadas, o fruto minguando escorrendo o sabor que, apodrecido, ansiava tocar a pestilência, raízes reviradas retorcidas impotentes ante os açoites do sol; sobretudo seduzia Lênia o sabor da papoula. Quando o céu era azul quase alvo, as finas nuvens espriavam ao tato uma sensação inebriante, Lênia o contemplava; eram os raros momentos da manhã de liberdade. Antes de atingir a melancolia que acompanha esse idílico momento, ela era convocada à servidão. As mãos de Lênia – eram apenas mãos – traziam feridas como marcas indelévels da mutilação humana. Sofria Lênia uma dor não singular, por isso nega-se aos humilhados a posição de mártires, são multidões flageladas sofrendo mísera sina.

Alquebrada passando os anos, em um dia qualquer conheceu algo realmente encantador. Vieram bandoleiros esfarrapados, exalando perdição nas canções, a mulher Satá, a exuberante Baal, dama resplandecente envolvida com o decadente Surtur, a pia Azael e, deitada, gentil nos atos, estava Aluca.

Vieram arrastados por uma carroça, na qual, indolente, Surtur deitava um dos braços. O sorriso era o único traço discernível, as roupas, o chapéu caído nos olhos, panos, farrapos, eram todos dotados de uma cor, textura, imagem, estendendo-se para as demais peças daquela visão; as outras personagens, a carroça, os instrumentos caindo, por vezes, ao chão. Pareciam os bandoleiros filhos de mera imaginação de artista entediado da variedade, dando ao cenário completo único traço. O sorriso de Surtur dava-lhe vida, vida matreira, excomungado fora, nada mais indicava nele vida, mais dele eram os farrapos, o chapéu sobre o rosto. Satá possuía os mesmos tons, a textura de farrapos embolados, mas sorria uma outra forma de vida, alegre, esplendorosa, amariam os ideais dela, Satá era plena, indo à frente insinuante. Baal, não a distinguiam da matéria morta, encostada nas vigas monocores da carroça, perdida nas lembranças das colunas imperiosas sobre as quais, em tempos maiores, deixava-se mesclar de igual maneira, a imatéria, a passividade das formas mortas fundiam-se à Baal, criando prazeres dela. Azeal, Aluca vinham.

Lênia assistiu o incompreensível surgir. Nos campos ela perdia a sua vida, eles caminhavam, perdidamente livres, sem limites. Pareciam chamá-la, na algibeira um legado, esporos escorriam, os bandoleiros pararam, logo solitários estavam, foram abandonados, os outros partiram, deixaram de colher. Lênia foi chamada. Os opressores invocaram, o bando destruído, família, clamava; o medo, a morte, a desesperança, impeliam; o anseio negava, era contrário, mas ela foi, levava um daqueles esporos. Surtur, ao fazer-se a noite, estende uma fogueira, os esporos derrama, crepitando no início, em pouco as chamas cediam à fumaça. Os bandoleiros adornavam as bordas da fogueira, o olor para eles era a libertação. Satá evocava a liberdade mor, os demais aceitavam. Aluca com a noite revigorara, envolvida pela sensação ocultada nos esporos, bailava uma dança poderosa, seduzia desconhecendo limites. Aluca bailava, parecia encantada, e estava, papoula, secretos esporos de inigualável liberdade. Baal era a rainha desses mistérios, amorosa ofertava os segredos conquistados.

“Venha, Lênia, venha, senão nesta, na noite próxima virá.”

Lênia quis não resistir, abandonou os campos de opressão, o antigo regime, a ordem, o juízo do servo, aceitou aos bandoleiros fazer par na noite seguinte.

“Tu não és nossa, tu serás livre. O ópio, minha papoula, sei que amas, um mistério, um fungo, um líquido raso, são liberdade, não és nossa, sendo companheira, pertencas a um bem maior.”

“Fui como tu, Lênia, sou outro, jamais verguei novamente à doença dos dias, acordar morrendo, venha, meu nome é Surtur, o grumoso resto de alguma flor nos liberta.”

“Veja Aluca, sonha Aluca, doce menina, queria ser ela, pura, sorrisos e danças conquistadas por remédios, derrame mais sobre a fogueira.”

“Conheça-te, Lênia.”

Provou liberdade no êxtase do mistério, não queria, não deveria resistir. Alta voz, todos sorriram, Lênia erguida cantava e bailava.

“O que vês? O que sentes? Não são delírios, é a forma real, é a cor, o tom do real. Percebes a textura do novo?”

Surtur regozijava-se, e quem poderia dizer o que ocorria no íntimo dele? Sob o imperscrutável manto da carne somente os olhos transparentes poderiam refletir os tormentos do ser. Qual era a verdadeira profundidade da matéria, onde estava o muro entre o sonho e a loucura? Quem poderia lhe dizer.

“Não era luz nem cor...”

“Continua, antigo rei, meu nobre Surtur.”

“Ah... como fazes feliz, do lodo que eu estava, foi Baal que fez em mim estas fantásticas palavras. O lenitivo, chamam proibido, temem serem escravizados por ele, mas agora não são de algo escravos? Uma fábula propagou, era mentira, mas foi imposta, pronto, a lei feita impede, os tiranos bramem: vá longe dos servos daqui, são nossos, não quero, não queremos visão, serão eles cegos ao mundo, o olhar deles é uma cor... por que deve ser, Baal? Quero deitar sobre flores, encharcar-me do luar, adormecer entre ramagens, a humanidade rendida à beleza natural, ao encanto de cada saborosa sensação, mas temem a dádiva, temem a benção da droga.”

“Terroros desconheces.”

“Ah, Baal; luz, cor, há a substância impossível, é estranha à mente, desperto não há como descreve-la.”

“Eu sei, eu sinto. Não há as arestas nas quais a razão se refugia. Não há véus na realidade desencantada. Eu vejo como vê, a substância escorre entre as flores, forma templos

naturais, constitui asas de estranhos seres. Além – era um jardim imenso, além do palpável, além do mundano, mas não era agradável, bem menos belo, uma megalítica e nefasta obra foi erigida, condenando aos reinos morte e medo qualquer mente que atingisse tal jardim. Ainda que não belo, é fascinante. As formas e perspectivas contem algo que o comum não pode sentir, alguma essência superior à matéria dos sonhos. Porém, quem ousaria penetrar naquele reino, quem desafiaria o tênue e violento limiar entre ilusão e insanidade? A obra aterrorizara a ordem e submetera a vontade, em sua constituição não era nada senão sombra – é nefando. Sombra, filha da noite, assassina da paz, quem nos templos furibundos do inferno lhe concebeu? Quem como nefasta obra a criou? Quem a criou aprazível e aterradora, dama de deliciosos momentos, manto aos atos nefastos, quem? Quando sete vezes sete vidas partiram-se como espelhos, de cada metade daquela obra surgiu uma criatura, metade morte, metade trevas, híbridos seres deslizando entre os véus do céu. Ninguém sabia, mas aqueles rostos profanadores da existência, cujos olhos emanavam horror, ficaram eternamente cravejados na memória das criaturas viventes, criando em alguma parte da mente o vórtice do terror irracional. Houve uma terceira, rosto de mulher, cabelos negros, lábios negros, pele alva, os olhos jamais abriram, os braços eram perfeitos, porém as mãos ao corpo mesclavam-se disformemente, eram miríades serpentes em atos de devoração. Qual desiludido ser ousou evocar a morte, quem tentaria tocar o diadema do destino, quem poderia percorrer os corredores do palácio da mente, quem abandonaria o maior império humano e permitiria que o fogo sagrado consumisse a sua carne para adentrar nos reinos sob o véu do terror?”

“Amo-te, antiga fábula.”

“Está esquecida. Caída rainha Chiargalagar.”

“Uma verdade antiga que perde a cada geração um pedaço da beleza singular.”

“Aluca a encena, repete dança imemorial. Aluca é bela.”

“Aluca a conhece e a transmite por diferentes artes.”

“Conta-a mais e mais, Baal.”

“Satá fará melhor, é a maior, pode ela encenar, cantar e compor, sempre foi invejada, os irmãos odiavam o brilho intenso escapado dela, o pai a amava, mas rejeitou, temeu e por fim conspirou, era um velho porco albino...”

“Baal, como guarda tal mentira?”

“Ouvi pelos cantos, pelas frestas dos muros das fábulas que tinhas um pai.”

“Ah, Aluca ri, isto é o certo, é conhecido que nunca tive pai.”

“Dizem que o pai invejava Satá.”

“É uma farsa, nunca tive pai.”

“Nunca acreditei, aceito melhor a verdade. Surtur não deve crer.”

“Não que não.”

“Um mal desfeito.”

“Meu pai não existe. Lênia sabe?”

“Quem ignora essa verdade murmurada nas vilas obscuras, espalhada nos símbolos da metrópole, guardada no cofre da congregação, gritada na revolta, mas querendo ser negada nos lapsos que, na noite, durante o medo, matam os infelizes. Parece um segredo, mas no íntimo ninguém ignora.”

“Pensaram antes que ele havia morrido, mas não chegou a nascer, não poderia, foi melhor conhecer a verdade para poder deleitar os sentidos nas formas inconstantes do prazer. Surtur, traga mais poções, inunde o ar com a fumaça das flores de Baal, as receitas ocultas encontre, prepare deliciosa bebida aos sentidos, conceda-nos nova liberdade, é uma benção,

quero conhecer mais o mundo, alguns véus restam, traga mais drogas, vá com Baal, oferte-nos doses de algum maravilhoso ingrediente.”

Lênia: A liberdade, agora percebo, ela também conhece fim. Sempre fui atraída pela noção gigantesca de liberdade, fascinava os meus sonhos acima de tudo a idéia da eternidade sustentando a liberdade. Para mim, ser livre não seria romper, estar além de impedimentos ou conhecer outras possibilidades, seria a eternidade. Sempre fui atraída pelo eterno, parecia algo singular à liberdade. Era ela como o céu que pela extensão ultrapassa o tempo. O céu azulado, era maravilhoso, a idéia do eterno, sempre ansiei, mas agora caem as lágrimas, o sabor das drogas torna-se um traço suave com o ir dos momentos, as alegrias igualmente diminuem, um tempo curto conhecem, grande infelicidade é aceitar o transitório. Gostaria de conhecer o caminho da louca resignação que impele os seres à vida sabendo a efemeridade dela. Minhas obras, se restarem, se houverem, qual proveito terão, estando rígido o meu corpo, inchado, pustulento, vazando humores horrendos, corroído, a mente perdida, irrecuperável, pútrida, levando, em tal estado, as memórias, as esperanças, os saberes e sonhos, carregando ao nada, ao mero lodo, a minha vida. No frio este corpo, e não será mais corpo, isolado em qualquer buraco profundo, inaudível, intocada, e eu não serei mais, não verei mais, não sentirei, deixarei muitas palavras por dizer, meus sonhos não serão tangidos, eu serei perdida, esquecida, logo aqueles que conheci se esquecerão, morrerão também, será breve, em pouco tempo estarei esticada horrenda enclausurada por madeiras gastas. Morrendo, nada mais será, em breve virá a morte, e morrendo, morrendo, não há outro caminho, o tempo vil escorre célere, e mesmo não sendo assim, conheceria o fim, quanto basta um longo tempo se ainda conhece o fim? Não quero mais tempo, viver tem sido triste, queria a impossível eternidade ou nulidade, apenas, isso deveria ser o meu lenitivo, mas não há eternidade, e cumprindo alguma maldição eu nasci. A droga é um novo reino igualmente fugaz, no fim, o que nos resta?

Azael: Quando nasce a criatura e tange o ocaso, nos filamentos da existência só há a luta desesperada ao prazer. Está aqui, nas minhas mãos, cesse a luta.

Lênia: Não romperá a efemeridade.

Azael: Tal qual a vida.

Lênia: Quero o eterno.

Aluca: Na volúpia indizível dos prazeres consumidos incessantes adormece o eterno.

Lênia: Nem creio.

Azael: Recorde-se dos breves momentos passados, eram livres de angústias, quando o prazer adormece nascem as dúvidas. Tome novamente.

Satá: Deleitar é curvar à sua vontade o tempo.

Azael: Relembre os momentos de prazer há pouco.

Lênia: Eles foram...

Baal: Retornarão ao mero toque da língua.

Surtur: Os grãos caem da algibeira, vamos recolher, são portais mui belos, no prazer atingimos a eternidade, findam as perturbações, e aqui está o prazer em forma de matéria.

Lênia: Aceitando pareço dele tornar-me serva.

Baal: O que fostes até hoje?

Satá: O que serias?

Lênia: E quando acabar virão dores mais fortes...

Azael: Enquanto viver alimentará os sentidos, o paraíso conquistado brandamente.

Lênia: Pode haver algum mal, sempre o quereirei.

Satá: Sempre o terás.

Lênia: Viver é isso?

Baal: Não será?

Satã: O sacrifício, a dor precedendo a vida, o erro na primeira geração, são as condenações que aspira. São os males que aceita, somente os prazeres queira.

Surtur: Antes desta noite não havia conhecido a vida, o que era seu era a morte.

Lênia: Dê-me, quero nova experiência, se o sabor calar novamente as angústias, se o prazer substituir o que tenho chamado por vida, esta noite terá sido grandiosa.

Azael: Entregue-se, as palavras da sua vida, de outrora, são consolos. Sentir repele os pensamentos, partam os males anteriores ao nascimento, não temos culpas.

Lênia: Eu sinto...

Baal: O que sente? Ouve uma sinfonia desconhecida? Seria capaz de esquecer e modelar novo o passado? Quais palavras querem sair da boca, mesmo sabendo o absurdo dos sons, qual o sentido do que foi dito, o que espera, o que aceita?

Lênia: Finde, tudo se curva ao prazer, palavras – basta sentir.

Baal: Surtur, torne um monstro a fogueira, vamos nos deliciar, Lênia pede companhia.

Aluca: Ouçam a plúmbea passadela do flautista triforme co'a multiflorida coroa pendendo entre os cornos espiralados, cá e acolá nas urzes dispersa flavos pelos passos. A música por doces sons sonha poesias de gélida contextura. Bruxuleando suspiros, bela e plena, sublime melancolia, a melodia daqueles mais altos sonhos figurados, sem face, minha doce e bela poesia. Ho, uma ode, ao som, à alegria, ao que me toca e nega. Acamada em obliuio, profundas forjas, câmaras enevoadas, poeira, fogo, morte, neste lúgubre incandescente cenário nascem as sibilantes texturas da música. Soa, voa, sonha flamejante donzela, os passos seus intocados, disformes, impalpáveis à crua forma de uma sensação velada, que só aos poucos emerge feroz no peito, extravasa ao conquistar a boca humana. Em ledô engano, volúpia aderindo à minha pele, displicente sobre pântanos encantadores, poderes de um lago podre esverdeado exalando uma fantástica desolação, jogando-me à contemplação do irreal, imersa parte n'água, parte em lodo, tola displicente, imaginava não ouvir a música, em delícias perdia os meus momentos, prazerosos, letárgica sonhava não voar, esplêndida fulguravam as formas completas do lago, embebida em néctar que desconhecia, deixava-me guiar o não sentido da música. Quero sonhar, pura beber os delírios dos sons, ah, minha doce e bela, poesia.

Lênia: Os sons são ternos nada sendo.

Satã: Aluca é insanidade.

Aluca: A fumaça, pirílio prílio, vitral distorcendo, são as impressões sobre o mundo, pelo lenitivo dos grãos a impressão deslumbra outra forma. Amiga minha, primogênita Satã, deite-se nas drogas.

Satã: Quero.

Azael: Ó, dourindaneas sensações, são igualmente dourados os seus olhos, ofertô-vos mais.

Lênia: Novamente, e mais, infinita.

Satã: Confronte o prazer, fenecendo, moral decadente. Carrancuda feição, signo vazio, os teus seguidores estão mortos. Deuses como ratos escorrem no lodo ao precipício, finda a velha ordem, renasce o prazer contra domínios impostos sobre temores do futuro. Findam os deuses e os acólitos, tal como as crenças dos senhores, vis armadilhas. A alegria desmancha as regras da dominação. Império da dita infindável glória – moral, arma de longas torturas – onde na mortal esfera reluz a sua magnitude? Mui doloroso, deus – fantasia absurda – é para o ser mortal resistir ao titânico peso dos dogmas – desvirtuada imposição – quando somos carne conspurcada vivendo nas trevas da volúpia onírica, sendo

por vivermos. Os puros axiomas são envolvidos por lanças cruentas que mutilam e destroem os seres. Findem os valores impostos com a morte dos dominadores.

Azael: Satá é belicosa, sempre a guerra almeja, revolta-se, ira alimenta na mais branda imposição, quer mais, ir além, por isso a seguimos.

Aluca: Satá colorida vibrante ensanguentou os palecentes reinos de outrora, recusou o título secundário, piripileante seguimos por sabermos na casa da antiga moral sermos servas.

Ainda ignorando o passado de Satã, a seguiria, sentindo nela vibrar novo tom.

Satá: Dancem, o véu está rompido, somos livres e a noite majestosa nos acolhe.

Surtur espalha sobre a fogueira novos matizes, sorumbático, entretanto, afasta-se tomando nos braços Baal.

Surtur: A noite é macilenta, os galhos parecem espetos fazendo sombras com a luz fraca da lua. Ah, a lua, é sinal do que é fraco, permite as trevas, opaca, sem vida, não tem luz para alegrar os seres, nem é um manto para esconder o mal. As árvores têm os galhos afiados, as flores extinguiram, um macilento caminho está formando. Olhe o horizonte, enevoadado parece conduzir à lua, que simboliza a fraqueza, ela mostra a natureza nossa, o vazio das formas externas querem unir ao do ser, a carne e a natureza sussurram na mesma sintonia.

Quando o mundo de fora aparece como agora, agourento, ele quer espelhar o mais profundo daquilo que vive, quer achar na carne do ser algo igual à desolação que se forma.

Baal: O fogo crepita, quantas sombras estendem-se sobre nós, são elas belamente dançando.

Surtur: Eu olho para lá vendo o horizonte, esqueço os sorrisos do aqui, a paisagem tem um poder, quero me entregar.

Baal: Surtur, vá adornar a noite, pegue mais drogas.

Surtur: Estranha Baal, não percebe que choro?

Baal: Se quiser, morra. O quanto me vale, eu desprezo. Sei que deseja algo ínfimo de mim, algo podre, submeter-me. Lamente o que for, não quero ouvir. Eu parto, no coração meretriz a canção:

Desça umedecido cristal noturno
Sob a forma singela do sereno
Retesa minha pele flamejante
Faça de mim tua horrenda amante errante.
Ah! Surtur, meu terno querido infante
Gosto de ti – humilhado no inferno
Vítima da minha fúria e luxúria
Do meu desprezo por tua alegria
Por ser o anômalo que sou
Por ser a moléstia que sou
“Caminha, aberração”
A tua, minha, canção...

Feneça. Caia em volúpia, sob a dança enevô-me, vibro a alegria das canções, devoro os anos – jamais retornará, atroz letargia – con Spiro gritos, folhas mortas dos meus pensamentos, varrem os ventos furiosos uma nova emoção, morre o choro, morra Surtur, caia para sempre em abismo. Floresce a glória, ainda mais a pura alegria do doce viver. Desdenha da morte, sou inconquistável, as manchas esvaeceram, as murchas distrações transmudadas são esplendidas, algo belo toca-me, nódoas jamais perdurarão.

Surtur: Poderia eu ser mal realmente para matar Baal? Lá, elas riem alegres no feitiço da fumaça, aqui, solidão, eu, o mesmo, lá, danças, vozes e vozes, aqui, deserto, os pios da

noite, lá, festa, alegria, nem se ouve a fogueira crepitar, canção esconde canção, aqui, as árvores vergam barulhentas, ouço minha respiração, rama arfando, lá tem festas dos feitiços, fumaça e felicidade fugindo... aqui, queria eu ser mal. Devo ter sido maldade bastante para aterrar a alegria, decretar a morte de Baal.

Lênia: Volta Baal, deusa que amo.

Satá: Retorna meu cetro direito.

Lênia: Azael, amiga, muna-se do alfanje, das lâminas, traga a adaga, os gládios, metais cortantes, e mutile o meu rosto.

Aluca: Plangentes elevados inconsistentes anelos, belas púrpuras veias abertas, ao rosto formato raro incorporando.

Lênia: Quantas armas podem me ferir, retiro da humanidade, acuidade na criação, degolas, mortes, torturas, maquinalmente, filhas da razão tais tramas. Mutile-me, oblacionemo-nos. Sejamos amazonas do tempo desolado, revertamos a tirania.

Satá: A ordem fenecerá, às armas, às armas.

Aluca: O fogo está extinguindo, vamos recolher o alimento a ele.

Lênia: Narcóticos da minha libertação.

Surtur: Riem lá, estou longe nos choros. Venha, pedra, como crime faremos uma cena. Será a minha companheira.

Aluca: Vem lá Surtur.

Lênia: Oblacione-me e com assassinato venderei Surtur à corrupção orgânica da terra.

Satá: Parta os órgãos dele, a cada uma de nós oferte o sabor da carne humana.

Surtur: Serei cruel. Perto a coragem diminui, ainda a Baal rendo amores. Ela não seria, mas não me aceita.

Aluca: Ó formas negras, escuras, noturnas formas, os luazes, as sombras, ocultam Surtur, trêmulo na primeira aspiração homicida. Olham cá, percebem o intento, a lasciva dos remédios concedem às amazonas, irmãs minhas, a percepção da cena inteira. Surtur caminha, fraqueja, tenta se ocultar. Quem o convida, ignoro, ele aceita, às carícias se entrega. Simbólica aparição, despem os mundanos trajes, o semblante alarga em alegria. Elas concedem a ele as bebidas de um turíbulo, inebriado está, as amazonas iniciam o ritual. Satã, Azael, oblacionam-se, o sangue cobre os olhos de Surtur. O homem desperta, feitiço dos remédios e da bebida foge, tardio momento. Sobre ele lançam-se as amazonas, um novo aroma tempera o ar, a carne flama, devorado, cai o falo, o ossos estouram no calor da fogueira.

Além, são incapazes os obreiros do caos definirem. [Vermilius, o verme, soneto extemporaneus, apõem-se a entoar, nada da forma, a idéia: Amazona perdida, rutilante tomba a tua carroça, geme o animal, a perna inchada, braços pendendo, assemelha-te a imagem de uma marionete, as mãos são a tormenta... Cala boca, Vermilius. Cessa, indignada, a voz do poeme. A fúria que acompanha a criação lhe concede o fôlego não-profético: incineradas serão minhas obras, no meu talento tuas gerações não afagarão as dores. Meu filho é comida] Os vermes morrem, morrem os filhos, nascem e morrem. A degeneração só é complacente com os cabelos e os ossos.

INVOCAÇÃO

Nunca manhã serena, a placidez estendendo ao mundo, passadas as primeiras horas em nuvens monótonas ao céu, recebera mais graves passos aos do séqüito de Jová.

Nunca antes fora visto agrupamento, como vaga abalando o singrar das embarcações, arrematar a tal forma, em marcha marcial, a mansidão da manhã.

O cortejo é comparado a extenso exército.

Falanges, hostes, cortes, são as ordens do agrupamento.

Reclina-se Jová, as largas veias do pescoço despontam, o olhar furibundo manifesta-se entre os brilhos do poder tirânico, os longos cabelos como de selvagem animal adornam o rosto, tudo é fibra naquela imagem monumental. Altivo, volve o corpo e estampa o peito à imagem de majestoso estandarte, a mão erguida, lançada ao horizonte, saúda os seguidores.

Liderava a quarta falange Três-Contigo, do coração protegido. Levava o bacamarte, arma estrondosa. As ordens proclamadas o grupo aceitava salvo de hesitações. Marechal do campo, devotas as armas a Jová.

“Trazemos Rezas e Espadas ao Soberano. Conquistas Ornam o Nosso Trajeto. Iremos Galgando, Ontem e Sempre, Estimulados ao Relembrarmos as Vitórias. E enquanto Amarmos Jová, Outras Vitórias Alcançaremos.”

O antigo marinheiro Malhieiro, em companhia da maestrina Apissara, animavam em orgulho o cortejo. Soberanos da segunda falange.

Bráquita, arqueiro cujas flechas tombavam apenas à piedade. Mucunda, companheiro na quadriga, que ao cair da noite liberta os cavalos das selas e das rédeas. Bráquita liderava a primeira falange.

Codorneiras, bravio de setas fatais, o místico dos dardos mortais.

Acairain, conhecedora das essências que dissipam as enfermidades. Galante a postura pelo exemplo aos demais ensinava. Senhora da terceira falange.

A auto nomeada Chiargalagar, atroz nômade guerreira, cujos brios a derrota ainda não temperara.

Brirma, de apetite voraz e verdadeiro realizador das titânicas tarefas. A ele cabia a quinta falange.

Seguiam mais, centenas eram as hostes, milhares os seguidores. Mulheres e homens comuns elevados na grandeza da devoção. Traziam não armas, os demais, mas os acessórios vitais a tais jornadas. Teciam, coziavam, as artes mundanas conquistavam, devotando os labores ao ínclito Jová. Entre os animais, amadas eram as vacas sagradas e os pios cordeiros.

Ante todos. Perfilava Bel Jová. O posto e a atitude eram inatingíveis. Comandava tal qual os selvagens guerreiros dos primevos dias humanos no orbe. Emitia raras palavras, sóbrio em todos os momentos, conquistava o respeito e a admiração dos experimentados combatentes exibindo incessante coragem.

Liderava a oitava falange Sétimo, irmão abjeto de Bel Jová. A aziaga falange, causa de vergonha e escárnio entre os próprios companheiros. Incapaz de governar devido aos dotes naturais, invejoso dos feitos assombrosos do irmão, urdia em silêncio contra o comandante máximo. Similar a uma choldra seguiam o cortejo. Era a imagem de um altivo leão cuja pelagem brilha no fulgor do sol, que ostenta a perfeição dos músculos, seja no

renhido combate, no suave caminhar ou no preciso engatinhar que marca o ataque fatal, e, como fado horrível, arrasta, ridículo, o rabo em frangalhos.

Os membros da falange de Sétimo iam hesitantes entre a descrença propagada por ele, a desesperança da constituição natural e o emblema de Bel Jová. Entre eles seguia Duropradana, mais próximo a Sétimo em devotado ódio a Bel Jová. Na lentidão própria dos traiçoeiros intentos disseminavam os germes do malfadado desfecho.

Os primeiros passos foram sobre terra castigada. Havia rara vegetação, chuva esparsa.

Os acampamentos eram erguidos pouco antes da escuridão. As tarefas eram definidas com precisão. Quando montadas as tendas, servia-se o alimento. Bel Jová postava-se à cabeceira da mesa improvisada. Breve oração precedia a refeição.

A frugalidade acompanha a esterilidade do terreno.

As botas compactam o solo.

Poeira se ergue, cora a borda das calças.

O solo fissurado cede em certas partes.

A sola é arrastada.

Ruídos são propagados e unidos aos passos.

Poucas vozes, a respiração não é ouvida.

A roupa dobrando-se produz outros sons.

O rebanho muge.

Metais se chocam.

As botas adiante diminuem. Todas estacionam.

Bel Jová:

“ Intrépidos guerreiros, a glória fugia-lhes às mãos.

Possuíam, cambaleantes, a oprimida existência.

Dos céus, entretanto, provem a tábua contendo a leia e a verdade.

A palavra transmuta-se em carne

a escrita ressurgue como voz

a fortuna elege quem fará o amanhã.”

Ovacionado, regozija-se Bel Jová. Com as mãos reata os trabalhos.

Pessoas são espalhadas. Operações.

Instrumentos se chocam, sons cobrem o ar.

O solo é perfurado. Panos são desfraldados.

Pontos incandescentes.

A água contida no metal sobe.

Seixos rodeiam o fogo.

Vozes.

Constelações resplandecem.

Odores são movimentados.

Vapores ondulam.

Raro capim é reunido. Os cascos se agitam.

O metal afunda na comida.

O sono é desfraldado.

Reinício.

A música marcial cadencia os passos. Os sons são:

“A túnica tácita anicia tétricas carrancas
turvos nos tísicos tirintantes
rai ai um tai taciturno
inicito óclito mínimo um tal
bai cai um tai onívoro
tétricos trangores

cooloides tetrarcas
tântalos talos.
notívoro um com ai
fala ral unai um tal
ála fora um tal qual destro
fungores com tais óleos comes

Olores melosos oros om forus notívagos nos viris

Terríficos títilos revéns
tetrárquicos fulcros tétricos

nátricos buldaros inflames
telúricos anarcas de tísicos tritão.

Córtex comidos, colífero rulpteros

rufos rutos

Estatam nos tratos tirânicos entre tétricos terríficos titãs.”

A sucessão diária incorpora a monotonia.

Bel Jová:

“ Eis o quadragésimo dia.

Ao redor, opulência inicia o deslumbrar dos sentidos.

Alimentos novos são invocados

o estéril passa, entramos nas bordas de um novo reino.

Ainda está longe, não se enganem

maiores provações virão, mas não impedirão a nossa chegada.

Alguns filhos caem

a luta é renhida

as armas são escassas,

mas conquistaremos.

Volte a coragem dos dias iniciais,

Eu vos exorto à glória.”

Outros dias.

As solas arrastadas são numerosas.

As fissuras do solo rareiam.

A monotonia não cessa.

O caminhar confere cantos. O cortejo eleva a voz, cria músicas. Cada estado geral do grupo refletem. A euforia dos dias iniciais esmorece. As marchas marciais cedem a cânticos monótonos. Os sons deles são:

“Em moar nos vares ares sedúlicos ferianos

ferianos alombrosos ulfurias anilias misturas

fazendo alegorias misturas de vemes pálidos tristes de frangor morno monótono

nos sais, ais suaves mornos e brandos em moldes

suaves ais de moles

óles e nomes em moldes de foles

hoje de foles

creio vão na rã
fã na rã.

Quando insurge insulfureos plangentes ferido ouvidos
armiscos trados leves
quando flácidos no quase quanlor momentâneo.

Foge brumos hominosos
olhares ouvidos tristes fuligens ouvidas tristes inexpressas.

Embalas ouvintes olhares em molhares.
Quando há, há milhares.

Nos sais, ais suaves mornos e brandos em moldes
suaves ais de moles
óles e nomes em moldes de foles
hoje de foles

foge brumos hominosos
olhares ouvidos
tristes fuligens ouvidas tristes inexpressas.

Embalas ouvintes olhares em molhares.

Oleosos melaninos dos olhos fogem.”

Os cascos compactam o capim. Bocas colhem.
Outras paisagens, ares outros.
Coberturas então desconhecidas estendem-se sobre o solo. A magra paisagem cede,
progressivamente, à densidade.

O desenvolver da marcha aponta à exuberância vegetal. Rios são ouvidos,
impressões visuais fustigadas. Do estéril natural ao opulento.

Portentoso Jová, soberano de inominada curvatura, poderio inigualável esbanja na
plenitude dos atos perfeitos. Assim é visto. Ouvido com tal tom:

“Eis o dia nascido com o número setenta e sete.

Cansados estão.

Entre nós e o novo reino há o tempo

a única separação.

Caminharemos ainda, restam centenas de dias

digo para que ouçam.

Somos mártires

conduzimos as gerações do porvir à terra sagrada.”

Sétimo alicia crescentes seguidores. A fraqueza dos ânimos dispõem tantos
guerreiros à cômoda senda do ódio. Duropradana, com forte pulso, direciona a oitava
falange.

Sétimo e Duropradana alimentam as discórdias. Conflitos surgem, os descontentes se refugiam na maledicência dos líderes da oitava falange.

Bel Jová, no intuito de enrijecer os seguidores, impõe severas ordens. Sétimo enxerga o momento, lança milhares contra Bel Jová. Devotos e traidores se chocam.

A fúria é espaiada. Arditosamente Sétimo se esgueira e assassina Bel Jová. Vendo a queda do líder, os fieis sentem a coragem abandonar-lhes.

Os traidores rechaçam. Bráquita ordena o recuo, os fieis se escondem nas matas e lamentam o fatídico desfecho.

Duropradana, no comando das amaldiçoadas tropas, entoa a vitória. Sétimo degola o irmão, o ínclito Bel Jová, e exhibe a cabeça. Os traidores se lançam sobre o corpo e espalham os membros aos quatro cantos do horizonte.

Ensandecidos, os traidores festejam. Sétimo e Duropradana vibram.

Os sons da festa são:

“Púlpitros vive em vívidos vidros rápidos correndo ripas alegres

mães alegres alegrias

máscaras caras farsas e esparsas

sanadas nas várias eleitas saras

máscaras caras esparsas e sarças

mágica maneiras sanadas de manaus

vive, vive

vive roi

vira rira

feliz da alegria

feliz duas farofadas

foi fiz refiz e fiz

gosta e gosto, gosto gosto

rei, rei, ei ei ei

gente gente general

olha lá, vive, vive lá

festa festa

festa festa

festa só

via via, feliz via vida

oi! viaria

quarteirão de um queijo furador

hoje hoje

vive só de festa

retesa festa esta

vive festa

festa esta vive resta

vive, vive
vive roi
vira rira

feliz da alegria
feliz duas farofadas, feliz regada
pegada forte
fiz, fiz, fiz
fenício foi festa feliz rarapaz.

Cara cara, cara tu

Hoje ontem
vive feliz
come roi, roi e come, home nome.

rei, rei, ei ei ei
gente, gente, general
olha lá, vive, vive lá
festa festa
festa festa
festa só
via via, felicidade via vida
oi! viaria

cara cara mascará

hoje hoje
vive só festança
festaria

retesa festa esta
vive na festa
festa esta vive resta

vive, vive
vive roi
vira rira

feliz da alegria
feliz duas farofadas

feliz regada
pegada forte
fenício foi forte felicidade rarapaz.

Cara cara, cara cá.”

Durante a noite, entre os afastados fieis, Bráquita se ergue. Plano audaz intenta.
Ainda que desaconselhado, parte sem armas, munido de pano necroverde e de uma arca.
Esgueirando na sombra se dirige à clareira onde os traidores festejam.
Ocultado pela fortuna, recolhe o corpo de Bel Jová à arca e enrola a cabeça no pano.
Ileso, ignorado por todos, retorna triunfante ao abrigo dos fieis.
A loucura passa. A luz espraia-se ao mundo. Os traidores acordam de um pesadelo.
Olham ao redor, há destruição. Nasce o remorso. Em silêncio, dormindo Sétimo e o cruel
Duropradana, alguns traidores buscam o corpo de Bel Jová.
Anseiam que o crime tenha sido parte do pesadelo.
Vêem a destruição.
As insignes de Bel Jová ao chão.
Há sangue.
Nasce o remorso.
Ao sono de tantos, alguns traidores se lamentam, batem as mãos no peito, arrancam
os cabelos.
Ecoam nos sons do arrependimento:

“Ho! Não, não há!

Na foz roz ávido palor
pavor da morte reduz constructo
oligato monimoso

Terrúmbicos ambercatos
Antrarquicos molianes feridos
Nos feros horrores comedores do compôs da tempestade
Ouvindo mutilados mosmigatores
Tritirúmbicos omelinosos ferácidos anastrozes
Tilitantes trirrambos molinosos oleosos nolgures.

Falos, incrédulos, descrentes.

Morticínio.

Mortandade imperativa da anomalia indigesta da cácrico desredor

olivina desencanta, mutilado melanosos
Oriundos dos lagos mulinares
dos palestros anitólogos
girassóis ordinários ouvidos entre os laços
dos ouvidos viveros.

Sulfúrea indagação nos caos pranteosos
onírico enganação furiosa.

Ia fero,
Ó relicário
resguardo treslado animosos

Ruges tirinlicos tétricos tetrarcas
Tântalos, talos
Cárridas couveres nos haveres retrógrados do ávido caderno

Sulsufureo relicário ominoso
Ávida anátema, antrarquica carina.
Cálida carina cadeirosa
Horrielsono dos últimos alaridos
Alantes palácios anafastos

Árrida.

Impávida atro anátema involtória
Infez, refez
Ávida

Ávida

Alínea.

Ai! Altanaz rega ou traz anáforas de libidos.

Ai! Glória ingrata

Ais de glória, ingrata ai.

Máficos halinos matizadas

Sub flor dos ávidos anelos
Ávida anátema, antrarquica carina.
Cálida carina cadeirosa
Horrielsono dos últimos alaridos
Alantes palácios anafastos

Árrida.

Atra nalinica musselina, impera.

Ilias

lirias

miríades mileneas

mortergor.

Fátegos oeres

Iliares lirias milenares

milena

mitigas manopla.”

Sétimo desperta. Contemplando a destruição fraqueja. Duropradana o exorta.
Duropradana convoca os homens. Exige fidelidade. Inicia o mais ignóbil ato.
Armados, os traidores se lançam contra os arrependidos. O massacre dura pouco.
Duropradana é o único a não se atordoar.
Nas matas, Bráquita conclama a vingança. Os batidos fieis se erguem. Resgatam as
armas e o valor. O estandarte tremula, postam-se novamente como exército.
A guerra nasce.
Duropradana organiza os homens. Sétimo, movido por intensa vaidade, surge com
adornada armadura. No alto do ombro aparecem o boldrié e os botões resplandecentes do
cinturão afamado de Bel Jová.

Os traidores partem da clareira ao campo aberto. Boquiabertos assistem os fieis, com os ânimos renovados, saírem das matas igual a violento enxame. Eles assistem Três-Contigo munido do poderoso Bacamarte, as setas cruéis de Codorneiras, Acairain, Apissara, Chiargalagar, e tantos outros, embevecidos pelo ardor da vingança.

Sétimo treme. Duropradana tenta manter a posição, mas fraqueja.

Surge, então, para o arrebatamento geral, de inimigos e seguidores, os alvos cavalos conduzindo a quadriga de Bráquita e Mucunda.

Bráquita, repleto de ódio, e Mucunda, que enaltece os sentidos, soam os boréis.

Em seguida, Birmá toca a caixa de guerra. Com a voz poderosa, que aterra o exército inimigo, eleva o estrondo.

Os mais valorosos entre as fileiras de Bráquita batem as armas contra os escudos, os jovens e inseguros guerreiros repetem o ato. Os sons tumultuosos vibram na sintonia que despedaça a esperança dos inimigos.

Bráquita desfalda a bandeira com a marca de Bel Jová. Ergue o arco e alinha as flechas.

Ambos os lados aguardam o movimento dos líderes. A espera pode durar dias. Munidos de tal consciência, os guerreiros se angustiam. Quando os movimentos iniciarem, os medos serão dissipados, antes, os experientes controlam o destempero dos demais.

Bráquita solicita a Mucunda que a quadriga seja posta entre os dois exércitos. Bráquita anseia ver mais perto Duropradana, Sétimo e os demais inimigos.

Os líderes adversários, abalados em suas convicções, presentindo a fortuna lhes abandonar, ficam imóveis. O medo os impede de ter com Bráquita e Mucunda.

Bráquita observa os exércitos no campo. Sente-se satisfeito ao perceber o terror afligindo os oponentes. Novamente entoa o boré convocando os líderes rivais à guerra.

A quadriga gira em torno de si. Bráquita se apraz. Ele pede a Mucunda, a quadriga vai para perto dos adversários.

Em rápido impulso Bráquita puxa os cavalos. A mão treme, a quadriga recua à posição original.

Mucunda: O que houve, sinto súbito temor nas suas veias, ó Bráquita. Desfalece, as flechas, morte certa, caem das mãos, recua, algo o aterra.

Bráquita: Ó Mucunda, veja, entre as fileiras inimigas, trazendo ferozes os arranjos do rosto, o peito coberto por ferro protetor, o braço esquerdo ocupado inteiro pelo escudo, a mão destra brandindo a arma mais afim; são os meus irmãos, os companheiros, os entes queridos, e veja o meu pai, ainda o pai dele, e ao lado os meus filhos. Estão todos sob o mando inexorável de Duropradana, prontos para matarem a mim e os meus.

Mucunda: São os campos da guerra. Cada exército traz um estandarte, impossível é a existência de ambos.

Bráquita: Não somos filhos de uma única família? Do outro lado está o patriarca e o rebento, enfrentando-os, incorro no risco de dizimar o passado e o amanhã. Com poucos golpes aniquilaria o que sou. Haverá causa maior, amor mais poderoso do que o concedido aos pais, aos filhos, aos entes queridos? Posso nutrir vontade qualquer em iniciar este confronto?

Mucunda: A posição da tragédia é o que vemos, o embate inevitável de duas grandes paixões, o conflito que não será negado.

Bráquita: O conhecimento não impede que a fraqueza esteja presente em mim. O desejo de lutar por Bel Jová é grande, sou guerreiro inigualável, mas como poderei ferir os meus irmãos? Que ânimo posso ter vendo os meus entes queridos desejando lutar contra mim?

Estou tremendo, minha pele arde e os cabelos arrepiam, sou incapaz de erguer o arco. Eu só vejo o mal, sinto-me fraco para permanecer aqui.

Mucunda: Não temos escolhas, é a morte que se anuncia nos campos, a guerra está posta, viemos para matar.

Bráquida: Prefiro a morte, aceito-a a ter que esfaquear aqueles que me foram amados. Ho! Mas vejo o ódio deles, são os criminosos que extinguiram a missão. O caminho de Bel Jová será apagado se eles vencerem, poderei trair os fiéis, o ideal, trair a mim mesmo? São criminosos, vieram nos matar sob o mando de Duropradana, são os inimigos da palavra e da verdade. Ho! São eles os meus amados irmãos.

Mucunda: Está aqui para defender o emblema de Bel Jová, não pode recuar. Se os adversários são amados, qual é o mal?

Bráquida: Qual mal? Que tipo de pergunta me faz?

Qual bem haverá se

 mato
 os
 m
 e
 u
 s
e
n
t
e
s
 a
 m
 a
 d
 o
 s

qual
 v
 i
 c
 o
 m t
ó
r
i
a
 e
 p
 s
 sa
 r
 á
 as mortes
 será uma
 tragédia

pede que eu aceite, mas

como

d
e
rei
e
u
eu

p
o

Mucunda: O seu lamento é pelo que ainda não houve; a guerra, e por aquilo que é inevitável; a morte. Se há um apaziguamento no momento derradeiro da vida, é quando ele se cumpre nas mãos de um ente amado. Se morrer, será entre os seus irmãos, se matá-los, o fará com piedade, no alento final concederá conforto e amor.

Bráquita: Ó Mucunda, tem a veracidade ao seu lado. Mas ainda assim é um crime, como posso atravessá-los, assolar a vida que ainda os sustém, como escolherei o tempo de cada um? Depois, como viverei sabendo tantas mortes? Quais serão os frutos do meu trabalho? Não me disponho a lutar contra eles nem pelo maior reino do mundo. Ficar, recuar, são ações aviltantes, como viverei após tal infâmia? Poderei condenar o meu exército desta forma? O inimigo é impiedoso, ficaremos como cordeiros aguardando o sacrificio? Ó Mucunda, há o emblema sagrado de Bel Jová, poderei traí-lo? A minha mente está tomada por angústia, meu corpo tomba na quadriga.

Mestre?

Mucunda: O ideal de Bel Jová devemos propagar, os inimigos devem ser mortos, e não tema este ato, não é crime matar para conceder esperança a tantos. A luta é trágica, as opções são apenas matar ou perecer, nós temos que ter a vitória, pois dela depende a propagação do ideal de Bel Jová. Temos que seguir, O caminho para o amanhã depende de nós.

Bráquita: Qual paixão é maior, ou é correta?

A minha vontade despenca,

Estou alquebrado

não me toque

alquebrado antes

da batalha

a essência

e s v a i

co

m
o
p
o
s
s
o
e
u

Qual a solução ao confronto inevitável
como desaguar
a tragédia
prevejo
grande
mal
como
posso
eu

MESTRE?

Mestre

Mestre

Poderemos viver?

laços frouxos

Ho

nós

eu

ao que se rende a humanidade?

NARRAÇÃO

Lá nos cafundós contada e recontada, trescontada, viracontada, tantocontada, multicontada tantas vezes a estória que fala do ido, às vezes de apelido fábula – estoreta farseta. Fábula confabula, a fala falha, é inverdade, lenda ou não a fábula vai falar-se. Lembra ainda repetida que fora o nome atestada, marcada, manchada, marcha fincada a navalhada nos casos contados, tem por nome lume singular jeito de ser chamada por a Jováquia.

“Evocou a sagrada desgraçada desassossegada desgarrada partida fratricida do bando de doudos e o babaquara pai assassino pai.”

“A Jováquia eu conheço, estava nela vivo.”

“Conheceu eu também.”

“Comigo também estavam.”

“A vivi.”

“Vivi-a também.”

“Foi tudo verdade, não tem de invenção não.”

“Verdade. Quem fala: “foi fábula”, merece morrer.”

“Não invente, pois foi tudo verdade.”

Se é dito não desdito, fábula ou não é, faz nada não, sei me vou contar, se for por vós licenciada, o que ouvi. Para contar devia distender a lira ou entoar um boré, que soa bem mais bonito, mas não tenho um ou outro, lira nunca aprendi, o boré, som mais lindo, quase me esqueci o que é, miséria é tão misérias por aqui que as peçaletas de belezas que são viver para as umas partes aí do que é cheio do meloso de cada um, mas para a vivência feroz podem ficar longe, apesar da lastimesa que vira a vida, ira vida, esses artificios, feitiços, para embalar a gente são relicagem esquecida. Não tendo boré ou lira, o mirto e o louro, plantas esquisitas que nós aqui não temos valor, a rama hera verde na minha infância há muito está queimada, as flores nem tem mais, e a testa ferida afasta a grinalda. Ao lado da casinha sapé, no banquinho de madeira assentada, ma agrada muito mais do que no cume, cimo ou pico, palcos das falanças enojadas que os patrões distante, que os desgraceiros do outro lado do mar jogam e batem sobre nós, sobre vós, fingindo serem belas aquela estranheza do outro lado, rude e fingida que cansa nosso ouvido. A gente aqui não é perturbado para ver ninfa, linfo, fada, musa ou bailarina, nem sei, ouvimos a estória e cantamos, ficando ela bela pela tragédia do povo e a voz desse mesmo nosso povo. A palmeira de tronco áspero, queimou também, não importando, basta ouvir pensando que está acontecendo.

A Jováquia inicia nos idos do seco, com o ajuntamento de um bando de gente. Porque pode ser bando de gado, e tinha gado também. Num lugar longe eles moravam e saíram quase juntos, formando um bolo grande parecendo procissão enorme. Eles levavam consigo o que podiam, só não as casas por ser impossível, porque queriam leva-las junto, mas ficaram as casas e a cidadezinha ficou vazia, e as janelas ficaram abertas, as folhas, a poeira e a água das chuvas convidadas desse modo entravam casa adentro parecendo serem agora as moradoras da cidadezinha. Se pensar bem, até ficaram sendo, porque partiu a pessoada na imensa procissão. Jová, o comandante da estória, seguia lá pela frente, atrás o amontoado ia meio não sabendo, caminhando querendo parar ou voltar. Bordejando iam os cheios de tralha, catando o que caía. O rebanho vagava por entre o bando, entre os meios entre, os povos, e só alguns deles estavam mais perto do comandante, quase todos mais longe. Desse jeito a Jováquia começava, ninguém poderia adivinhar os sucedâneos, quem diga só o comandante, o próprio Jová, enxergava do chão ruste do interior cheio de

insolação, chutando as pedras, quebrando as pernas, caminhando dolorido, indo em desânimo, vendo uns tantos rumos diferentes, seguindo indo insistindo até as galerias matagosas que daí tantos anos chegariam. Talvez a exceção o comandante, ninguém parecia saber a rumagem tomada, deviam achar que não duraria dias demasias, em pouco tudo acabaria. Talvez foi por isso, quando ainda era terceira noite de caminhada, que tantos estavam tão inquietos. Eles montaram um ajuntamento em um palco de planta rasteira, sem graças, mas verde e fofa, estavam saindo do interior ensolado chegando, não sabendo, acho, no meio do interior e da mata maior. Talvez por isso também estivessem aflitados, a transtornança da paisagem fazia uns preocupados, outros não, eram mal-tratados mais tempo pela vida e haviam conhecido as diferenças de uma terra tão grande, de quaisquer modos, ao cair da noite terça estava um nervoso alvoroço. O comandante percebeu a inquietação movimentando a pessoada, assumindo o papel que tinha fez uma falança:

“Quem está cansado e descontente, lembra que cumprimos parte da caminhada para o outro lugar. Ao redor o campo muda, vemos pregadas nele cores que só tínhamos na imaginação, as folhas de um jeito viram outras, até o ar é outro, e seremos nós outros também. Eu compreendo o estranhamento que sentem, pois o que eram estão deixando de ser, a cada dia um novo outro começa a nascer, as mudanças ao redor são pequenas comparadas àquelas do vosso interior. As pedras partidas pelas queimaduras do sol estão ficando atrás, a relva macia parece um conforto, no final chegaremos a um lugar em que as pedras partidas derramam leite, e as frutas, há todos os tipos maduras esperando serem colhidas, ao caírem dos galhos, antes de espatifarem no chão, viram mel.”

Uns tantos riram baixo descrendo, mas acreditando ou querendo acreditar, os mais à frente, que acompanhavam o comandante mais perto, mais do que acreditaram, ficaram sonhando com essa ilha maravilha. Tiveram uns também que não creram de maneira nenhuma, mas sendo poucos, só puderam calar. Logo algum perguntou com a visão precisa da arduza da vida se o comandante achava que bastava às pessoas leite e mel. Mas se ele tinha posição de liderança devia ter lá uns truques. Meio esperando essa pergunta da fidelada, respondeu apressado antes de qualquer outro falar ou ser inundado por pensamento nascido da pergunta. Falou desse modo o comandante:

“Se a pedra castigada sob o sol, que arde violenta até espatifar, a pedra que é sinal da resistência, que os anos suporta imóvel, se até ela, no lugar que nos espera, se até a mais dura dentre elas, lá, no lugar que nos espera, derrama delicioso leite para beber, o que direi do resto? Se o mais áspero nos dá essa benção, imagine o que não oferecerá o restante do lugar? Frutas nascem em muitos lugares, em algumas terras água deliciosa escorre abundante pelos rios, mas em lugar nenhum manam leite e mel, em lugar algum as jóias são dadas sem trabalho ou estão livres da prisão da mesquinha. Mas lá, no lugar que nos espera, a fartura manda em tudo, nada é cobrado, e se até o precioso, difícil e trabalhoso, lá brota da pedra, rola puro das frutas podres, se até o que é mais morto, como a pedra ou a fruta podre, concede maravilhas, imaginem quais frutas não nos darão as árvores suculentas lambuzadas de manteiga desfolhando tapetes gostosos para andarmos, fazendo camas enfeitadas pelos dedos serenos e suaves das flores, embelezadas por uma multidão de cores cujos nomes ainda desconhecemos, imaginem?”

Aí tantos e tantos se encantaram definitivo, achando então as fadigas bom sinal do trabalho feito no caminhar ao novo lugar. Mas o comandante queria capturar mais, e continuou:

“Se alguém perguntar – falando pela pergunta a falta da fé – se basta às pessoas frutas saborosas, água deliciosa, leite, mel, belezas criadas no interior da natureza, um reino

sereno e matas verdejantes de sombras eternas, antes respondo que não. Se me olharem espantados, então eu deveria olhar-vos mais espantado, porque não é comer e dormir nossa sina, quem vive e pode imaginar, percebe precisar de algo mais, e esse algo não vem pelo comer, acordar ou trabalhar, mas é como um alimento íntimo, vos despertará, e à vida que é labutosa desde o nascimento anunciará o sentido.”

Falando isso achou o comandante que estavam satisfeitos em continuar a jornada, as últimas palavras, que pareciam complicadas, de pouca razão, não tiveram o efeito de poder que ele achava, mas não soube, porque as pessoas mostravam-se meio sonhadoras, o comandante achava que as palavras enigmáticas tinham feito aquilo, mas as pessoas pensavam nos morangos, nos pêssegos, nas tâmaras, jabuticabas e no jarro de vidro cheio da água das cachoeiras espalhados na grande mesa de madeira velha acolhendo todos eles. Foi a primeira noite de sonhos. As palavras duraram mais quatro dias de insatisfação, não mais. As durezas estavam como antes, por um caminho durando dias, carregando tralhas, tendo na cabeça a tristeza de abandonar as casas, pouco o que pensar no sol fustigando, procurando lugar para esconder da queda orvalhada da noite, ganhando medos, vendo o derredor mudar mas a vida continuar sofrida na retirada que parecia esticar a cada dia ao encurtar.

Dos que iam à frente tinha um que era irmão de Jová, era o sétimo irmão, sendo conhecido desde sempre por Sétimo. Era muito palhacento, desgostava do irmão, isso era claro, estava sempre apegado a uma irmã, o nome dela ouve pouco, era Néfati, Nefifi, não lembro. Sétimo era feito a gabolices, podendo ria do irmão, desfazendo, apontado o dedo, rindo e xingando. Isso era sem dúvida antes de Jová virar comandante daquele bando, e Sétimo estava misturado neles, não por acreditar ou querer lugar novo, mas para, metade invejoso, metade duvidoso, tentar arruinar a caminhada do povo. Pois aí, quando as pessoas estavam cansadas da caminhada e as palavras de uns dos dias antepostos tinham perdido a força, e o povo decidiu parar, no meio da tarde, irritado pela mesmice e sofridura de até então, gritando: “Que é que nós teremos para comer? Antes tínhamos lixo, quase nada, éramos miseráveis, mas tínhamos o lixo para tentar comer algum resto, e agora? Na terra antiga éramos escravos, mas vivíamos um dia, depois outro, aqui qual será o nosso futuro? Por que nos fizeste sair da morada velha? Para nos fazer morrer de sede com os nossos rebanhos?”, não crendo mais no futuro abensagrado prometido por Jová. Sétimo começou artimanha de matreiro. No ouvido espalhava desilusão, aos mais importantes queira desfazer futuros, mostrava o abandono e sempre lembrava as perdas tidas. Era verdade que até ali tinham perdido bastante e ganhado só esperança, Sétimo fazia aumento disso. O comandante, de novo, e de novo, sentiu obrigação na posição, sabia que falar traria benefício algum. Mais do que falar pegou a palavra sagrada, a promessa, e foi bem assim:.

“Promessa. Uma promessa é um velho valor sagrado. Pode ajoelhar quem acreditar, levantar as mãos em palmas, por a mão no peito e depois na testa, unir as mãos frente ao rosto e murmurar, dançar, cruzar as pernas, ajoelhar, entoar o cântico sagrado, seja como for, porque ante algo sagrado estão. O que prometi no primeiro dia, prometo hoje, amanhã será igual, um dia será real. Mas se não querem crer, eu compreendo. Por enquanto tiveram de mim palavras, eu sei que os corações mais fracos, menos fáceis à esperança, em quem falta fé, não se enchem com as palavras, mesmo sendo elas sobre o nosso novo lugar, um reino para cada rei. Por isso eu digo para ficarem aqui, se quiserem, pois vou eu sozinho nesse mato ressecado entrar bem e lá trazer o que pedem os corações frouxos nos laços da fé.” Deixando lá os que estavam duvidosos sem muito entender, e de certo jeito aceitando o pedido deles, ou protesto, que foi parar e não mais andar, espalhando tralhas e pessoas por

ali mesmo. Ficaram duvidando cada um de si mesmo, pois o comandante foi sozinho, derramando fê, adentrando na mata estranha desrespeitoso, valente e corajoso para algum propósito que ninguém conhecia. Mostrava assim que estavam indo certo, que ele sabia o amanhã para eles todos. Sétimo calou, de novo, e de novo engoliu o rancor esperando hora boa para a desonra do irmão.

Comandante foi pelas matas matinhas, voltando com o raiar do sucedâneo dia. O povo olhou meio desentendido ele trazendo um fino tronco torto sustentando a que desde então por bandeira foi chamada, apesar de parecer pouco com as bandeiras que estavam acostumados a ver, talvez por isso tenha sido tão atenciosa. Na ponta do galho ou tronquinho, pois, havia como que um abriguinho de duas madeiras ajuntadas meio em bico, presas pelos lados por outras duas rasas de madeiras, dando para as quatro uma semelhança de abrigo, uma proteção para a imagem feia de horror que queria ser gente, mas dela nada tinha, só vaga vontade de parecer. Em cima do abriguinho tinha um grande enfeite de flores e flores, velhas, secas, ressecadas, misturadas com madeiras novas ainda verdes, pedaços de umas frutas maduras e um véu bordadinho. Era feio, mas um encanto adocicado para as vistas enrudecidas, podia ser feio, mas era de certo uma maravilha de beleza, mas aquela que é diferente, que provoca choro triste, era meio espelho de uma beleza gigante sofrida no mundo. No meio do abriguinho um boneco real que achava Jová ser seu. Ele chamou um entre os seus e entregou a bandeira, daí então foi chamado aquele um Alferes, para o sempre, e depois vieram mais dois, quando o primeiro morreu, chamados foram também Alferes, e mesmo sucedeu quando o segundo morreu e veio o terceiro Alferes. Eles perdiam o nome e assumiam uma missão, da bandeira guardiões, vigilantes conduziam, trelavam desvelavam, caminhavam camirodus, po-nará para lá, pondo dispondo intonto cá aqui acolá. Que é feito e desfeito do Alferes, era dito, era próprio acalentar carinhosos orgulhosos, feitorosos brio-brio, ser dela, da bandeira, fiel-filho-amante. Era Alferes ferroada, Alferes fezdeiteiro, Alferes ferenino ou fengasdisso. Um morto. Um morto. Esse aí sumido. Dizem que findando a retirada, sem me adiantar, caminhou ele louco a bandeira entrezvazada pelo corpo, ditando as regras da reisada prosseguir. Fez até um culto, era ele deus cortado, três reis e mulher castada tudo de única vez.

Mas ia o Alferes trazendo na mão a bandeira, só de vezes ia na frente dela Jová, ninguém mais a bandeira podia passar, era norma nunca desfeita. Sétimo ficou perfeito de inveja de não ter sido guardador da bandeira, na noite comia ódio pelo irmão e lembrava quando antes arrancou o olho de um dos filhos de Jová, só com isso diminuiu o apetite por raiva.

Atrás da bandeira viam os mais próximos, por opção ou destino, de Jová, uns parentes velhos ou os mais fanáticos. Depois viam os outros, o bando grande, confuso daquele jeito, indo também desindo, os rebanhos iam juntos, também as tralhas levando no lombo. Sétimo mais uns aproximados viam de fora, não ficavam perto de Jová, não ficavam com o bando, iam bordeando, parando, correndo atrás, indo, voltando, só não passavam a bandeira, de vezes Sétimo passava na frente do comandante, quando ele estava atrás da bandeira, e isso era ofensa, mas o Sétimo nunca ousava passar na frente da bandeira, aí até ele temia. Esse irmão de Jová era do tipo ofensivo, por isso ganhava respeito dos mais inquietos pelo jeito corajoso de desrespeitar as leis. Mas passar na frente da bandeira era uma lei que nem ele abusado enfrentava. A Néfati ou Néfistis, irmã dele, não ficava com ele nas gabolices, era serena, cria na missão. Sétimo ia berrando, falando suas chulas, dançava, se entortava, batia no rebanho, piruetava, caía, gabriolava, pulava, fingia morte e

berrava. Uns riam, outros imitavam, eram palhaços, tinha uns tantos que tinham desgosto, mas o comandante ia fingindo não ver, talvez não visse, o que furiava Sétimo.

O bando cantava enquanto caminhava, as vozes dos palhaços não abafavam, até porque Sétimo e os seus preferiam as chulas no buraco entre as músicas.

Passando o tempo a música virava um conforto melhor. Para acompanhar o canto o bando começou a fazer uns instrumentos, havia com o tempo cada preciosidade, mas quem se lembra deles, eram gente desgarrada esquecida. O violim, a viola doce e a viola dura iam pela frente, depois a melosa sanfona, o centro das músicas, dava o caminho para os outros instrumentos, vinha o panderim, o chocalho, o tarol, o triângulo, aí vinha a caixa de guerra, o tranqueiro e os runfos do bumbo. Outros músicos cantavam: ai! Os palhaços não tocavam nada, ficavam piruetando, gabolando e chulando, o Sétimo xingava Jová e fazia troça, é que pouco, porque tinha medo também. Muitíssimos dias foram assim, o bando, diferente na música, começava a vestir roupas parecendo mantos, elegantes pousavam elas quando findava a cantoria ou precisavam comer, montar casa ou dormir. Vendo o esplendor que virava o bando pela música uns tantos do Sétimo acabaram parando as palhaçadas virando músicos também – porque os palhaços eram proibidos de tocar, só cantar mais ou menos e separados – e uns tantos palhaços mudaram virando músicos do bando, andando certinhos, respeitosos, vestindo as roupas bonitas também, fazendo músicas de esperanças amanhã, seguindo fieis Jová. Sétimo viu isso e sabia ser bom, queria ser um daqueles músicos lustrosos também, mas não seguiria Jová, por isso em uma invenção criou máscara para si; uns dentes de lata, chifres de bicho morto, pele e velocino de outros, roubou espelhos, colocou carcaças nos ombros, fez de si uma mistura interessante mesmo que logo trouxe mais outros tantos para o seu lado, mais do que havia perdido. Mascarado foi admirado mesmo, e deviam ser bem belas as criações do maldonado Sétimo. Os que iam com ele, os outros palhaços, faziam máscaras também, virando artistas também. Tinha um que pegou dois compridos dentes, umas orelhas diferentes de animal caçador, colocou uma língua grande na ponta da boca, velocinos na cabeça e lado do rosto, espelhos na testa e peito, um nariz de esqueleto e dos olhos metade de goiabas só com um furo pequenino para ele enxergar, parecia uma assombração as órbitas vazias, mas devia ser uma máscara muito bonita. Outro era elegante, tinha roupa de zuarte, alpargatas, cartucheiras, estrelas brilhando no ombro, uns dentões saindo da boca, a máscara era de ouro, pintada de vermelho, tinha umas barbichas, orelha pontuda, e ele levava uma bengala grande. Eles todos inventavam nomes também, Iur-Pari, Perereg, Tata-Oiara, Licamnboi e outros por lá. Sétimo virou Trovão-Tempestade.

O bando de penitentes ia lá, na caminhada deram mais de seis anos de tantas turbilhanças, estavam adentrados em selvas, rios gigantes que rasgavam a terra berravam igual animais monstros, e ainda o bando desconhecia o fim, não sabiam que dia chegaria o lugar prometido, turbulosa jornada devia nunca acabar, tantos nasceram sem conhecer fora da jornada, outros tantos morreram durante ela, e o tempo carcomia indistinto. Foi aí que veio uma noite e decidiu tudo. Houvera briga durante os anos, brigas, mortes, não importa, o da vida. Na noite que falo pareciam os nervos comuns, não houvera indício de raiva mais que a ira constante. Não dizem se houve trama, mas na noite tantos e tantos, dos mais fieis até os palhaços, caíram sobre Jová e mataram de todas as formas. Faca, dente, pau e pedra, garra, unhada, bocada, dentada, trucidaram o corpo dele, arreventaram e espalharam, cada uns pegando uns pedaços, velhos pegando os dedos, irmão um braço, umas crianças com a carne dele na boca, e o sangue esparramando nos ossos igual nos galhos secos, nas plantas verdes, na pedra orvalhada, nas folhas torcendo com o

peso grosso do líquido. Jová só sobrou, uns pedaços do que foi o corpo dele espalhados. Aconteceu de uns tantos arreperderem do feito, chorando desesperados, imaginando perder o paraíso, a razão do caminhar, dos passos sofridos até então, temeram o velho Jová, o castigo pelo feito, pensaram muitos horrores. Aconteceu que na noite que mataram Jová todos comemoraram com uma festa opulosa, caindo de beber pelos cantos da clareira formada da festa, festejando até ficar tonto de desmaiar. Os arrependidos ainda não haviam arrependido.

Foi grande comemoração. Os arrependidos, ficando depois da festa, ajuntaram os restos do corpo de Jová, o pedaço de braço, sangue ajuntado nas folhas secas, um olho, três dentes, uns dedos e uns pedaços de carne de dentro dele. Colocaram em uma arquinha, enrolaram um fiapo do rosto em um pano preto ou verde e fugiram pelas entremeadas da surdina da noite. Eram poucos esses, quando o dia comeu a noite, eles acordaram, a bebida passou, outros mais arreperderam vendo que onde havia os restos do corpo do comandante não existia muito mais. Outros tantos arreperderam também, pensaram ser milagres do corpo talvez andasse como ressuscitado. Sétimo, que estava vitorioso, vendo os arrependidos fugindo e deserdando procurando os outros arrependidos que, era dito, estavam querendo reparar o erro, juntou os seus e começou a matar quem quisesse arreperder. Mataram só uns quatro, quatro é pouco, né? Quantos nascerem agora, mais de mil, pode morrer quase mil, ho numeragem engraçada. Pois aí, mesmo os próximos de Sétimo não gostavam daquilo de matar mais pessoas, sei lá por quê, talvez que podiam não estar arrependidos, mas de vezes tinham um filho, mãe ou parente que estava, ninguém dispôs a mata-los por isso. Ai! Aí estava um conflito. Não tardou e os arrependidos voltaram para o grupo trazendo os restos do corpo de Jová como sagrado, foram uns tantos para o lado deles, outros tantos ficavam como estavam não arrependidos por matarem quem trouxe tanto sofrimento por quase sete anos. Estes, no mando de Sétimo, deviam querer pegar os restos do corpo porque recordar algum daquele homem deveria restar, ainda matar quem havia arrependido – mas disso aí eu não sei bem. Os arrependidos estavam novamente no mandado de Jová, mesmo morto. Do lado dos arrependidos tinha um jeito meio igual para matar, os outros eram matadores do comandante, eles que também mataram estavam meio até que livres, por arreperder deixavam de ser matantes, enquanto os que não arreperderam eram verdadeiros assassineiros, deviam com morte pagar o feito. Foi aí que teve início a guerra que tudo terminou. É dito, não desdito, que foi os três resultados que deu, metade ganhou, falou a outra metade ganhou, falou ainda que os ambos perderam, bem sei não que não sei... os ambos... isso lembra âmbar...

“Basta, então.”

“Isto, está fartando a gente de ouvir.”

“Desespero solitário devaneio.”

Pelo meio sempre erros cometera

Sobre o morro fogareiro

Altaneiro...

“Fecha voz se dor não quer provar.”

“Que seja isso!”

“De onde veio esse outro aí, está chegando e soltando loucura pelos lados.”

“Deixa o pastorzinho intocado aí no canto, com quanto não queira repetir as estrundisses que começou.”

“Deixa aí, não é normal.”

“Mas a estoreta da veia aí no banco foi estrumbada enrascada.”

O que sabe falar, arengue desgracento, maldição de quatro pé, não está para entender, é só para ser mais um que é o seu falar, nem viu para entender o que foi feito, era tudo nas palavras soltas aí por mim uma verdade para ser valorizada, se não entendeu, fico sem dizer; então o por querer mais repetir, iliárida epopéia terminada em suspiro...

“Eta história mentirosa, de viés e soslaio acabou inventando camaradagem grogorosa.”

“É mentira demasia, as memórias são cabaça esfuraçada, rete quase nada e tampa os buracos com invenções. O cordel-redondilha só que retêm o tempo não desmentindo os feitos, fica gravado pela rima, pelo tal e tal das palavras juntando ritmos, ficando o que foi como era.”

“Redondilha inventa de igual jeito, por vezes até mais porque precisa juntar palavras, cortar uma ou outra, podar para parear, cola ou solta e perde o sentido, mudando tanto que mesmo se fosse repetida sem uma letra mudar durante tempos, ainda assim estaria errada, porque é na invenção dela que o cantador, o safado que nem liga para o que era e só quer os sons, para fazer bonita, apesar de mentirosa, as redondilhas, aí está perdida desde então.”

“Fala, ralha, rimar é amar alta arte, veja e inveja, não sabendo fica sofrendo.”

“Olha que mato.”

“Qual?”

“Mata, minha arte não perde:

Esvoaçando a cabeleira
Pelo vento matutino
Crepitando tanta idéia
Ia lá meio em desatino
Com fogaréu na cabeça
Dizendo no...

“Ó profanadores da verdade, que as vossas bocas sejam amordaçadas pelos talentos de Og`iim. Ouçam os cânticos sagrados da única verdade. Homenagem a ti, ó Jová, tu que vieste em uma barca celestial transportando os juncos para construir barcaças que carregarão o bando eleito. O sol rende-te homenagem com ambas as mãos, ó Jová dos passos de ouro. Salvem tua missão, ó tu que és o escolhido e levantas-te ao clarear do dia com ambas as mãos juntas. Salvem tua missão, cujo fim são os reinos do oposto ao poente. A vida recebe-te com regozijo, ó Jová dos passos de ouro. Saiba a humanidade que és tu como o sol castigando as trevas, quando levantas-te inundas o mundo com alegria. Mostra a jornada à alegria. As nações regozijam-se em ti, tu, ó Jóva, que vieste na barca celestial. Possa o antigo ancião abrir a minha boca, possa o soberano da cercania desprender as amarras, as amarras que tapam a minha boca. Homenagem a ti, poderoso sol, chego-me a ti de coração aberto, dá-me uma boca para que eu possa falar, dá-me uma boca para que eu possa falar sobre a missão de Jová, príncipe do amanhecer. Eis que começa a jornada, são estes os cânticos de louvor e glorificação, os cânticos de louvor e glorificação a Jová. Os dias de fogo estão findando, pois Jová de dupla visão rende ao mundo um festival de alegrias. Eternamente caminha Jová, o príncipe do amanhã, seguido por Sétimo, que evoca tempestades e trovões, e tem a irmã Nefis seguindo à direita.”

“Antes devo interromper e acrescentar algo aí, um ponto de rara importância não pode ser esquecido para o bem andar dessa lenda, deve reparar pois não é para esquecer que algo mais do que foi falado deve ser ouvido. Foi relatado, de fontes fieis, uma peça que é de valor muito grande em o que foi contado, atento temos que ficar, é importante reparar detalhes, pois...”

“Fala logo...”

“Estás interrompendo-me, verme.”

“Ouça só. Além de Sétimo, irmão de certa importância, de valor indispensado, não há de ser negado, de fato foi para ser lembrado e não para ser esquecido pelo papel cumprido, mas ainda há mais para ser falado, um personagem, repito, assevera na ordem que foi sucedendo a grande lenda uma importância para nunca ser renegada, pois foi dele que pululam tantos e outros fatos que passariam por perdidos de razão, mas ouvindo bem pude recompor quem foi e era esse tal sujeito, de maneira a poder relatar como foi...”

“Capeta, fala o que quer.”

“Diz o nome, nada além acresça.”

“Ele tinha três anos a mais na vida do que tinha o comandante, era um mágico bem um tanto quanto fajuto, não havia mágico entre os medíocres que não seria possibilitado a perceber os segredos das mágicas dele, não era o pior, de fato, algo para ser confessado e até falado alto para ser, até mesmo, marcado nos registros, a tinta, ou a ferro, como queira bem, mas não era nada dos grandes, era um mais ou menos. O nome dele era realmente uma longa caminhada bem estranha, pois na mágica queria era ser conhecido pelo nome para ele um tanto cheio de lustres que era o nome “Barão”, mas a mágica era a feitoria de valor minorizado, não podia a ela votar muito longo tempo, no maior dos tempos trabalhava nas venturas do roçado, arava a terra. Era um dos poucos que arava a terra, e precisando dele, diziam: “chame o arador”, e de imediato sabiam que dele estavam falando, pois era quase o único nessa feitoria. E foi que arador era uma palavra meio longa, e para fala-la era cansativo, acabaram chamando o homem de arar, mas como este nome confundia com o próprio feito, acabou virando arão, e ele gostou, porque era uma sonoridade que acrescia mais do que era no real aquilo que ele fazia, mas arão, de alto nome, esforçosamente, sem o querer dele, mas pelo maneio que é comum do povo, que empreguiçado de falar aquele nome de solenidade nas reentrâncias do dia que ia, passou então a chamar o camarada por ara, e estava para virar “a” se ele não tivesse começado com as mágicas a adotar o nome Barão. Aí houve uma grande confusão de nomes no que deu arão, porque “a” vem antes do “b”, quem fala sou eu, é o que penso, quem vem antes, surge antes, e se fala antes, mas quem falaria arão seria louco, e ele ficou mais chamado por Arão. Não esqueça o nome dele de apontar em sua lenda, pois tem o papel dele relevo para não ser esquecido.”

“Homenagem à jornada começada iluminada sob o disco solar. Homenagem aos fieis que em grupo extenso seguem a trindade: Jová dos passos de ouro, Sétimo e Nenfiz.

Levantas-te, levantas-te, tua hora soa, renovas quem eras, o sol ilumina as estradas, e o caminho para os crédulos está preparado.”

“Devo bem breve interromper para afirmar que Jová no começar era acompanhado por Arão. Sétimo ficou irado pelo irmão mais velho, Arão, ter sido escolhido como companheiro... lembrei agora, falando em companheiro, que o comandante tinha uma companheira nomeada...”

“Pára! Ó verme, abra caminho para mim, o teu dorso nefando, ó entidade maligna, eu esmago com a minha mão, que é como o cruexim de Oian. Sou poderoso com o meu duplo arco, afasta a tua narina, ao longo do teu dorso nefando eu deslizarei como um campeão dos velhos tempos singrando no mar das duas marés.”

“Vá lá, se é para não ouvir esse desconexo todo prefiro nunca de novo abrir a minha boca. Olha, devem confessar, é uma boquita bonita, bem costuradinha, macilenta, úmi...”

“Vedes, infíeis, as palavras de poder sempre cumprem o feito. Cala-te, pois sou aquele que anuncia as obras de Jová, e sou forte como o osso de Jová, o inquebrantável.”

“Isso não começa e parece não ter fim de tanta canseira causada.”

“Lá vem mais.”

“Salve tu, que trazes cânticos alegres para serem cantados pelos fieis. As nações que te acompanham regozijam ao contemplarem o teu semblante...”

Esta desgraça que não desanda, quispraguera desgraça maledizenta do inferno. É inferno seu putreto enjoadisso, né normal essa fala, fala que...

“Cala! Cala! Ó Jová, trazes na frente os teus diademas clareando o céu, a terra rejubila com o toque dos teus pés. A poderosa trindade dos braços largos renova as esperanças, na frente dela caminha Jová, cujos passos são de ouro. Os inimigos louvam-te ajoelhados, tu és o comandante da poderosa trindade. Ó bem amado líder, trazes nos braços, como mãe zelando filho, a tábua esmeralda que contém as leis, e quando a tua voz as dita, é ouvida nos quatro cantos do mundo. Os povos recebem com alegria e regozijam ao ouvirem as leis. Rendem-te homenagens, a ti, ó príncipe do amanhã. Salvem Jová, que fornece pão a quem tem fome, alegria dos campos de centeio. Eis que agora estás sobre a montanha semelhante aos ombros de um deus endurecido. Sobre ela está Sétimo, portador das chuvas e dos trovões. O teu irmão convida-te para medir o tamanho de um caixão, a ti, Jová, cujo semblante resplandece na alvorada. Sétimo mede teu corpo e regozija pelo teu gesto puro. Eis que levantas-te do caixão, e erguido como vivo novamente apareces. Sétimo regozija com ambas as mãos abertas e de joelhos agradece a tua bondade.”

“Agora preciso interromper, sem querer romper o seu fio meadano, mas não tendo como fazê-lo, aceite de qualquer maneira minha desculpa, que é sincera pode ficar certo, disso não hei de duvidar, ainda que seja aquele que por mim mais se incomoda.”

“Cala, ó verme!”

“Ouve só que foi meio diferente, não tinha esse tal jeito de alegria confrade, e foi muito tolo o papel tão bem interpretado por esse homem, o falecido Jová. O irmão dele chega vagaroso, meticoloso, artiloso, precavido, bem atento, falando calmo complacente, mostrando argumentos de sinceridade irresoluta, suplicando até pode ser, querendo assim de jeito habilidoso envolver inteiro o comandante. Lá no alto da montanha, se o lugar é esse não sei ainda, mas aceitando por ser até alegoria, o irmão mais novo bem astuto tomba ali um caixão pesado. Havia mais gente, entre elas o comandante e o irmão de nome Arão. Sétimo vai ao comandante querendo afastar-se do milagreiro Arão, a verdadeira palavra deveria ser magiqueiro, mas aceito essa bonita que é feiticeiro, ou milagreiro, e mais recolhido em uma ponta da montanha, nas sombras de uma árvore, no lugar em que estava tombado o caixão, aos olhos de muitas pessoas sem ligar, queria só sair do lado de Arão, depois de muito conversar e iludir, convence o comandante a deitar no tal caixão. Mediu e viu que deu certo, ficou feliz, mais ainda, enquanto o comandante se deitava ali o Sétimo ria e cabriolava, fazia pouco de tal homem; parecia defunto, dessa forma quem ali estava, gostando ou não de Sétimo, acabou rindo-se muito das zombarias contra Jová. O comandante nem percebeu, depois de um tempo, levantando, vendo o povo a gargalhar desenfreado, ergueu as mãos em calorosa saudação pensando ser aquela agitação daquele tipo de encantamento mais profundo, mais belo, que não podia mesmo ser. Mas o homem que era o comandante acreditou, e Sétimo ficou feliz de uma outra forma ainda.”

“Ó verdade, que a boca dos profanadores seja amordaçada pelos talentos de Og`iim. Eis que Jová, o príncipe do amanhã, aproxima-se de Sétimo, e são como o disco do sol e o disco da lua no raro encontro.”

“Mas aí está difícil em selar minha boca esperando em pouco para findar essa amolância.

“Ó verme, ousastes verdades imutáveis desafiar, sinte o peso da minha maldição. Salve faca poderosa, tu, que aprecias a verdade e a bem-aventurança, ouça o meu chamado, eu que sou filho de sol-Jová e os meus ossos são inquebrantáveis. Vim e peço que apunhales o coração do injusto, do verme que corrói a verdade. Sou o filho que ama o pai, estou munido da verdade, bata a tua lâmina no coração do inimigo.”

“Pode ser, bem, não desfaço dos crédulos, só não tente pegar na faca, pode falar dela, pela evocação ninguém por aqui morreu, mas pelo fazeler foram muitos. Parei, interrompendo o seu repertório, para dizer que pelo que sei, que foi dito há tantos tempos, que o encontro não se deu entre o comandante e Sétimo, nem poderia sendo inimigos declarados, adversários rivalescos de presença sempre esparsa, foi o encontro, nisso tem que concordar, que o encontro foi entre os outros dois irmãos, comandante e Arão. Agora continue aí.”

“Aguarda a tua pena. Salvem, ó Jová dos passos de ouro, por piedade realizas o desejo estranho do irmão. Em seguida desces a trilha da montanha. Ho! disco reluzente, cujos raios confortam o mundo, o teu ciclo tem que completar, e lentamente a escuridão domina o mundo. Nesta hora levantas-te, ó Jová, ergua teus diademas e ilumina o mundo novamente. Ajoelhado dentro de uma catacumba, Sétimo, portador das tempestades, arquiteta o plano contra ti. Ó olho duplo, impeça tal trama. Ó águias da verdade, rapinem os infiéis.”

“Realmente dificultosa, labutosa, e até, diria eu, laboriosa a missão de ser boca fechada ouvindo uns tantos erros ditos por aí. Que Sétimo odiava o irmão está dito e redito, não precisa mais de argumento, tirando disso nem sábia conclusão, pois é fato bem claro para qualquer um poder ver que ódio assim sempre vem acompanhado por engendramento mui macabro. Queria ter até então uma bela ocasião, o tal camarada do famoso nome Sétimo, atentar contra o irmão, olvidando pena humana ou desumana, ou sabendo elas nem existirem, serem de verdade um jeito frouxo de meter medo nos mais enroscados na covardia. Sendo dessa forma há muito antes devia estar prometido aos carrascos do cocheiro morte o respiro do irmão comandante, e, se quer, pode falar nesse seu meio como foi a morte do comandante.”

“Aguarda a tua pena. O céu está escuro, e eis que a terra vacila. O disco resplandecente do sol parte, resta o disco lunar. Sou o mensageiro dos deuses antigos, afasta-te, ó escuridão, que ocultas os pensamentos e ocultas Sétimo. Ele arquiteta o plano terrível, o coração pesa mais do que o machado de dupla lâmina de Xanhumgum. Ó trevas estendidas do leste ao oeste, fostes criadas para cobrir os atos malignos. Eis que Jová caminha sobre a montanha, ele desce e a erva se regozija, pois os passos de Jová recebem. Quando passas as trevas amainam e os animais se reconfortam. Sétimo observa e chega perto de Jová, cujos passos são de ouro. Sétimo é malicioso, e Jová o acolhe como o irmão que acolhe o irmão, como o filho que espera pedra do pai e recebe pão.”

“Quem é isso? Pede pedra? O outro ainda dá pão?”

“Um maluco. Doido.”

“Quem é doido disso?”

“O Pai Nosso. Meu e do meu irmão.”

“É, as vezes confunde, tem vez que a gente pede peixe ele dá cobra, deve ser porque confunde cobra com minhoca. A gente pede peixe, dá cobra. Se desse minhoca, não tava tão maluco.”

“Mas tem umas serpentes que parecem minhoca.”

“Eu não queria ser, ser pente.”

“Mas é bom para escovar.”

Prefiro a mão.

“Ah, não.”

“Tem muitos por aí. Vivem escondidos na terra, dentro nos buracos. Safado...”

“Ouvi! Sétimo fica humilhado, ele quer a morte de Jová e é recebido como amado filho e irmão. Quando fala a última palavra, eles se despedem, e quando...”

“Espera eu contar, infeliz. Senão mato. O anão, eu vi, é da raça do escondido. Constrói buracos, faz cidades embaixo da terra. Tem quatrocincotrês palmos, muda, sabe? Cada qual sem igual. Morria de dor na barriga, tenho um filho que não penteia o cabelo, por que tem tanto cabelo? Deve ter haver, cabelos, serpente, sol, olhar, noite, morte, mar, corpo, pele, tudo ligado, tá? Mito, mentira, estória, mintoria cabeluda. Olho demais, bola de olho, como o que virá, Qui, fugiu o fim. E costas, ruge o mar.”

“Tá desvairado.”

“Quem não tá?”

Mar,
Babar no mar
Mamar o mar
Amar mar
Mardita procissão.
Afagar, nas vagas procelosas
Penúrias alveoladas e as ondas
serpentinadas
tessituras não há a calcular, afagar
nas brumas
fulminar maresias
Mar
O mar
Omar

que trabalhou na construção, amava ele
bom, puro, do povo, polvos do mar,
Ah, Omar, ergue as obras citurnas,
mas negado pelos obreiros obscuros cidadãos.
Atalanta atlantis são mãos de pedreiros.
Omar, filho de alto povo, um cumprimento,
eu agradeço. A quem és, eu agradeço.
Mar alto espelha, espanar a contração das delicadas conchas
Carbonatas conchas dos côncavos trângores,
Mar. Sonhar o mar. Virar o mar.
Irado mar a retumbar sangue ao mar minhas veias
Miriades. Ver.
Rir a.
Reachar.
O mar.
O mais que destino.

“É holzaniscazaquia. Rou, rou, rou. Sou rouz rouz, irmão sem dente flagelado.”

“Ao falar as últimas palavras vira as costas ao irmão. Sétimo crava a arma nas costas de Jová. Ó horror! A lua esconde, as estrelas enrubescem, os bons animais da noite agonizam, os animais mensageiros do oeste vibram. O barulho domina a noite, do acampamento estão

saindo os fiéis. Mas os fiéis não são mais fiéis, vêm Jová tombando mas não acodem o pai. Sétimo crava inúmeras vezes a arma no corpo do irmão, e, ó horror, a luz do mundo parte. Ó Jová, cujos lábios resplandecem, em quais caminhos percorres a tua vitória? O mundo perde a esperança, e ele que é pai, irmão e filho, parte ao sair da luz. Sétimo é dominado pelo mal das trevas que percorrem o leste ao oeste, ele embriaga os filhos, e os filhos esquecem o pai. O corpo de Jová está sendo espalhado aos quatro cantos, e os filhos ficam alegres. Que o peso do cruexim de Oian quebre os vossos crânios, ó traidores. A festa acaba, eis que a luz clareia os corações, o choro tem início, o remorso e a desesperança. Os filhos que amam o pai recolhem os teus restos, ó Jová, que fostes concebidos no eterno. Sétimo vê a cena e sente o coração tremer, mas as trevas alimentam o mal que há nele. Sétimo está dominado pelas trevas que cruzam o leste ao oeste e obriga os súditos à guerra. Os filhos mais fiéis, acordados com a luz do sol, astro digno das maiores oferendas, colocam em uma arca os restos do corpo de Jová. O rosto dele enrolam em pano verde e preto. Sétimo ordena a guerra. Os filhos fiéis são poucos, mas estão protegidos pelo sol, eles fogem para honrar-te, ó Jová cujos passos são de ouro. Como as ondas que retornam ao mar, retornam os mais amados filhos ao seio de Jová, e no eterno ele se regozija. A arca é colocada aos pés de uma árvore. As oferendas são feitas, e tu, ó Jová, torna-te eterno e podes gozar a respiração para sempre.”

“Por então tanto ouvir que desgastado no coração deixo ficar, embotado o ouvido pelo falalar, até um tanto entediado, malassombrado com as inventações chamo aqui, e nem peço para ser ouvido mesmo, sabe o bom prosador campear nas desolidões do deserto, nas magruras do galho ensequecido na torradora do sol, e quanto mais imponente for o vazio, mais valoroso grita a sua voz de bom prosador. Eu sou daqueles cantores que o tempo quereroso quer no passado, sou herói resistente por ser isso, sou valor que fica restando perdido imemorial, aqui sou, cercado de imigos, não precisem discordar, deixem estar desse modo que é a verdade e vejam só que orarei, não será diferente nem sendo a morte meu manto, o que é dito nos passos do redondel, a memória e imagem lá do passado, do triste e distante intrazível:

Esvoaçando a cabeleira
Pelo vento matutino
Crepitando tanta idéia
Ia lá meio em desatino
Com fogaréu na cabeça
Dizendo novo destino
E esperanças bem fajutas
A um bando também sem tino.

Chamavam rei tal pilantra
E também de comandante.
Era um velho esfarrapado
Com um ar besta e arrogante
Dizia muito, fazia
Nada, era um baita pedante
Camarada estropiado
Porcaria de farsante.

Eu nem sempre fui conteiro
A minha avó lavadeira
Meu pai era cachaceiro
A minha mãe rezadeira
Na reza era minha mãe
Que embebedava, e meu pai
Ruim na reza, bebia.
A minha avó, essa aí
Entrou só para rimar.

“O maldesgracento...”

“Cão purulento...”

“Cachorro de purula...”

“Ho, verme.”

“Alto aí, sei que esses versos são inventação minha, estão errado mas foi só para brincar...”

“Seu menino maldito, não confunde a redondilha, não inventa verso que não existe, não queira crescer, reduzir ou remoer, só o que é dela, o que é da história, deve ser contado...”

“Seu maldesgracado, não vai inventar sobre a história que é do mundo inteiro, não vai misturar e confundir...”

“E eu disse que esse redondel é só invenção, viu só, nem começou e o desgraçado do poeta quer inventar, mudar, ajuntar e acoplar.”

“Ora, fica calado aí, senão dou fim para sua alegria. E...”

Menino dos sem mundos, veio aqui confundir, atrapalhar, desfigurar, embaraçar, tralalá, por có tri cum bú.

“Ora aí, pára, pára. Só dei uma brincadinha sem querer, e nem na verdade, mudar. Calma, calma que recupero de novo semprenovo.”

“Eu só sei...”

“Para aí e ouve então:

Quando a noite vem no céu
Muita estranheza acontece
É ruído, pio horrível
Que até o homem desfalece
É alma penada gritando
Que até o homem enlouquece
É bicharada danada
Que de noite fortalece.

Quem é do campo, da mata
Do interior, do sertão
Vê muitos inexplicáveis
Cada baita assombração
Que parece indescritível
Fantasma tem de montão
E tem gigante, caveira
Zumbi, lobomen, cobraão.

A estória desse maluco
Bem começa pela noite
Quando a lua lá no meio
Do céu trouxe junto enfeite
Que era um pedaço de pedra
Pelo tamanho importante
Que se caísse no mundo
Seria um maldito açoite.

“Agora melhorou, está indo certo.”

“Não atrapalha, seu asneira.”

“Ora, ora, vou continuar e não quero interrompanças.”

“Interrompenças fica melhor para quem é bom poeta, panças é mui feio.”

“Verdadeiro. Continua, música entorpor.”

“Quieta aí, ouve então:

Disseram que ele tapava
Quase o céu pela metade
Cobrindo um monte de estrela
Pois era uma enormidade
Mas ninguém sabia que ele
Escondia uma maldade
Bem grande, e a gente só pode
Falar hoje essa verdade.

Dessa maldade Jová
Mais chamado salvador
Acabou ficando escravo
E sendo ou não sabedor
Dela foi um mensageiro
Foi um fiel orador
Desde que a pedra sumiu
Virando o comanda-dor.

Disseram que a pedra tinha
Umás leis, leis da maldade.
Por ser igual um retângulo
Ficou sendo na verdade
Chamada daí então
Tábua da lei e verdade.
Ele pregava e falava
Ganhando notoriedade.

Famoso, organizou
Rápido uma procissão
Na vilinha que morava
Aí foi gente de montão

Indo atrás do camarada
Que falava em salvação
Em um mundo bem melhor
Cheio de satisfação.

Foi-se partindo a cambada
Pareciam obrigados
Iam tão chochos, tão tristes
Ai! pareciam forçados
Por Jová a caminhar
Meio lá desconsolados
Também cheios de temor
Das leis ainda nos ouvidos.

Bem no primeiro tumulto
O imbecil do comandante
Nem soube encontrar um jeito
De resolver, foi o ajudante
Que era o irmão, que o problema
Acabou como um valente.
Mas não foi a última vez
Que errou a besta comandante.

E quando chegava a vez
De montar o acampamento
Eram confusões enormes
Tinha briga, sangramento
Discussão, empurrão, luta
Era um grande sofrimento.
Mas a cabana do chefe
Era cheia de incremento.

Também como sempre é
Os fracos só se esfolavam.
Comida era quase nada
Eles então esmolavam
E quando por desventura
Alguém mais forte amolavam
Tomavam cada cacete
Que até a fala enrolavam.

A caminhada ia mal
A comida piorava
As vacas não davam leite
A doença se espalhava
Tanto de gente morria
A choradeira aumentava

E veio uma chuvarada
Danada que não parava

Passados duzentos dias
Teve início um reboiço
A agitar o mal-tratado
Bando. Mostravam cansaço
Ninguém agüentava mais
Nem quem antes era omissso
E piorou tanto que até
Virou guerra o reboiço.

Empurrados pelo irmão
Logo que a noite surgiu
O bandareu se reuniu
E Zé-Sete sugeriu:
“Quem for justo deve ir
Se armar.” Jová, que ouviu
Tratou de sair correndo
Foi para o mato e sumiu.

O bandareu não deixou
Barato, bateu a bota
Atrás dele até no mato.
No escuro, sem ver a rota
Ele acabou tropeçando
E caindo de uma alta
Pedra, e ao chegar em baixo
A vida já estava em falta.

O bandareu só encontrou
O defunto do infeliz
Na manhã que depois veio
E conforme o que se diz
Não houve nenhum seguidor
Que achou ruim ou mesmo quis
Descer para dar enterro
Ao comandante infeliz.

Quando a notícia espalhou
O bando se dispersou
Do jeito que havia unido.
Cada um o rumo traçou
E nem olhou para os outros.
Do jeito que começou
De repente terminou
Aí a loucura amansou.

Meus estimados e atentos
Ouvintes, foi essa a saga
Incrível que o território
Sacudiu. Na minha fala
Erro nenhum foi mostrado
Saibam que o que foi contado
É a mais pura das verdades
Jová foi como falei
Orgulhoso e malucoso
Valente queria ser
Ah! só que foi uma mula.

“As vozes velaram a mítica anterior. Na retirada narrada esqueceram, ou não souberam, o que houve no reino daquilo que é o mito primitivo. Rogo para que me permitam vos ofertar as propriedades da mítica.”

Etâ desgraceira querendo falazar mais ainda no contatório repetido em tantas diferenças, não ouviu as estoretas, foram fábulas demasia, chamaram aqui ora lá os passados do que diz mito, e está ainda desfeito? Que quer mais, a estória foi encharcada de fabulário, e então não há mais que ser creditado.

“Permitam ao outro olho revelar os ditos ignorados.”

“É um símbolo que desce concedendo fragmentos da revelação. Eu estava entre aquele povo e os diferentes sinais impregnaram-se em mim. O tropel revelatório contemplei, os símbolos das densas galerias das florestas, os símbolos na poeira de uma terra árida, os símbolos nas paisagens mortas, os símbolos dos elementos caindo, os símbolos estão impregnados ao meu corpo. Rompam fantasias isoladas, desça como panteão gigantesco abrigando miríades formas e esplendores.”

Se é chufa irresoluto fala laracha, chalaça, motejo, gracejo, revoleio imaginando, desfigurada invenção.

“Quem sois?”

“Serpente presas peles, fatal armadura prisão, alada flatulenta sinuosa.”

“Sois serpente adornada por penas, por que sois aladas?”

“Sonho multidão, um comum, cova arena.”

“Quais sendas percorreis?”

“Incerteza, receios, criação.”

“Qual a vossa extensão?”

“Um mais miríades, no chão terra, no rosto sonhares.”

“Sois serpente, por quem sois vossas asas?”

“Para alimento, retorno embrionário, força cativante.”

“Quem sois?”

“Serpente, povo, sonho.”

“Quem sois, serpente?”

“Vastas peles ungidadas, cabeças solitárias sonhando, sinuosidade pelo chão.”

“As asas transmutam-vos a natureza, quem sois em tal hibridismo?”

“Porque tá para parecer até mais minhoca que cobra.”

“Filha una, sonho desespero, comum-mistério.”

“Vossa pele, vosso povo, qual forma vós sois?”

“Verde, cetim, asas.”

“Sois como serpente imagem da jornada, na cabeça líder, o corpo o povo, asas a sonhares. Tantos confusos acabrunhados pensam, aspirar a mundo novo pelas insinuações pestilentas da maldade carcomida do sonho, ideal em longe feneceres. São gentios caminheiros, poentos, enlameados, ungidos na estrada incerta. São caboclos, filhos do mesmo sol, enleados escravos em tranças sedosas rezando, ofertando à frente de serpente o caminho para a estrada salvadora. Sois serpente, mulheres, homens, amontoados de pele perfazendo do amálgama da loucura e anseios esperançosos vossa pele de cetim. Ho, serpente, são rastros vossos o langor dos passos dessa multidão. Milhares sofrendo amores, pagãos acólitos das suntuosas religiões partidas. Vossas presas, ah, vossos rostos, multifacetada híbrida criação, transição maligna da crueza da vida, da desesperança-sonho. Através das margens que circunda, os traços seus são rastros dos pequenos andarilhos em sofrimento apalpando irreais conjecturas. E quando sonhais, vós sois asas, asas mescladas ao corpo flácido, inchado, verde, sedoso, úmido, tétrico em adornos, formas naturais, cores exuberantes pequenas em banhados de opulência e perigos, presas alvas presas, nos recantos cai a carne outrora fresca, pútrida a bailar na saliva ácido, funéreas adornando a boca, sede de miasmas, olores de pestilências mortais, bafos acres lembrando as baforadas da morte – rufos sinais inebriantes. Acolheis vossa pele nenúfares, mofos grotescos, vermes em anil, cor prospera a evocar a potência das asas que rompendo o corpo tornais-vos ser mor hediondo no esplendor das asas, o horror que sois. Um corte no corpo de formas gigantescas e surgem asas, uma nova simetria; frieza, rígida, incólume destituída de traços, irmã às formas e face de pele horrenda e corpo multiforme. As asas são as aspirações daqueles corpos, matérias acabadas, espirais tragadas ante as fronteiras da morte. Voam plenamente cintilantes nos céus – o etéreo que é o sonho – no irreal impossível da perfeita comunhão ao mundo; existência opulência.”

“Sou serpente, serpente setiforme, sarapeio sibilante, sigo certo, sempre certa, nessa direção. Cessa minha sesta, sigo nesse sarçazal, sigo, sigo, sou funesta camarila. Sou serpente, sempre esperta, uma cena, uma festa, uma peça, funesta diversão.”

“Serpente, serpente, besta brutal,
Dormitando em meio a aquosos palácios,
Qual arquiteto de intento fatal
Pôde criar um ser com os seus vícios?”

- Mas essa aparência tem uma invertida que destrutura a forma, tem outro jeito de ser forma verso ouvido, corrige aí, mas sabem bem, bem bem, que pode ficar feio feioso.

- Ouve só que o camarada aqui é que embebeda, sabe bem lá do amor da enfermidade, do ópio e da arte em suprema manjedoura.

Serpente, serpente, horrenda visão,
Qual mão insana em tétrica ambição
No seio dos mais inferos palácios
Pôde criar um ser com os seus vícios?

Em qual ninho abjeto ou covil obsceno
Destila a crueza do seu veneno?
Com tais asas, quais perversões aspira?

A sua maldade, em qual fera se inspira?

E quando por inteira a terra geme
Ao sustentar o seu corpo que freme
Quem arrisca contemplar o seu espectro?
Quem ousa tocar? Ou seguir seu rastro?

Qual malha? Encerrará o seu mal?
Quem criou a sua corpulência fatal?
Qual punho? Poderá com audaz golpe
Encerrar a sua existência torpe?

E quando desfolham as selvas
À sua presença, e as criaturas vivas
Se aterram, alguma alegria sente?
E ao seu veneno imundo, quem resiste?

Serpente, serpente, horrenda visão,
Qual mão insana em tétrica ambição
No seio dos mais inferos palácios
Ousou criar um ser com os seus vícios?

“Eu me falo, rebato quem diga do povo mendicante, não vale, agreste infeliz criou mulas,
no ruim só se tem ruim. Eu mostro com ouro meu brilho, meu povo ruge, é bravio, mas
morto de fome não cria quanto se queria, mas são vistas, obras nossas, patrimônios...”

“Que tá falando?”

“Do certo, do que será, venha ouvir o nosso aqui, o povo, viemos falar, dos altos píncaros
braçadas sei, a gente sabe, respeite.”

“Continuo não sabendo.”

“Na verdade eu sei não, também, que importa, se se falam de cobra, falo meu, quer dizer, a
ato falho, falo eu:

Cobra, Cobra, brilha, fulge,
Na escura selva em que ruge
O seu fogo, e o seu chocalho
Brame, posso comer alho?

Em qual distante barraco
Terei de quiabo um naco?
Ou uma boa asinha de frango?
E quem vai fazer o rango?

E qual fulcro, &/ou qual arte
É preciso – a rima: Marte?
Para assar um coração?
Não quero o pé! E tem mão?

Qual martelo? Qual panela?
Deixa mole a carne dela?
Em qual tábua? Vou servir
Quem vencer, vier e vir?

Quando bêbado, eu, caio
E vejo o céu em um raio,
Alguém ri da minha queda?
O brutos é a bebida?

J.C.

Cobra, Cobra, brilha, fulge,
Na escura selva em que ruge
O seu fogo, e o seu chocalho
Brame, comerei repolho?

“Na água torno, à água retorno, a água torna, a água entorna das minhas correntes, tenho fibra de textura aquosa. Sou filha pântano e os meus ossos os corvos comeram. Fui tomada por torrentes, despejada pelo mar em tórridas costas furibundas, ali nasci e renasci, para ser o que fui deveria retornar ao pântano meu pai. Meu ser apregoadado fora a ser devir, partir e voltar, única maneira de tornar-me...”

“Conheço os lugares que tenta ocultar estendendo fluxo confuso das palavras.”

“Prossegue.”

“Lá acima, quando imaginam fíndar a terra...”

“Há reino monstruoso de águas rasgando a terra, enchendo gordas árvores, arrastando e levantando raízes de milênios, levando na capa da água folhas de uma floresta que não cabe em si, um enxame de ruídos de tantas diferentes vidas, lama por canais de mares, vegetais de cores, formas e exóticas condições respirando tudo o úmido calor, chuvas torrentes transformando, formando esplendores incompreensíveis, lugar em que fui criada. Aberta à vida, mas não desperta ainda, fui pelo mar arrostada, aportando na costa mais árida desse mar...”

“A costa guarda uma história dolorida para o povo.”

“Sibilava por lá poeta igual a nenhum outro qualquer. Forte gênio em sua língua valoroso hino de força nunca visto compôs anelando, sibilante, o seu povo resgatar, das sombras retirar ídolos idos, guerreiros glórios, filhos de ânimos fortes d’altiva nação, e muitos são seus nomes, meus irmãos, caros ancestrais. Guardava em chaves baú...”

“Ai! Só de ouvir começa a doer de novo minhas costas.”

É peso demais no lombo, parece mula, acaba ficando do jeito que tá.

“Vou dar uma estica, quem sabe melhora.”

“A chave, secreto, junta ao peito, lacrado baú espetacular qual capa a ser receptáculo de inteiro universo, aquelas espessas folhas feitas por grosseiros meios, a tinta aderindo aos sulcos, às ondulações imperfeitas do papel, os versos, monumentos nossos, hinos monstruosamente gigantescos, voz arrebatando corpos a arrebentar correntes, arrebetados pelo mar, deveriam partir as setas e resgatar nosso povo transbordando sangue pelas pernas, horror! no entanto sela o nosso e o teu destino, poeta, seduzido, enganado entre embustes, o traiçoeiro jeito em ser mar. Velho poeta nosso, salvador furibundo por hinos consagrados aos... poeta malfadado, esquálido nas mãos da doença que o vitima, sente o sibilante

ondular do navio, as vigas rangendo, filhas daquele passado sublimemente evocado, irmãs que mudas assistiram as audazes conquistas indígenas, reanimadas por aquele mesmo homem cujos olhos transbordando os líquidos da doença, que deixa as cores pestilentas – incapaz de alterar tal condição – dominaram a pele. O mar ruga, rangem as gigantescas vigas, na cabine, solitário guarda o seu baú, então berço de preciosidade, mais admirável que o próprio corpo e as fugacidades esvaindo dele. Vejo as chaves luzirem ao maltratado cintilar das estrelas, ruga o mar, sabe o poeta, e cria solitário, incapaz em transcrever, então esforço inútil, versos sublimes sobre o fim, a sua condição mortal, os abismos dos mares, o navio tornado o seu túmulo. Ainda mais treme a frágil embarcação, “são barcaças dos sonhos meus” pode ter recitado, em último alento, o poeta, mas não, fomos todos negados, tomba o humano instrumento, as vigas partem, outrora mudas vigias dos feitos dos primevos reinos desta terra, os metais quebram, o poeta, morto ou moribundo, solitário em sua tumular cabine, se ainda respirando, sente o cheiro do mar invadindo o sepulcro, na mão a chave firme segura, talvez um dia encontrarão o bauzinho, talvez sobre o peito proteja em carícias o baú, morada humilde do hino seu. Tomba ao fim, tragam o poeta ao bálsamo as forças titânicas da doença e o mar. Fúrias maiores da vida, somente unidas souberam ao gigante dar fim, anelando a volta à terra esplendorosa, aceitou, obstinado, talvez sabendo o fim, seguir as sinuosas trilhas das marés, e banham-se inteiro os oceanos com o sangue daquele homem, e inundam as costas nas lágrimas do remorso. Mas prossigo arrogante minha existência ostentando. Na costa das perdições do poeta, contemplando o leito dele vomitando espumas, ondulando generoso brincadeiras com as luzes do sol, o mesmo mar furioso que arrostou-me da minha manjedoura. Concebida nos pântanos distantes, tornei-me naquele maltratado lugar, pé lado a pé, fui multidão, cabeças, fizeram-me alada. Andarilho perdido no cíclico ir-retorna, tornada vida pelos povos rastejantes daquele reino, ansiei voltar ao berço que me tornara.”

“Serpente sinuosa, retorne ao meu anseio, quais mitos pode desprender, sendo ser alado, mítica figura à jornada malfadada.”

“Seu anseio, meu anelo, desvelo enlevo, elevo um povo pária nas ribanceiras do meu beijo mortenfogo. Quem sou, sererê, sabe lá o velho matutino, o caboclo irmanado nas idéias de nascença única própria de um povo, povo meu, amor incutido, despejo amores de languescerentes sonhares, paixões sobrepõem volteios das carnes, choro sonho, eu, serpente furibunda, achada nos lagos de humores que são águas paradas querendo renascer, reviverem rolando ceifando, comendo, sarçabicando como águas que são apaixonadas pelo lodo, fazendo enxurrada.”

“Serpe setiforme, retorna ao fabulário, as trilhas míticas apregoadas ao caminho da cruzada desse povo louco sob o comandado Jová, retorna aos mitos que percorrem o caminho feito por eles, és tu, serpente, símbolo da cruzada, misto do comandante e do próprio turbilhão que o povo é. Vá, volta renovada, reconta pelos mitos, seguindo a trilha, por ser símbolo, a contar cruzada, encerra o círculo.”

“Sei saperosa sulfurosa ignácia serpentilha a totalidade do fabulário que parte, que quebra e de quem se esquece, sei do Quifi, o Curacanga que se fora, do confabular com uma velha maltratada desventurada por cinco, sei, sete filhas são as dela, fêmeas cumprindo um antigo incompreensível assustador atordoante signo. São, filhas minhas, diz confusa com lembranças pela completude de mim, sibilante, sarapeio, sete vezes o eterno. Uno, é assim, uno eterno, onipotente, onipresente, nesta mitogonia que remoe e remonta tempos, é assim, setes vezes um destino, compilado em uma geometria indecifrável, cai a sina sobre a fosseta da velha, a sétima, nome fabulário, invencível sortilégio, bruma, durma, brumas,

bruxedos rutilantes, rufos, lenda que se faz e perfaz, a maldição reproduzida em desolações de impossível perceber, ó caro amigo, permita-me cessar.”

“Vá, siga-a certa.”

“A voz minha não se faz minha mais, pareço o falar da velha dizendo filha minha, filhas sete, esta sofre maldição, uma, mais outras, a última, esta vê, na noite, sair do corpo a cabeça em forma de flamejante bola encantada, entoa até a alvorada uivos lamentosos em agonia, agoniza ainda mais o corpo alucinado tremendo pulando incôncio, vivo e sem a cabeça, como impossível crença que é, real, velha minha, filha do sinal das maldições, minha testa, pergunta minha velha minha, carrega marca, matei meu irmão, não, velha minha, esse mito corre solto antes desses pregos, é um fabulário do povo forte do monstro continente, passados possuidores das lendas tais, a maldição não está na testa, a velha não sabe, conhece apenas as leis da lápide gasta, do mutilado maníaco, infâmia, assim, foi deportado o povo, insalubre pelo mar alucinado cavalgando como não eram antes nos abismos do mar, singrando nulos sem mais suas lendas, mudos como mortos. Velha, a filha sétima de sete mulheres uma missão assombração no ventre carrega, entretece, destila, impossível negar, não há fugas para o monstro que nascerá com a cabeça na noite arrancada vagando monstruosidades pela relva, espantando o mais bravo velho matreiro, e caçam, e teme, é assim, filha minha, vê pelo olho que crepita na cabeça feita bola o corpo distante, estou morta, pergunta-se, dizia para mim, não sabia, chorava os pingos do fogo como ácido, era assim, bruxuleada, bruxulear pela relva, bruxaria. Confundem, ignoram pelo medo, com ave mítica milenar, dos filhos desta terra criatura noturna. Salve, animal sagrado, aves são o tormento das galerias umbrosas nos densos florestais. Ave, ave, reino seu é gigantesco, poderes além impalpáveis. Quifi fronte sombria, revela sua sina, maldesgarrada criação, sua velha, velha mãe, padece dos crimes de outras eras, do que é branco no sangue.”

“Está certa.”

“Sigo, sigo, sinalizo trilha labirinto só, arrasto arrosto e roço nas pelugens sobre-natura do chamado Cuará, Curan, Canrá, Cará. No entre reinos dos nascimentos meus, costeadado árido e voluptuosa aquosa imensidão, entre reinos, um mistério de monstros gigantes rios, entre fronteiras, nessa porção repleta, misterritório. Criatura Cuará, Canrá, Curan, Cará, Cucurá, perdendo as tripas do intestino, barriga aberta desde a criação, infeliz amaldiçoado, vive cortado vazando o interior do corpo. Falam ser cão quem não sabe, é lobo que não é, é Cuará, preto gigante em pêlos lindos reflexos de cristas lunares, pálido e negro, cortado vivo, como poderia ser e é, não fosse, não sendo certamente, assevera, o ancião senil de cada vilarejo famoso aterrorizado pelas circundantes florestas fenecendo ao redor, morada esta do maldito tratado, estranho sofredor, animal mutilado, peito aberto escorrendo tripas, arrasta nas folhas cruentos pedaços do interior, no mato, na moita, na terra, no tronco, corta os espinhos, retorcido fica como filhos do sol agonizando, geme escandaloso, rodopia e contorce alucinado com dores e mais terrores do sofrimento, berra alto forte como poderoso animal que nunca deixa de ser, com o corpo aberto espalha o sangue por tantos e outros ladelhos, ferido de si, como criado em si por algo não dito, acasos e que importa, gritos de terror entoa fácil, retumba pelas frestas cantos nos curvos obscuros formatos dos galhos feitos instrumentos de música primitiva. Pelos vãos das árvores ouve o povo o animal monstruoso em gritos de morte de dor. Cuará, Canrá amaldiçoado que é pela criação, entre lá e o que parece impossível de realizar, vivo vazando vida. Conquista indiferente gigantesca velocidade ferina, corre, corre, remoe osso, devora vomita, vomita devora, o que come cai pelas tripas abertas arrebatadas expostas em cortes pela mão natureza incompreensível sujando de sangue e pedaços de outra criatura remoída rapidamente na

barriga, os montes da floresta, o que cai pelas tripas abertas arrebatadas expostas em cortes o Cuará devora. Vermelho nos banhos de ver a dor dos órgãos abertos despejando pelo corpo. Estreito e largo, na cabeça no interior, estreito no rabo e posterior. Corre, corre, célere cruza piores idas altas, dizem enfeitado das destrezas gigantescas que conquista, restando um segredo, observado em risos incluindo o mais velho amargurado encolerizado ancião de murcho coração infeliz, é a descida dos animais Cuará, Canrá. Os caminhos que lhe vem destece como sem nós, as colinas sobe incansável, ao descer as tripas soltas babando pelo chão, os órgãos sacolejando sobem pelo peito e lento vagaroso, passo a passo, com cautelas de animal febril não suportando o ódio na humilhação de tal tipo de vergonhosa imposição da maneira criadora a criatura lastimável, descendo lento, incapaz de segurar as tripas caindo, temeroso de que subam pelo corpo e o corpo entupa o interior próprio, lentamente desce qualquer idas para baixo. É lento em morosidade, sofre penas nas descidas, a esperança e salvação das presas do animal célere, forte, bravio, furioso amaldiçoado em colérica sina de ser fantasioso e real, vivo e quase morto, cortado nas tripas infeliz o Canrá Curan. Mais longe, pará, nisso vive velho monstro terra, outrora Tapuirara, talvez hoje navegue com nome Tapir. Animalesca concepção, face-face de três feras formidáveis, assombro velho, encantado criador pôs no mundo boquiaberto, transferindo repondo males de temor nos corações batedouros dos velhos formosos filhos desta terra. Pata rasga, carrasga, degola, esfolta, esfuraçada, desbraça, desmembra, besta animal, pata de negrume casco brilhoso endurecido como hermético, inviolável intangível porte de arma poderoso, defesa, hábil escavando furando roçando raízes gigantes de velhas árvores velhas. Sei bem disso, homem tribo, seu medo inominável da fera animal Tapir, mágico, criatura invulnerável grito monstro pela densa selva obscura, fabulosa companhia da destruição, aniquilar. Sigo sempre sinuosa simulando sibilar serelepe a fuga voz do povo terra. Outra aparição, outra ave noturna incompreensível, é possuidora de encanto maravilhoso dos profundos labirintos nessa árvore inacabável. É só piar, lúgubre, escoa virgem pelas matas assombrosas, pia, mítico animal, olhar petreficante compõe sua lenda, invisível roça o pêlo do homem, ao lado barulho provoca, bafeja no assustado camarada, mas ninguém vê, nada sentem, invisível impalpável, é parte ave parte planta, árvore animal, eis verdade. Foi o começo quando dia e noite, sol e lua no cio, ordem quem sabe oculta, fora isso remoto tempo, remolda fabulário, fica algo como essência, radical do infalível comando mágico. Em um distante igual fizeram romper, no cio sol e lua, fazendo par oposto, unindo intangível, forçando leis para manterem inalteráveis no pequeno variar inexorável do eterno, que é abrigar tudo, deve variar eterno, assim mantém-se, o incompreensível permite, onisciente, lua sol, par a par, coligidas uma quebre, desvela a regra, um momento absurdo rompem poros da terra, fazem nascem manjedouras de reinos intocados, ligados na estreiteza da variação eterna. Sabe assim foi o conceber da árvore de esporos, na vastidão estéril de então, no futuro caberia uma vila, seria árvore entre outras, grotesca de frutos entre abismos dos reinos, e foi assim, Jur-Na. Meio animalesco ave de enfeite comum passageiro, mistério adorna, na fronde de uma comum planta se oculta na união impossível sol lua, vê, passa sem barulhos, junto a junto, com mescla se prega ligada à planta, cai e remoe-se entre as frondes dela, penas largas folhas verdes rajadas em rubro, púrpura, branco, lúgubre pio exalam os rangeres da planta, frutos folhas de veias, pulsa como coração liquens, invisível em ser outro algo além do que eras, uma e outra, no absurdo do ir voltadas juntadas filha única de incompreensão vista aos cantos largos, Jur-Na, feita monstro criação multifacetada. Torto colo, Jur-Ti-Pe. Mistério. Ave desdobrada em árvore, metamorfose ansiosa de olhar aterror vislumbrado bestiado amortecido homem,

se quer, ao léu, à vontade, na intuição dos quererres solta emissão como pelo olho fulgor paralisante aterrador de medo mistério anomalia dos enfeites traiçoeiros, segredos inrevelados guardados adornados florados como plantas, flores poucas, esparsas pouco vistas, como uma maior invenção imaginada só, de incompreensível feitio, só feito do além homem, que, em chaves, e véus, transforma pedaço do terreno em obra do inciado que vive, ou, é isso, feito monstro dos lábios da criadora de inexplicáveis, descalça Jur-Tie um lançar paralisante, o ser cai sem vida e vivo para o eterno feito estátua paralisado nos tempos e sempre sem mexer mais, isso é obra desse monstro, meio meio infeliz feitio, obra de sobras do reino inteiro da criação, sempre acabar. Olhe o sol que a pino seca a cabeça esmaga no calor o poro por piedade um corpo mole tenho sob a nuvem de sombra, quando viajava em vão gritei aos corvos, se vão, quebrando o meu ovo na luz os bicos do sol confundiam e furavam minha pele, não vão com concussão que comia os ossos que de mim caíam que era eu meio ser entre os abismos do natural quando as penas do animal torto de corpo quebrado, de osso esmigalhado e passo vacilante de sofrida rejeição das dores, outro mais, Capelobo...”

“Capelobo, Capelobo. Sangue suga, traço sujo. Capelobo, Capelobo, bravo grande, mata mal. Capelobo, Capelobo, tem focinho, pêlo óleo. Cabelo negro, pata curva. Capelobo, Capelobo. Só se mata no umbigo, abraça homem e quebre crânio, Capelobo, filho do vazio na estrela.”

“Vou explicar...”

Pá, tum e cai morto. Um tiro, bacamarte. Foi, a cara furadona, falava demais. Agora, se fez, o defunto é que é seu, leva para longe das casas aqui. Morte morre rápido por aqui.

“Meu pé dói.”

“O que fez com a mãe não pode ter outro jeito.”

“Eh, não sabe, dói quando na quina quase quebrei o dedo, inchou por todo.”

“Se pé inchou é porque tem que ter algo com a mãe.”

Nada lá. Pega uma roseira e desfia o verde, sabe galinho espinhado? É um algo bem bom para o inchaço.

“Roseira, nem sei lá que é.”

“Mas a flor jocasta gosta de colher.”

“Casta? É amigo.”

Eu nem pensei, ah, só pensei na colher que caiu atrás da minha cama.

“Falando em colher, eu preciso de faca boa para escamar um focinho de peixe.”

Ah...

“Ora lá, deve ser peixe de magia, com focinho?”

“E é não? Quando o sol abaixa, um amante dengoso pega uma pelinha, pelizinha, não é? E com ela vira homem, lustroso em brilho para morrer quem for mulher, some e aparece em festa que houver em quaisquer vilas, sempre de branco, de branco, acho, deixa quem vê maravilhado. Ele mesmo é do mar... deve ser por isso, mas sei é como é algo dele, quando eu vi, parecia um irmão, só de ver gostei dele como o que a gente gosta após os anos, era uma figura bem encantada. Maravilha quem há, mas chega o fim da lua, ele volta, a pele fica nas praias agarradas, ele vai, e muito do mar é choro dele. Quem viu esquece, eu não, lembro ainda. Um dia vi um deles, ainda meio peixe, não era o homem que vira, era o peixe, e ele estava na praia morto, morreu por ele mesmo, cansado da tristeza de ser um amante sem musa, cansou e deixou a graça da morte, mesmo tanto um bando amando ele, mas esquecem, tem uns que conseguem invejar, e isto é amor, tentaram matar uns, eles podem destruir terra para bem lá longe, mas tens uns tantos que deixam as pauladas na

cabeça darem fim, aí caem na praia, entre peixe e homem, tudo maravilha. Eu encontrei um desses, meio de sorriso no rosto, mas era a tristeza disfarçada, tem olho da gente, um focinho com muito dente afiado, a pele é uma doce de macia, tem um parece braço, curtinho, semelha bebezinho. É triste ver beleza daquela triste de morte como a gente pode ver, triste.”

“E levou o baita para destrinchar? Vai lá comer?”

“E quem disse não? Quem é de mim, sabe, é homenagem.”

“Tanma-cavi, as mágicas dele vão querer ir para você que é. Fica na carne, entre pele e carne tem algo nos bichos de magia.”

“Pode ter, mesmo a maldição não me impede, o túmulo bonito é a barriga do amigo. Vou comer, é imolar para homenagear, ele vai para mim, vai ter de novo um pouquinho de vida.”

“Só é então para o pobre sofrer mais.”

“É, é vida. Ele não revive, mas eu protejo a lindeza que foi, comigo carrego protegido.”

“Verdade.”

“Nunca vi comer bicho que pode parecer com homem.”

“Digerem até outros humanos. Eu, poucos pelos anos veneno ingiro e corre na minha carne, quando quiserem matar para comer minha carne e nela minha força ganhar, morrerão envenenados. A vingança de mim, Tanma-cavi.”

Eu gosto é do bibrilhar da transparência da cachoeira.

“Capelobo osso torto, cabeludo das patas arredondadas, Capelobo, filho da desgraça, Capelobo, traz tortura no osso. Capelobo, eu sei o seu mistério, sua morte só dá no umbigo, adora sangue, Capelobo.”

“Só bebe sangue, a verdade, gosta de nada mais, nem da carne, é sangue para o bicho o pão enleitecido.”

“Tecido?”

“Comida é tecido para o corpo.”

“Ora lá, bonito.”

Brustengo. Nem viu beleza para falar.

“Leite é bonito. Melhor no copo.”

“Mas Capelobo meu pai conheceu, minha mãe matou um.”

“Si, si, cessem. O arquejante feiticeiro traz algibeiras, foice espatulada nos minerais dos veios mais profundos, cesse que caminha o feiticeiro, o mago e seu vestuário, as peças de poder, o hermético saber, o devir para amanhecer seguindo as noites. Fala ele dessas palavras, ouvi: A pequena madeira é muito trabalhada, as palavras eram essas. Ela é oca e tem uma abertura para colocar a boca. A madeira é antiga, de um tronco grosso. Se ela caiu com a força da natureza, pegamos e damos esta aparência a ela. Se temos que cortar, respeitosos nos dirigimos e fazemos. A madeira, antes árvore, vira acessório importante. O irmão de minha mãe, mais o sábio, estão comigo no oco da cabana. Ela é feita por madeira, o mesmo a ela e feito, respeite no corte ou encontro com os feitos da natureza. O sábio resgata de um saco um punhado de planta seca. Um torrão pegado pelo irmão de minha mãe. As plantas amassadas são pressionadas contra o interior da madeirinha. No silêncio que pertence ao respeito, ficamos. Outra natureza aparece, é o fogo. No oco, enrolados por madeira, ele se ajunta às plantas na madeirinha. A fumaça surge como se fosse filha deles. O sábio suga baforadas, o meu tio faz igual. Eu recebo a madeirinha e sugo outras baforadas. Eles riem. O tempo do silêncio cerimonial passou. Entre a fumaça vejo a boca aberta dele. Sendo ouvido pelo irmão de minha mãe e por mim, ele fala sobre um tipo

enfeitado, era o U-Mumbaú Tecô Porangá, ou chamado Capecanrá. Anos mais tarde a jornada de Jová cruzou os domínios dele. Este é o motivo das lendas faladas, é indicar o percorrer por ele. Por isso falo do Capecanrá conforme ouvido da boca do sábio. Lobo foi uma confusão, é o Canrá, na verdade, Canrá de ossos tortos ou quebrados. Ele tem cabelos longos, são fios finos mais compridos do que o corpo, grande. Ele anda como um animal, com quatro patas redondas. Zumbe tormentos entre as fechadas matas. Na clareira da indiarada passa curioso, causando a desgraça. A cabeça termina em focinho, parece um lobo, só nesta parte, pois não é lobo algum, lembra bem mais o Cuará. Ele é um enfeitado, vive bebendo sangue, é maligno. Falava o sábio, escutando o irmão de minha mãe e eu. Suga o interior do ser humano. O enfeitado abraça a vítima, o aperto é de uma preguiça. Esmaga e põe o focinho em cima da cabeça do coitado, depois ele quebra e chupa o que estiver dentro. Bebe o sangue e engole os órgãos grudentos da cabeça, suga tudo. Não tem amigos, não é de pacto e aliança, nunca. Ao contrário dos outros enfeitados, assim é o Capecanrá. Ama sangue, hematófago. O sábio continuava, com o sorriso largo entre a fumaceira vi algo tremendo. Eu estava assustado com a estória, vi, não sei se pelo medo, entre a fumaça, acima do sorriso dele, surgir a ponta de um nariz preto, peludo, parecendo focinho. Dei um pulo para trás, o sábio riu. Quando olhei de novo ele estava só rindo, pensei que era obra da fumaça. Meu tio ficou calado com a estória, eu penava de medo. O sábio continuava sobre as feitorias do bicho. Para mais medo por na cabana, falou que só um lugar do corpo pode matar o Capecanrá. Isso porque quando ele foi feito, enfeitado, quando o primeiro foi criado, o bicho se lambuzara no sangue poderoso de um Quibungo, ganhando poder anormal. Quando se banhava caiu uma folha no corpo dele, e nesse lugar o sangue do Quibungo não se rolou. Era a única fraqueza. O sábio riu, meu tio encolheu mais, quando coloquei a mão no chão senti como muitos fios de cabelo na minha mão. Dei um outro pulo, quase caiu a cabana. Coloquei assustado a mão no chão, não tinha mais o cabelo. Com mais medo continuei ouvindo. O sábio prosseguiu sobre a origem do enfeitado, que era por ventura de uma doença, ou uma feitiçaria inimiga, ou uma maldição, e quando ia falar mais vi que as pernas dele estavam peludas, grossas, meio tortas, e vi começando uma barriga grande, rosada como a de um animal. Dei um grito de medo, abanando a fumaça, jogando a madeirinha com as plantas longe da minha mão. Meu tio levantou e quase gritou, soltou um gemido, olhei de novo e o sábio escorria lágrimas de riso. Meu tio assentou encolhido no cantinho, eu suave gelado. Nem ele nem eu queríamos ouvir, mas tínhamos. O sábio trouxe outras tantas baforadas, quer, perguntou, não, chorei. Tem mais sobre o Capecanrá, ele queria continuar, um dia foi homem, como entre nós. Quando um índio fica velho demais, vira os milênios, antigo demais, pode ser. E parou a palavra cortada no ar. Eu não queria perguntar, mas falei qual era o lugar em que se matava o Capecanrá. Gargalhando com gritos, de repente, ele vira o bicho temido, enorme, destrói a cabana, meu tio treme apavorado e corre. Eu fiquei ali, não por valentia, confesso não perdendo o alto valor do meu ato, é que as pernas pararam, o corpo estava gelado. O bicho tinha a altura de quatro homens, o braço enorme de esmagador, a pata arredondada afundando o chão, o cabelo enorme, finíssimo, o focinho na minha cara, querendo quebrar meu crânio, cheirando feitiço. Ainda no último que tinha de humano, rindo pelo focinho que não tinha mais o dom, falou estranhamente que o lugar em que se matava o Capecanrá, era, e veio gargalhada. Eu peguei a madeirinha e enfiei na altura do meu braço. Minha felicidade era que nessa posição eu acertava o umbigo do bicho. Ele, em um instante, se contorceu por inteiro, foi assombroso de ver, se enroscou todo com a madeirinha no

umbigo. O sábio virado bicho, soltou o último suspiro como humano, perguntou como eu sabia. Sabia nada, foi graça. E morreu ali, nunca aquela fera fez vítima nenhuma.”

“É. Acredito por ter visto o bicho, é Capelobo. Só do final desconfio.”

“Pode ser a sua crença o que lá entender, mas sei que não tem a coragem de um índio dos milênios encarar, nem as ervas guardadas no fundo da algibeira.”

“Continuai, não cesseis antes do fim”.

“Dungomem animal Quibungo. Monstro grande arrotava gigante aos saltos perfura afunda abismo incontável devassa floresta em falsa promessa de voltar ser homem, bicho homem completo destruição cavado nos céus de bambus com casas de quente derretida em banhos pedra negra queimando ardente, ora Dungomem dos monstros monstro se fere em matança em que destrói com mão aberta em golpe só sem ninho de dor pensar imaginar quem sabe fazer nos calombos da mão, arrasa as mais altas montanhas como monstro imaginado que existe que é, fortíssima criatura cara chata horripilante, caminha descalço e as marcas de pata colossal que fende e faz vazante de tantos por aí rios enormes importantes fazendo mais que os montes que caem rolam, pata gigante cratera fantástica sob o pé abriga um rombo sem fim de tamanho com a forma bem alto percebida clareada ainda incompreensão paira na incompreensível maneira, velho bicho matuto. Quando quer tem sede grita caindo nisso pedaços presos fixos no decalque da terra vai Dungomem ao rio bebendo secando sem fim saciar a sede que é por inteiro a criatura querendo muda de lado pelos cantos mais parecendo mágico encantamento a obra de monstro a floresta que circula pelo braço de Qui, Dungomem. Ora que besta atravessa caminho inventado no ódio gigante que vive adormece e quase sempre se acorda doido no bicho...”

“Vou me.”

“Vai embora?”

“Qual problema, vai.”

Etâ pessoal enjoado.

“... o caminho criado no gigante odiar vivente adormente e meio sempre quando se acorda doido no bicho...”

“Para quem fica...”

Vai e fica quieto.

“Vou passar lá por cima, o caminho é mais gostoso.”

Quem quer saber.

“... o bicho, cabriolado poderoso furioso, funde a terra o Qui, animal bicho um olho no meio de algo como cara como o pé, perna, tudo uno, símbolo que é, assim Dungomem no conceber imaturo caminho uma árvore destroça engole enterra na boca em deserto cheirando raiz cai inteira a floresta dormia antes tranqüila fingindo não saber existir Dungomem, celeiro do Qui, criado para ser o incriado fereza carrega inominável, na pata de monstro uma forma casco garrafa convexo; a geometria abarca formas incalculáveis de ilustrações polimedidas na precisão formentada por abstrações da lógica formada para ser repudiada ultrapassada pela lógica do impossível para adaptar entre homem e mundo relação palpável penetrante devido ao absurdo incompreensível que afinal são as formas do mundo, como esse Dungomem, animal besta homem, irreal e presente sempre em lados vários que é feio como esgota a percepção do homem mais incrível aspecto do que impronunciável sensação de besta que sempre é, e são longos para sempre o sempre os cabelos pelos lados inteiros da floresta que espalha os fios dizem antigos rumores são cipós grossos resistente para as jangadas jungidas sempre juntas segurar as toras presas fixas madeira à madeira sendo só o fio do cabelo desse bicho improvável. Ora quem vai quem

fica não há como esquecer perceber os traços rastros do homem Qui, Dungomem. As dentadas esburacam mais que abismos a terra mais pedras o que for dos milênios para ele basta ser em um golpe mais que minúsculo tempo das horas, fração da geometria que se forma em saliente ir do caminho que foi marcado para ser as horas, dentada causa impressão que é inalterável basta uma para mundo remodelar, vivendo sempre muda esse mundo filho de alguma inconstância inexplicável, feitoria de insuportável criação jeito louco de ir para o outro meandrando caminhos para o lá e além, sabe certo sempre certo esse jeito essa lenda quem for filho no matagal se feito.”

“Tir... o nome que escapa, Ti, Ráe...”

“Aí tem mais um, um que faz o risco do caminho encruzilhado, da maldita procissão, daquela jornada.”

“O interior de um pântano infinito reflete repete a lenda do velho camarada chamado Tirbarné ou Tiranaé.”

“Tir sacia minha sibila voz amada da beleza. Move lento vagaroso jeito que é do velho alma antiga para o além, pele índio é silencioso ao redor que é tudo deixa por meio inconcebível. É ele mesmo arrastado caboclo mais para índio empobrecido do que era fantasia de ser é também mesmo sendo homem, velho índio, traiçoeiro, pedinte, que anda, fala, pede, que é isso sem discordar obra tudo de humano, vivo, real, de pele, com voz, olho, braço e o que é mais para viver, se viver...”

“Ouve só que o Tirnaé eu encontrei uma mais setenta sete, dezessete vezes, que ele chega de improviso não tem anúncio e não faz estrondo, é um antigo das matas que então surge e pede algo. É como um pacto ou um tipo aliança, os mais recentes desconfiam e tentam fingir que não está ali, mas quando chega o Tirnaé é preciso com pressa dar o que pede, que não deve mais do que ninharia ser, uma correntinha, um cordão, cordel, um colar, um pedaço de pano, pode ser um cachimbo, ou quem ouviu ele pedindo um gorrinho, uma pedra que corte um pano ou algo assim, pode pedir a variedade que são as miudezas, um santinho ou uma cruz pequenita. Ele surge e para, pede e fica, aí para afastar é só fazendo o pedido, ele pega e vai embora.”

“Senão seqüestra as crianças.”

“É, mais isto é para que eu conte, eu que fiz a estória toda e o fim devia ser obra minha também, é atrevimento esse afinal. Ele seqüestra se pedido não é cumprido, fica parado na porta da casa e vai embora com o presente ou a criança. A seqüestrada a um estranho e nunca descoberto esconderijo se vai. Dizem os mais velhos e experimentados ser esse lugar algo parecido a uma caverna feita pelos próprios Tir-Nar-Raé. O mais ocultado, no entanto, é o que é dito mais sobre como foram feitas as meio cavernas. Restam bem poucos sabedores da estória, ela parece uma lenda de antiguidade muita além do tempo, traz inúmeros detalhes que não são mais ouvidos, mas de algum jeito sempre presentes em retalhos nas lendas ainda hoje existentes. Sei do dito, há mais de milênios do que foi o mundo, talvez antes de qualquer humano, viviam criaturas muito além do imaginável nos dias de hoje, com muitos aspectos, enchiam a imensidão do mundo. Entre as criaturas havia uma que pode estar na origem das cavernas, o berço das crianças raptadas. Eram criaturas com pêlo fino, grosso e duro como um espinho resistente, bem grande também, pois o próprio bicho era de um tamanho descomunal. Os pêlos cobriam uma parte arredondada do corpo, sendo nesta porção mais duros e abundantes do que em qualquer outro lugar. Junta desta parte estava uma outra com a forma de um ovo, de onde saiam as três finas pernas, finas, porém poderosíssimas, sendo próprias para cavar, enquanto da outra parte saiam mais seis. Ninguém sabe se a criatura tinha olho, acho que não tinha ouvido também, só boca,

duas bocas com dentes pontiagudos que quebravam o que fosse. Acho que ela tinha muitos outros detalhes, mas não tem como saber, vou deixá-la com o que é certo, as patas perfurantes e as bocas triturantes. Ela vivia embaixo da terra. Falavam as lendas, hoje quase não falam, sobre as largas e profundíssimas galerias construídas por elas, dos emaranhados labirintos escavados em rochas milenares, dos grandes poços feitos para servirem de depósito do feto da raça delas. São lendas aprofundando-se nas mais incríveis raízes de cada ser por vias de viver, por vezes são esplêndidas, trazendo junto, com raras vezes não, o aterrador. Não vou falar mais sobre esse ser estranho, são lendas que alguns preferem lançar no buraco em que se esquece, é entendível. Seja como for, sejam as cavernas algo feito pelos Tir-Nar-Raé ou pelas criaturas lendárias, ainda, se as cavernas realmente existem, e existindo ou não, vou dizer-lhes como elas parecem ser. Digo por ter sido um amigo do meu avô, quando era tempo de infância, havia muito ouro, seqüestrado por Tir, descrevendo ao meu avô, com palavras vivas, a missão que passou. Não sei ao certo sobre os muitos detalhes, o meu avô era sóbrio demais para falar por muito tempo, estão, além disso, os fios da minha cabeça cansados, parecem um pano encharcado de água, incapaz de reter qualquer gota mais enquanto perde muitas. Entra-se por um plácido lago, largo até. A água é muito boa, é diferente, não se nota muito nela no frio ou calor. Ele é profundo nalgumas partes, mas quase sempre é possível ficar com os pés no chão. Não sei direito onde ele termina, mas fica mais raso quando próximo a uma escada de pedra. Vários degraus estão embaixo da água, eles são feitos de pedra, bem aparadas, não largos demais, porém bem menos estreitos, o bastante para caber o pé inteiro. A cor dele é um marrom claro, talvez chame ocre, não sei se chega a ser bege. Ao subirmos a escada, que é levemente curvada, chegamos em uma parte plana. O chão é igual a escada, tudo é feito da mesma pedra. Aí começa o mais interessante. Na parte plana, que deve ter mais ou menos seis passos grandes de tamanho, sendo um pouco mais larga que os degraus, tem uma porta de vidro. A porta é presa em umas poucas peças de madeira. A porta é um pouco maior que a gente, e larga. Dentro está guardado um pote de vidro, dentro está guardada uma névoa, é intocável. A porta fica trancada, é preciso um anel também para abrir o pote de vidro, eu sei que isso traz muitas transformações. A gente continua, não sei por onde depois daí, lembro de falarem que se chega em outra parte, mais interessante. Ainda é a mesma pedra, só um pouco mais clara e parecendo mais delicada, como se fosse mais polida, menos gasta com cortes, mais perfeita no modo que foi feita. As paredes se decoram com traços de guerreiros, personagens, deuses, adoradores todos em uma forma imprópria ao humano, não tem altas semelhanças. Entre as paredes existem vãos, ainda mais quedas suaves de água apenas de cor azul. O som torna o lugar mais misterioso. Indo mais, vê-se, em cima, feito nas pedras, no alto, tocando a parede, estreito, o antigo lugar de refeições. O que se sabe é que ali havia comida como oferendas. É um lugar pleno em magia, mas não sabemos de quem é obra. Mais sobre o lugar igualmente não saberia falar. Sobre o Tir-Nar-Raé, há algo mais. Para a caverna as crianças capturadas são trazidas, elas das idades tenras. Entre os antigos são criadas, separadas entre elas, entre as galerias. São alimentadas, onças, corujas, aves, Jur-Na, Colo-Torto, outros seres de mistérios as acompanham. Aprendem línguas do antigo, tradições imemoriais, recebem índios milenares, conhecem os labirintos sob o mundo, ligações, cavernas perfurando e unindo o mundo. Enchem-se de mistérios, sabedorias, não vêem humanos ou crianças, só os mitos. Rápido a mente faz a criança murchar, tamanho encanto do sobrenatural vem ter com elas, ficam como velhos em poucos anos, ambulantes. Passados mais anos, incapazes de falar muito devido aos tantos

encantamentos, são soltas, e vão seguir o destino dos Tir-Nar-Raé. Não refletem, seguem a trilha mágica deles, o motivo ninguém sabe.

“Tirnaraé, homem interior da selva entretecida nas folhas mesclada igual sombra terreiro que era da casa da tribo do passado reino. Misterritório secreto lenda que vem caminha sempre se mescla igual florestas nas outras e tantas lendas do velho outro território pelo mar separado...”

Ho, que pára essa enjoança de febre, cansada, malvada, não é mais suportada. Pára que passa o pará.

“Sua fungueira, quieta que ouviu aqui todo mundo a sua vez, agora deixa o maluco contar o que quer ele.”

“A cobra tem pompa de ares cheio de guerra, parece ser uma vira outra, tão longe esquece o que era apresentando no próprio desconhecimento que virá a ser, nefanda serpente, que muda, se mescla na incompreensão do instável. A língua que ao ar estremece repele cadência fina de pensamento, confuso que é, sem saber para que, perfeito parecer. Ora essa, que vai esvai, fino tino fluindo ir.”

“Tir de outro olho, figura do pântano que abraça a cruzada de Jová.”

Olha, relembra o comandante que dos lados ia ficando...

“Fica, fica mais, que importa, dele basta só, deixa ser o mito pelo caminho, percorrido destino indo embora.”

“O símbolo é o reino da figuração.”

Mais que calhau.

“Ah! Ah! Calabouço eterno fogareiro,

Um lapso ao remorso

Relembro, anoiteço no colo da serpente.

“Olha que te matam como o outro.”

“Permita antes que eu fale do Iur-Turpenrá. Uma ave enredada em uma árvore, solta um pio ou assobio de uma lúgubre tristeza.”

Ah, beleza de feiura.

“Na ponta extrema do oeste floresta gigantesca entre mesmo reinos de divisa o território floresce arrepios sobre um Matinta...”

Esse tem nome polimúltiplo, etâ carabá é Matina Mainho per pei, pera lá que estou esquecendo, isso é que é, Mar tem pira, Peira, beira, supera, veja abismo, suspira, Pira, Peira, Matina, Manhã, taci, taciturna, vexe só, mar tan beira pei, pega um, pega mais outro, vira um, cole, coloque, quem amigo da raiz vai saber, tá tudo por aqui, vê-se rápido, senão foge.

“Matinta mágico para ser tem em filhos seus, ninguém ouve sem saber jamais para esquecer é filho, da magia pacto e a aliança.”

“Matinta, meu velho, é um camarada das infâncias, ouve só, não é infâmia, pare para reparar minha contada, ouve só, é só solitário que pode ser o ouvir, igual como o mais de ser importante.”

Olaiá, que pode rebuscar em inventação das mentirosas mais que o butinão aí querendo falalar, cala a boca, carabo, o doido de cobra tá querendo se prosseguir, e ouve só você, butija, ninguém pode de Matinata se amigar, sabem bem lá é criatura... ah, deixa.

“Ele é filho de algo inominável recebe pacto e aliança solidário, pode ser ter forma para contar além dos três, geometria a mais, ele diz eu sou amigo das corujas, meus pais são as onças, vivo no puleiro das aves noturnas. Quem duvida ou desconfia, reitero meu parecer, o Matinta caminha por lá acolá, vem e desvem nas passadelas passarinho da morte,

ângulo mecânico da estrada tem um um mais, ouviram na jornada o caso as lendas mistórias mixórdias do mágico envolvido misterioso atenero Ranca-Figo. Como é que será por onde para qual em qual entorno retorto animalesco em forma informe informa meu amigo mulher e homem das paisagens percorridas ser o mais assustador revoltante animal mágico atemorizante Rá-Un-Cá Fin-Gun. De amarelo feio pálido doentia rançoso como pele morta agarrante ensebada se cobre Rá-Un Gun. Sinal, é sem quase sangue vive alucinante na falta do viscoso precioso líquido mágico humano enfeitado das cores da vida toda completa o corpo que há, Rá-Un Gun não o tem por não saber conhecer nos arcanos mistérios incompreensão anomalia do fantástico para produzir o saber dos seus organismos do corpo produzir, não produz vive sempre secoso de sangue pedindo o corpo sangue sangue mais e na boca vive vira desejo de ter beber esse sangue sanguenenê preciosinho. Por amarelo é a cor do corpo inteiro nojento abjeto do monstro que falo, olá lá. Disto sou símbolo. A cor remete indicando um artifício um desejo destino vive sangue mais alucinante maneira trejeito em reviver. Mais algo outro mais meio do corpo ser o ser é alongada orelha longo dos lóbulos pendentes grande chatos pesados balangando roçando pelo pescoço. Orelha grande é sinal do mágico feitiço assombrado as extremidades alongando dizem algo no reino improvável do irreal. Vê dedo comprido longo ponteiro pela frente saber ser um desses camaradas magiqueiros. Vê orelha espichada alongada vazando carnosa cabeça a baixo sabe ser criatura mágica enfeitada guardando aparências ainda com humanos, entre lá e cá quando não se fez por demais criatura sabendo dos humanos meios e modos como língua voz andar desse jeito deles. Vê as patas alongadas gigantescas monstruosas sabe sabe ser logo um monstro criatura total enfeitada do outro lado se feita como monstro mítico legendário animal aterrador irreal do outro mundo improvável. Cor amarelada do pouco sangue orelha espichalada do entre humano entre mágica. Tapam o colorido amarelado o pêlo de monstro caindo mais pelo lado inumano a humano em fato. Pêlo pelo corpo em tufo espalhado pelo corpo horrível como ponto só entre a pele malfazema. Pelo peito um pouco some e volta pela barriga se agarram pêlos nas costas pelo pescoço há na mão um pouco ou outro pelo braço e logo some volve na cabeça e descem pêlos mais em partes pequenas do rosto em tufos pela perna e tem pêlo no pé que tem grandes alongadas pontiagudas dolorosas entortecidas unhas mais para garras. Garras nas mãos nas pontas dos dedos onde foram unhas feitas para os maus atos delicados de furar espifirar nos cortes de preciso obreiro comente dos órgãos infantes infame modo próprio do vivente quase in sanguíneo. De tradição linear roubo miséria causadora riqueza nojo podre ser mefítico do posto linhagem feita riqueza erigida. Feito nobre nascido fortuna ao redor o Ra-Un-Figa-Deo tem cria conserva exige maquina trama sobre escravo servo acólito corrente de miséria criatura feito braços estendem por andanças em carros opalados escuros preto negro, admirável, correm catando traiçoeiro em maldade criança ao apetite do destrinchador Ra-Un. Escravo do bicho ao homem infligem matam são assassínios às garras malignas finas precisas duras pontiagudas nas cerras perfeita operação no ventre bucho barriga separa tira preciso o órgão fígado. Feliz felicita nos covardes mais dentre escravos monstros do monstro come devora bebe engole de sangue se farta a amarela esmarelada cor colorida e dolorida de dó criança arrebatada cai do carro lustroso metros anos distante além como corpo furado cortado mutilado em lados todos precisas feitas cortaduras lâminas unhas do bicho medonho que é Ranço-Rim. Quando longe dinastia pompa nula mulambo infeliz maldito de mesmo jeito outro destino por riqueza certo não ter vagando com saco imundo antro morado dos presos infelicitados meninos crianças frutos das unhas meticulosas precisas lâminas a rolar devorar o corpo tenro. Se bate o Rança-Rim nula

dinastia nulo escravos penúria pêlos sobem cabeça largas orelhas a cara escondem o corpo mão peluda grande feia pés garras sujos descalços em andanças meta única não nula pegar furtar roubar criança para o antro do saco mais tarde dentro do corpo do amarelo de pele monstro fabuloso comum na cidade selva. Nela encontrou os vestígios as marcas do que é o Jová procissão feito incrível um mito mais, uma marca referência no retraço do caminho percorrido lembra imita outro projeta do fonte era poesia louro imortal glória cantata oferenda epopéia indiesca sorumbáticas tribos cantam reencantam o fazedor de versos.”

“O fim está anunciado. Nas margens, ignorando, está o grupo. Incertos ainda trilham, fatigados. Relate em fim o último mito, a última lenda do caminho, das densas matas, do enfim.”

“É fim, final meu contando, sempre é impossível negar renegar surumbilar escapulir apartar fericidade que é, morte, fim que sempre é, si, si, si, quem reclama quem infesta peste fome miséria lixo comida, ora lá, essa é para deus, vive, sssssi, vive a morte por morrer quando morre e morte vive, vive como, come vivo, como verme, hei, sei lá, morte, morticínio, mortífera, mortífera, é o fim que é sempre morte. Jová, que se louva, vai morrer, no bem remoto tempo era para isso se ter feito, final, finalmente morrerá Jová, é o fim da jornada incompletada, morrando lá morra aqui, sou eu ele povo procissão caminhada jornada carne corpo e o restando. Decepa-me, como rabo. Finda na beira ignorando do destino dos rios monstros gigantes bravios furiamundo. Nas beiras bordas dos destinos o povo o mais corpo à asas minhas, certo em certíssimo ódio revolta sempre é, incompleto e fechado, terminado sem circular, não retorno, mitos não retornam. Resta no meio das frondosas opulentas árvores suculentas milhares vitais existências mito mais, foi último a se colocar pelos ouvidos de cada um, a marca que marca o fim da mítica jornada. Desfechando, beirando a morte, impossível ser outro senão mito de amor. São onças figuras enfeitiçadas mágicas em encantos noturnos milênios passados feitos. Como coruja ou ave no total ou olhe hei o mistério jaguar a mais a sempre serpente cobra em plumas fascinadas criaturas enfeitiçadas, místicas. Onça igual dos soprares obscuros ocultos magicamente impalpáveis ao humano saber poder capacidade pobre feita construída. Vive o enfeitiçado falado, portal último da jornada jovaquiana às bordas margeanas do monstro rio furibundo mais inclusive a Quibungo, poderosíssimo, a última lenda verdade. Onça-Dois. União pelo encanto irrefletido, nome simples, amor, das mais belas aspirações, a fúria envolta enlevo meu...”

“Opa! Sabe onde fica rua Caatinga?”

Olhe, ouvi antes o nome, mas tens uns quatro anos que não...

“Ah, lá mora o Jandrir.”

“Mora lá?”

Verdade, mora mesmo.

“Mas que ele tá fazendo?”

“Penso, acho uma obra.”

Trabalha com isso ainda?

“Penso sim, a filha dele cresceu.”

“Fica para qual lado?”

A Caratinga é perto das Dores.

“Caatinga!”

Tá pedindo favor e ainda grita.

“Tá a pé...”

“Você pode, grave bem, reto, terceira esquerda, até o final, lá tem uma bifurcação, um muro grande, acho que marrom... qual a cor do muro?”

Ali não tem muro.

“Laranja.”

“Será?”

“Culto maior, puro belo nome da potestade desvelada ao toque do teu rosto, inominada...”

“Tem um pé de romã, depois tem uma casinha, a da Melian...”

Ela morreu, tá doido.

“Mas a casa tá lá.”

“O muro... deve ser marrom, chegando nele, você, contornar, contornar inteiro, chegando na Bororó, pergunte lá. É a terceira, quarta, deve ser a terceira indo reto. Lá tá próximo.

Canseira.

“São as onças, igualmente enfeitiçadas por tal agente mundano, amor. Unidas una uma encimadas assim as artes delineiam devorar o delas não for. Solidária encontram tal...”

“Quem explica caminho bem é o Conselheiro.”

“Ele morreu.”

“Morreu?”

“... é dito encontrarem rendenboarem inabaláveis jeitos meios trejeitos maliciosos na calma temerária do bravo caçador assassino impassível, consumidor da vida reintegra recompõem ela aspirando vida de fora para dentro interior redentor das maldades cometidas por comer devorar insaciável o mais de evocar vivência. Nos estratégias malignos habilmente construídos envilecido feito refeito dos tratamentos...”

“Ele é irmão de quem?”

“Sei não.”

“Os planos muito hábeis tecem reiteram modulam fazem refazem ao mole passar do amoroso de pinta rugido juntas amando solidárias existências em sonho só acabada por uma mão, o humano sempre suja a parte assume. Onça-dois vaga vária entre matos floresteiros paisagens de lá qual forma meio se formada for sempre como igual outras onças inesperadas agente invisível no sempre entre quases. Vendo Onça-dois indistinguível salvo sabe somente só o senil sonolento assemelhando assombração do ser um dia ido esse sabedor do imemorable, impossível ainda sim realizado, percebe onça andando em certa unida indespreendida companhia companheira vê Onça-dois. No arдил malidicente uma ataca outra cerca nos recuos, no sempre entre quases foge quando pode refugiado foragido entre veios nos galhos arreganhados arregalados olhos abertos apavorado pulsa coração preso fixado entre sobre árvore a proteger do ataque bruto onça feito. Supondo salvação não suspeita é maldição marca a onça o pé da árvore e na presença nunca se vai por uma sair e outra vigiar uma partir e voltar outra ir e revir...”

“O humano trepado nas galhanças se foi. Uma onça vigia enquanto a outra faz o que precisar. Depois elas trocam, ficam ali juntas também, sempre vigiando. O homem por mais forte que se faz um dia cai, pode durar até vinte dias lá em cima, mas vai cair ou de fome, sede de sede, sede de cansaço, sede, sono, o corpo é sede de medo, sede de preguiça, tem sede de descanso, vem descaso, sede audácia, escorregão, loucura, valentia, burrice, esquecimento, desligamento, enjeito, doença, chuva cessa sede, sede ao desastre, sede a vento, sede de peso, penúria, sede o motivo qual for, cesse vitalia e o bicho não sosseguento devora osso, camisa, calça, chapéu, olho, cabelo, pele, dedo, orelha, coração, pulmão, correntinha, pulseira, dente, nariz, sangue, pé, barriga, coxa, língua, cabeça, gordura, sapato, bota, meia, joelho, músculo, órgão, e o que for além. Segue.”

“Onça-dois singular única marca em forma guarda das patas outroras garras tornadas místicas patas cascos.”

“É, parece de boi. Pata de boi. Por isto na árvore não sobem. Mas esperam.

“Cansa demais ficar muito em pé.”

“Em pé de quê? Jabuticaba?”

“No pé que está não há futuro.”

“Gosto de da de cará.”

“Gosto de fruta doce.”

“Que gosto.”

“Que gosto? Gosto doce?”

Eu, por outra via, não me aprazo de cara.

“Mas cará é planta, não é possível ficar no pé?”

“Cará é planta boa para o pé?”

“A planta do meu pé está doente, na casa de quem tem essa planta?”

“Na casa do sapato.”

“Ele casou com a feia mor.”

“Merlin sapateiro?”

“Ela tem muito apetite, comilona.

“Faz sapato?”

“Não sei, trabalha com madeira, banco, isso assim.”

“Gananciosa, para aprender o ofício dele, acho que casou só para aprender o que ele faz.”

“Trabalha muito, de manhãzinha tá de pé.”

“É, cansa demais ficar muito em pé.”

“Mas assentado também.”

“Cansa menos.”

“Se ele faz banco para que fica de pé?”

Ruim é ficar muito tempo de um jeito, em pé, assentado, como for.

“Deitado cansa menos.”

“Agora embrei. Quando falou que seu pai era duro como pedra...”

“Não, só quando dorme, aí é diferente, é para descansar que vai deitar.”

“Quem?”

“Não sei, quem foi.”

“Cansa é trabalhar.”

“Não sei também, o estranho é... você viu o trabalho que o Jandrir fez?”

“Viu como que esse aqui é preguiçoso?”

“Vi.”

“Ha, quem não viu.”

“Quem não tem hábito, cansa, fica ocioso, quem trabalha acostuma, cansa quando fica a toa.”

“Mas o Jandrir é trabalhador.”

“Ele é meu parente, se falar dele tá perdido.”

“Sei não.”

“É sim, ele mexe com madeira. Faz umas obras para o mamulengo, fica bonito.”

“Pequenas.”

“Mas o Jandrir é trabalhadeiro, então.”

“Alguns tem penas, mas as pernas são pequenas.”

Trabalhadeira estrumbicada pela língua extraviada nunca pagou o que me deviam, deve o devedor estar vendo onde estou para ficar escondido em algum lugar qualquer. A dívida foi e jamais voltou, eu chorei, procurei, mas o maldito tá em algum buraco qualquer. Por causa da dívida me sacrifiquei para comprar comida e nada mais nem deu para comprar. Do mesmo jeito o pessoal lá de casa ficou irritado pela dívida. Pouco resta lá no meu casarejo, as pessoas emburram todos os dias, a falta de ter como comprar, e o que tinha acaba, e o que tenho a gente desfaz. É assombrosa a rua frente da minha casa, quando chove, que é difícil, enche tudo de água. É uma tristeza, lodo para todo lodo, entorta os ferros do portões, parece obrigação que sempre vai ser assim. O aguaceiro até tampa as frestas, desmancha as roupas, enche de terra o quintal e fica uma barreira sem forma.

“Barra suja de montão.”

“O Jandrir é que arruma a calça da, gente ele é trabalhador.”

“Eu até gosto de brincar.”

“Ho, parece bobo.”

“Mas a rua de nós não tem passeio.”

“Estou brincando.”

“O Merlino é que arruma diversão para o pessoal aqui.”

“Só eu importa, nós não importa.”

“Importa sim, aqui não tem, dura demais na quebra, parece miolo, gosto esquisito.”

Barreira é ravanessa, só dá transtornação. Tem barro que é pior que outros.

“Tem.”

“Atem.”

Não é do sol não, falo da chuva, taloco, poupa da terra. O barro menos anatiuanesco é avermelhado, mas não vermelho, quase marrom, preto, laranja, o grudento, tudo que esbranquiçada quer voz outra é angramainu. Quando eu era bem criança, não sei quando, choveu muito, despencou uma fationa de barranco, muito, veio para baixo molhado, grudecento que era sarmento. As molecadas foram disparando, eu estava com roupa bem bonita, eta barreira que era, a garotada pegou os pedaços do barro.

Sobre o Autor

Aliors...

sua proposta é que a obra seja o único meio de relação entre autor e leitor...

.

Contatos:

e-mail: aaliors@yahoo.co.uk
jjal2003@yahoo.com.mx

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

casadacultura.org



Diretor Geral

André Carlos Salzano Masini

casadacultura.org

